RESIDENT EVIL

A CONSPIRAÇÃO DA UMBRELLA

S.D. PERRY

S.D. PERRY

RESIDENT EVIL

Livro 1

A CONSPIRAÇÃO DA UMBRELLA

Formatação ePub de LeYtor

PRÓLOGO

Latham Weekly - 2 de Junho de 1998

"Assassinatos bizarros cometidos em Raccoon City"

RACCOON CITY - O corpo mutilado de Anna Mitaki de 42 anos foi descoberto ontem num terreno abandonado não muito longe de sua casa no nordeste de Raccoon City, fazendo-a ser a quarta vítima dos supostos "assassinos canibais". De acordo com relatórios do investigador de outras vítimas recentes, o corpo de Anna mostrou ter sido parcialmente comido. As marcas das mordidas são aparentemente humanas.

Logo depois do descobrimento de Anna por dois corredores à aproximadamente nove horas da noite passada, Chefe Irons fez um breve discurso insistindo que o RPD está "trabalhando solicitamente para apreender os criminosos por tantos crimes horríveis" e que ele está consultando com oficiais da cidade sobre mais medidas de proteção para os cidadãos de Raccoon City. Em adição, outros três morreram de provável ataque animal em Raccoon Forest há algumas semanas, aumentando o número de vítimas para sete...

Raccoon Times - 22 de Junho de 1998

"Terror em Raccoon! Mais vítimas mortas"

RACCOON CITY - Os corpos de um jovem casal foram encontrados no domingo de manhã no Victory Park, fazendo Deanne Rusch e Christopher Smith a oitava e a nona vítima do reino de violência que tem aterrorizado a cidade desde maio deste

ano. Ambas de 19 anos, as vítimas foram dadas como desaparecidas pelos pais preocupados no sábado à noite, sendo achadas por policiais na margem oeste do Victory Lake, à aproximadamente duas da madrugada. Embora nenhum pronunciamento oficial tenha sido feito, testemunhas do descobrimento confirmam que ambas as vítimas tem ferimentos iguais aos achados nas outras. Se os assassinos são humanos ou não, ainda não foi anunciado. De acordo com amigos do casal, os dois falavam sobre capturar os "cães selvagens" recentemente descobertos no parque densamente florestado, e planejavam violar o horário de recolher da cidade para ver uma dessas criaturas noturnas. O Prefeito Harris marcou uma entrevista com a imprensa para esta tarde, e é esperado para fazer um pronunciamento a respeito da atual crise, desejando reforço mais rígido no horário de recolher...

Cityside - 21 de Julho de 1998

"S.T.A.R.S. Special Tactics and Rescue Squad enviado para salvar Raccoon City"

RACCOON CITY - Com o desaparecimento de três excursionistas em Raccoon Forest no começo dessa semana, oficiais da cidade fizeram um bloqueio na rota rural 6 nos pés de Arklay Mountains. O Chefe de polícia, Brian Irons, anunciou ontem que o S.T.A.R.S. participará da busca dos excursionistas e também trabalhará com o R.P.D. até haver um fim para os assassinatos e desaparecimentos que estão destruindo a nossa comunidade. O Chefe Irons, um prévio membro do S.T.A.R.S., disse hoje (em uma entrevista exclusiva por telefone) que "esta é uma boa hora para usar os talentos desses dedicados homens e mulheres a favor da segurança da cidade. Nós tivemos nove assassinatos brutais e ao menos cinco desaparecimentos em dois meses e todos esses

acontecimentos ocorreram nas proximidades de Raccoon Forest. Isso nos faz crer que os criminosos podem estar escondidos em algum lugar no distrito de Victory Lake, e o S.T.A.R.S. tem o tipo de experiência que nós precisamos para achá-los." Ao perguntarmos porque o S.T.A.R.S. não foi convocado antes, Chefe Irons disse que a equipe esteve ajudando o R.P.D. desde o começo, e que eles deveriam ser uma "adição bem vinda" à força tarefa que esteve trabalhando nos assassinatos o tempo todo. Fundado em Nova Iorque em 1967, o S.T.A.R.S. foi originalmente criado como uma medida anti-culto terrorista por um grupo de oficiais militares aposentados e ex-agentes da CIA e FBI.

Sob direção do antigo diretor da NSDA (National Security and Defense Agency / Agência de Segurança e Defesa Nacional), Marco Palmiere, o grupo rapidamente expandiu seus serviços, trabalhando com delegacias de polícia locais. Cada escritório do S.T.A.R.S. é projetado para trabalhar como uma unidade completa. O S.T.A.R.S. montou sua unidade em Raccoon City através de arrecadamentos de fundos de vários empresários locais em 1972, e é atualmente liderado pelo capitão Albert Wesker, promovido à posição há menos de seis meses...

Capítulo 1

Jill já estava atrasada para a reunião quando, de alguma maneira, deixou suas chaves caírem na xícara de café, a caminho da porta. Desacreditada com o leve *ting* no fundo da xícara, ela ainda deixou cair uma grossa pilha de documentos que carregava debaixo do outro braço.

— Ah, droga.

Ela viu as horas assim que ia para a cozinha com o copo na mão. Wesker havia marcado a reunião para 19:00 em ponto, significando que ela só tinha nove minutos para fazer uma viagem de dez, achar um lugar para estacionar e pôr o traseiro numa cadeira. Era a primeira reunião desde que o S.T.A.R.S. assumiu o caso — droga, a primeira reunião desde que ela tinha sido transferida para Raccoon — e ela iria se atrasar.

Deve ser a primeira vez em anos que eu me preocupo em estar no horário, e acabo parando na porta...

Resmungando, ela foi até a pia, sentindo-se tensa e brava consigo mesma. Era o caso, o maldito caso. Ela pegou as cópias dos arquivos logo depois do café da manhã, e passou o dia todo mexendo nos relatórios, procurando por algo que os policiais não viram — e se sentia cada vez mais frustrada quando o tempo passava e não achava nada de novo.

Ela virou a xícara e tirou as mornas chaves, enxugando-as no seu jeans enquanto corria para a porta da frente. Ela se abaixou para recolher os papéis e parou... olhando para a brilhante foto colorida.

Oh, meninas...

Ela ergueu a foto vagarosamente, sabendo que não tinha tempo e ainda incapaz de tirar os olhos das delicadas faces cobertas de sangue. Becky e Priscilla McGee. Nove e sete anos.

Você pode continuar fingindo ou pode admitir. Tudo está diferente agora. Está diferente desde o dia em que morreram.

Quando Jill se mudou para Raccoon, ela andava sob muito estresse, incerta sobre a transferência e até mesmo se queria ficar no S.T.A.R.S.. Ela era boa no trabalho, mas só o pegou por causa de Dick; depois do processo, ele começou a pressioná-la para que seguisse outra profissão. Durou um tempo, mas o pai dela era persistente, dizendo sempre que um Valentine na cadeia era demais. Com o treinamento e o passado dela, não havia muitas opções — mas o S.T.A.R.S., ao menos, apreciava suas habilidades, e não se importava com o resto. O salário era decente e havia o elemento de risco que ela passou a gostar, em retrospecto, a mudança de carreira foi bem fácil; isso deixou Dick feliz.

Mesmo assim, a mudança tinha sido mais difícil do que ela pensava. Pela primeira vez, desde que Dick foi preso, ela se sentiu realmente sozinha. E trabalhar pela lei começou a parecer uma piada — a filha de Dick Valentine trabalhando pela verdade e justiça. Sua promoção para os Alphas, uma boa casa nos subúrbios — era loucura. Ela pensou seriamente em abandonar tudo e voltar a ser o que era...

... até que duas garotinhas, que viviam do outro lado da rua, apareceram na sua porta perguntando se ela era mesmo uma policial. Seus pais estavam no trabalho, e elas não conseguiam achar o cachorro...

... Becky em seu vestido escolar verde, Pris em seu macacão —

ambas tímidas e chorosas...

O filhotinho estava andando num jardim a algumas quadras dali. Sem esforço, Jill fez duas novas amigas. As duas irmãs praticamente adotaram Jill; apareciam depois da escola trazendo flores, brincavam em seu jardim nos fins de semana, cantando as intermináveis músicas aprendidas com filmes e desenhos.

As meninas, miraculosamente, tiraram a solidão de Jill. Pela segunda vez em seus vinte e três anos, ela se sentiu parte da comunidade a qual vivia e trabalhava.

Seis semanas atrás, Becky e Pris se afastaram de um piquenique em família no Victory Park — e se tornaram as duas primeiras vítimas dos psicopatas que, desde então, vinham aterrorizando a cidade.

A foto tremeu levemente em sua mão. Becky deitada, olhando cegamente para o céu, com um buraco na barriga. Pris estava estendida próxima a ela, braços esticados, pedaços de carne arrancados selvagemente de seus membros. Ambas foram estripadas, morrendo de forte trauma antes de sangrarem. Se elas tivessem gritado, ninguém ouviria nada...

Chega! Elas se foram e você pode finalmente fazer algo!

Jill colocou a papelada de volta na pasta e saiu logo depois, respirando profundamente. A noite estava começando, o cheiro da grama estava forte no quente ar do verão. Em algum lugar rua abaixo, um cachorro latia entre as crianças. Ela foi para o seu cupê cinza estacionado na rua, tentando não olhar para a silenciosa casa dos McGee. Jill dirigiu pelas largas ruas do bairro, vidro abaixado, atingindo o limite de velocidade, mas de olho nas crianças e animais. Não haviam muitos deles por ali. Desde o início do problema, mais e mais pessoas começaram a manter as crianças

dentro de casa, mesmo durante o dia. Seu cupê tremia enquanto subia a rampa de acesso para a auto estrada 202. O morno e seco vento trazia seu longo cabelo para o rosto. Era bom, como se estivesse acordando de um sonho ruim.

Sendo destino ou sorte, sua vida foi afetada pelo que estava acontecendo em Raccoon City. Ela não podia continuar fingindo ser apenas uma ex-ladra, tentando ficar fora da cadeia, tentando andar na linha para fazer seu pai feliz — ou que o S.T.A.R.S. tinha apenas outro caso para resolver. As crianças mortas, os assassinos soltos para matar de novo. Isso importava para ela. O relatório das vítimas flutuava ao seu lado; nove espíritos impacientes, talvez, Becky e Pris entre eles.

Ela descansou seu braço direito sobre os papéis, parando os gentis movimentos — e jurou que acharia o responsável, não importava o que custasse. Não importava o que tinha sido no passado ou seria no futuro, ela havia mudado... e não seria capaz de descansar até que os assassinos pagassem pelos seus atos.

***

— E aí, Chris!.

Chris se virou da máquina de soda e viu Forest Speyer descendo o corredor em sua direção, com um grande sorriso. Forest era alguns anos mais velho que Chris, mas parecia um adolescente rebelde — cabelo comprido, jeans apertado, e uma caveira fumando cigarro tatuada no braço esquerdo. Ele também era um excelente mecânico, e um dos melhores atiradores que Chris já viu em ação.

— E aí, Forest. Como vai? — Chris tirou uma lata de soda da

máquina e olhou no relógio. Ele ainda tinha alguns minutos antes da reunião. Chris sorriu para Forest que parou em sua frente com os olhos azuis brilhando. Forest estava carregando um monte de equipamento — colete, cinto de utilidades e uma mochila.

— Wesker deu o 'vai em frente' a Marini para começar a busca. O Bravo Team vai entrar em ação. — Ele jogou suas coisas nas cadeiras dos visitantes, ainda sorrindo.

— Quando? — Chris perguntou. Forest colocava o colete à prova de balas enquanto falava.

— Agora. Depois que eu equipar o helicóptero. Enquanto vocês Alphas ficam sentados fazendo anotações, nós estamos indo chutar o traseiro de alguns canibais!

— É... mas fique de olho no seu, tá bom? Eu ainda acho que há mais acontecendo do que alguns idiotas vagando pela floresta. Você sabe disso.

Forest jogou o cabelo para trás e pegou o cinto, já concentrado na missão. Chris pensou em dizer mais, mas hesitou. Forest era um profissional; não precisava ser dito para tomar cuidado.

Você tem certeza, Chris? Você acha que Billy era cuidadoso o bastante?

Suspirando, Chris deu um toque no ombro de Forest, saiu pela porta e desceu o corredor. Ele estava surpreso que Wesker tenha mandado os times separadamente. Mesmo sendo normal para um time menos qualificado fazer o reconhecimento, esta não é exatamente uma operação normal. O número de mortes a qual estão lidando era suficiente para um combate mais agressivo. O fato de haver sinais de organização nos assassinatos, deveria tê-los trazido para o nível A1, mas Wesker ainda estava tratando-os como uma espécie de treino.

Ninguém mais vê isso; eles não conheciam Billy...

Chris pensou de novo sobre a noturna ligação que recebeu de um amigo de infância semana passada. Ele não teve notícias de Billy por um tempo, mas sabia que tinha conseguido uma posição de pesquisa com a Umbrella; a companhia farmacêutica que era a única contribuidora para a prosperidade econômica de Raccoon City. Billy não era do tipo de pessoa que se jogava nas sombras, mas sua aterrorizada voz acordou Chris, enchendo-o de preocupação. Billy disse que sua vida estava em perigo, que todos eles estavam em perigo. Ele implorou para se encontrar com Chris num restaurante... e nunca apareceu. Desde então ninguém mais ouviu falar nele.

Chris pensou nisso durante todas as noites, tentando se convencer de que isso não tinha nada a haver com os ataques. Os policiais que vasculharam o apartamento de Billy, não acharam nada que indicasse um crime... mas os instintos de Chris o disseram que seu amigo estava morto, e que foi morto por alguém que queria calá-lo.

Eu devo ser o único. Irons não dá a mínima e o time acha que eu estou chocado com a morte de um velho amigo...

Ele tirou os pensamentos da cabeça assim que virou no corredor, suas botas fazendo ecos. Ele tinha que se concentrar no que poderia fazer para descobrir o que aconteceu com Billy.

Mas ele tentou não pensar em nada enquanto se aproximava do escritório do S.T.A.R.S., querendo estar de cabeça fria para a reunião. As fluorescentes chegavam a incomodar sobre a luz do entardecer que preenchia o corredor; o departamento policial era um clássico pedaço de arquitetura. Telhado entalhado, muitos detalhes em madeira, e tinha muitas janelas projetada para deixar o sol entrar. Quando Chris era criança, o prédio foi a Prefeitura de

Raccoon City. Com o aumento populacional há uma década, o lugar se transformou numa biblioteca, e quatro anos atrás virou uma delegacia. Parecia que tinha sempre algum tipo de construção acontecendo...

A porta do escritório abriu, o som de irritadas vozes masculinas encheram o corredor. Chris hesitou por um instante, ouvindo a do Chefe Irons entre elas.

“Me chame de Brian” Irons era um centralizado político disfarçado de policial. Não era segredo que suas mãos estavam em mais algum lugar na cidade.

Chris escutou a voz de Irons. Era difícil acreditar que um dia ele havia liderado o S.T.A.R.S. de Raccoon. Ainda mais se algum dia ele se tornasse o prefeito.

Chris entrou na sala que servia de base de operações do S.T.A.R.S.. Barry e Joseph estavam conversando na mesa da recruta. Brad Vickers, o piloto do Alpha Team, estava bebendo café e olhando para a tela do computador central. Do outro lado da sala, o Capitão Wesker estava encostado em sua cadeira com as mãos atrás da cabeça, sorrindo com alguma coisa que o Chefe Irons estava dizendo.

— Aí eu disse, 'Você vai imprimir o que eu digo para imprimir, Bertolucci, e você vai gostar, senão você nunca mais vai pegar outra cota daqui!'. E ele disse...

— Chris!. — Wesker interrompeu o chefe, desencostando-se da cadeira. — Que bom que você está aqui. Parece que podemos parar de jogar tempo fora. — Irons olhou feio em sua direção mas Chris manteve sua face inexpressiva. Wesker não se importava muito com Irons, e vice-versa, e não se incomodava em tentar ser educado com ele.

Chris caminhou na sala e parou na mesa que dividia com Ken Sullivan, um dos Bravos. Sendo que os times costumavam trabalhar em turnos diferentes, a sala não precisava se muito grande. Ele colocou a lata fechada de soda na desgastada área de trabalho da mesa, e olhou para Wesker.

— Você está enviando o Bravo?.

Tranquilamente, o capitão olhou de volta com os braços cruzados.

— Procedimento padrão, Chris.

Chris se sentou.

— Sim, mas segundo o que conversamos semana passada, eu acho...

Irons interrompeu.

— Eu dei a ordem, Redfield. Eu sei que você pensa que está havendo alguma coisa estranha aqui, mas eu não vejo motivos para desviar da política.

Chris forçou um sorriso, sabendo que isso irritaria Irons.

— Claro, senhor. Não precisa se explicar em meu benefício.

Irons olhou para ele por um momento e voltou para Wesker.

— Eu vou esperar um relatório quando o Bravo retornar. Agora se me der licença, Capitão...

— Chefe. — Wesker acenou com a cabeça.

Irons se virou e andou para a porta. Menos de um minuto se passou e Barry começou.

— Será que ele levou a sério? Nós podemos fazer uma

vaquinha no natal e comprar um laxante para ele.

Joseph e Brad riram, mas Chris não conseguiu. Irons era uma piada, mas seu modo errado de agir nesta investigação não era tão engraçado. O S.T.A.R.S. deveria ter entrado no começo ao invés de só dar cobertura ao R.P.D..

Chris olhou para Wesker, que tinha uma expressão difícil de entender. Wesker assumiu o S.T.A.R.S. há alguns meses, transferido pela sede em Nova Iorque. Chris ainda não conhecia sua real personalidade. O novo capitão parecia ser tudo o que deveria: estável, esperto, calmo — mas tinha algo que às vezes o tirava da realidade...

Wesker suspirou e se levantou.

— Sinto muito, Chris. Eu sei que você queria que as coisas fossem diferente, mas Irons não deu confiança para seu... medo.

— A culpa não é sua. — Chris disse. Wesker podia fazer recomendações, mas Irons era o único que podia dar as missões.

Barry foi na direção deles, passando a mão em sua curta e avermelhada barba. Barry Burton tinha pouco mais de um metro e oitenta, mas era forte como um urso. Sua única paixão além da família e da coleção de armas, era levantamento de peso. E dava para perceber.

— Não se preocupe, Chris. Marini vai nos contatar assim que farejar problemas.

Chris se conformou mas não estava gostando disso.

Droga, Enrico Marini e Forest Speyer eram os únicos soldados experientes do Bravo Team. Kenneth J. Sullivan era um brilhante químico, mas segundo seu treinamento no S.T.A.R.S., ele não era capaz de atirar numa vaca ao lado de um celeiro. Richard Aiken era

especialista em comunicações, mas também tinha falta de experiência em combate. Rebecca Chambers, que tinha estado no S.T.A.R.S. por três semanas, deveria ser uma talentosa médica. Chris a encontrou algumas vezes. Ela parecia boa o bastante, mas era apenas uma garota.

Não é suficiente. Mesmo com todos nós, pode não ser suficiente.

Ele abriu a soda mas não a bebeu. Ao invés, pensou no que o S.T.A.R.S. viria pela frente, e pensou também nas desesperadas palavras de Billy.

"Eles vão me matar, Chris! Eles vão matar todos que sabem! Me encontre no Emmy's agora, eu vou te contar tudo...".

Exausto, Chris olhou para o nada, sozinho com o conhecimento de que os assassinatos selvagens eram apenas a ponta do iceberg.

***

Barry ficou em frente a mesa de Chris, tentando pensar em algo para dizer, mas Chris não parecia apto a conversas.

Sem o que dizer, Barry voltou para onde Joseph estava, procurando algo nos arquivos. Chris era um bom homem, mas, às vezes, levava as coisas muito a sério.

Estava muito quente. O suor escorria pela suas costas. Como sempre, o ar-condicionado estava quebrado, e mesmo com a porta aberta, o pequeno escritório estava desconfortavelmente quente.

— Tendo sorte?. — Barry perguntou.

Joseph ergueu a cabeça com um lamentável sorriso em seu

rosto.

— Você tá brincando? Parece que alguém escondeu a maldita coisa de propósito.

— Talvez Jill tenha achado. Ela ainda estava aqui ontem à noite quando eu fui embora, revendo os testemunhos pela centésima vez... — Barry disse.

— O que vocês estão procurando, afinal? — Brad perguntou.

Barry e Joseph olharam para Brad que ainda estava no computador, usando fones. Ele estava monitorando o Bravo Team em seu vôo pela floresta. Ele parecia de saco cheio.

Joseph respondeu.

— Ah, Barry diz que há mapas da velha mansão de Spencer em algum lugar, alguns projetos que saíram quando ela foi construída... — Ele parou, depois sorriu para Brad. — Mas eu acho que o velho Barry tá ficando caduco. Dizem que a memória é a primeira a ir embora.

Barry falou com boa naturalidade.

— O velho Barry pode facilmente chutar o seu traseiro na próxima semana, homenzinho.

Joseph olhou para ele zombando.

— É, se você não esquecer até lá.

Barry riu balançando a cabeça. Ele só tinha trinta e oito anos, mas já estava com o S.T.A.R.S. há quinze, tornando-se o membro mais velho. Ele aguentava numerosas piadas de idade, a maioria delas vindas de Joseph.

Brad levantou a sobrancelha.

— A mansão de Spencer?

— Vocês crianças devem aprender sua história. — Barry disse. — Ela foi projetada pelo grande e único George Trevor, antes de desaparecer. Ele foi o arquiteto que fez todos aqueles arranha-céus em D.C.*(Nota 1)* — de fato, o sumiço de Trevor pode ter sido o motivo de Spencer ter fechado a mansão. Boatos dizem que Trevor ficou louco durante a construção. Quando ela foi terminada, ele se perdeu e vagou pelos corredores até morrer de fome.

Brad achou ridículo, mas de repente ficou sério.

— Isso é besteira. Eu nunca ouvi nada parecido.

Joseph piscou para Barry.

— Não, é verdade. Agora o fantasma dele vaga pela casa toda noite. Eu ouvi dizer que às vezes ele pode ser ouvido, gritando, “Brad Vickers... tragam-me Brad Vickers...”.

Brad ficou corado.

— É, ha ha. Você é um verdadeiro comediante, Frost.

Barry balançou a cabeça, sorrindo, imaginando como Brad conseguiu entrar para o Alpha. Ele era sem dúvida o melhor hacker*(Nota 2)* trabalhando para o S.T.A.R.S., e um bom piloto, mas não era tão bom sob pressão. Joseph passou a chamá-lo de “Chickenheart Vickers” (Vickers medroso ou Vickers covarde) quando ele não estava por perto. Ninguém discordava da avaliação de Joseph.

— Então é por isso que Spencer a fechou? — Brad perguntou a Barry, de bochechas ainda vermelhas.

Barry respondeu.

— Eu duvido. Ela deveria ser algum tipo de pensão para os

executivos da Umbrella. Trevor realmente sumiu no final da construção e Spencer estava quebrado. Ele decidiu transferir a sede da Umbrella para a Europa, não me lembro para onde exatamente. Provavelmente alguns milhões de dólares fora do bolso.

— Como se a Umbrella fosse sofrer. — Joseph disse.

Verdade. Spencer pode ter ficado louco, mas ele tinha dinheiro suficiente e entendia de negócios para contratar as pessoas certas. A Umbrella era uma das maiores companhias farmacêuticas e de pesquisa médica do planeta.

Mesmo trinta anos atrás, a perda de alguns milhões não machucaria ninguém.

— Mesmo assim, — Joseph continuou — o pessoal da Umbrella disse a Irons que o local era seguro que mandaria alguém para vasculhá-lo.

— Então para que os mapas? — Brad perguntou.

Foi Chris que respondeu.

— Porque esse é o único lugar na floresta que não foi vasculhado pela polícia, e está praticamente no meio do cenário dos crimes. E porque você nunca pode confiar no que as pessoas dizem.

Brad franziu a testa.

— Mas se a Umbrella mandou alguém...

O que quer que Chris viria a responder, foi interrompido por Wesker.

— Tudo bem pessoal. Parece que a Srta. Valentine não planeja se juntar a nós, por que não começamos?

Barry andou para sua mesa, preocupado com Chris pela

primeira vez desde que tudo começou. Ele recrutou o jovem para o S.T.A.R.S. alguns anos atrás, graças a um encontro numa loja de armas local. Chris provou ser bom para a equipe, brilhante e pensativo tal como um ótimo atirador e um hábil piloto. Mas agora...

Barry olhou irresistivelmente para a foto de Kathy e as meninas em sua mesa. A obsessão de Chris com as mortes era difícil de entender, principalmente desde o desaparecimento de seu amigo. Ninguém na cidade queria ver outra vida perdida. Barry tinha família e queria pegar os assassinos tanto quanto os outros. Mas Chris estava exagerando. O que ele quis dizer com aquilo, "você nunca pode confiar no que as pessoas dizem"? Ou a Umbrella estava mentindo ou o Chefe Irons estava...

Ridículo. O departamento químico da Umbrella e os prédios administrativos nos limites da cidade forneciam três quartos dos empregos em Raccoon City; mentir não seria bom para eles. A integridade da Umbrella era, ao menos, mais sólida do que em qualquer outra corporação — talvez alguma espionagem industrial. Mas isso estava longe de causar assassinatos. E o Chefe Irons, além de um gordo convencido, não é o tipo de pessoa que suja as mãos com algo além de aceitar fundos de campanha ilegais; ele queria ser prefeito, por Deus.

Barry olhou demoradamente para a foto de sua família antes de virar sua cadeira para a mesa de Wesker, e de repente percebeu que queria que Chris estivesse errado. O que quer que estivesse acontecendo em Raccoon City, aquele tipo de brutalidade não poderia ser planejado. E isso significava...

Barry não sabia o que significava. Ele suspirou e aguardou a reunião começar.

Capítulo 2

Jill ficou profundamente aliviada ao ouvir a voz de Wesker, enquanto ia na direção da porta aberta do escritório do S.T.A.R.S.. Ela viu um dos helicópteros decolando assim que chegou, certa de que eles foram sem ela — e ela queria muito estar nesse caso desde o começo.

— O R.P.D. já estabeleceu um perímetro de busca, transpondo os setores um, quatro, sete e nove. São as zonas centrais a qual estamos preocupados, e o Bravo vai pousar aqui...

No mínimo ela estava muito atrasada; Wesker sempre conduzia reuniões do mesmo jeito — discurso atualizado, teorias, depois pergunta e resposta.

Jill respirou fundo e entrou na sala. Wesker estava apontando para um mapa fixado na frente da sala, com pontos coloridos onde os corpos foram encontrados. Ele mau interrompeu seu discurso enquanto Jill ia rapidamente para sua mesa, sentindo-se como se tivesse voltado para o treinamento básico e chegado atrasada.

Chris Redfield deu um meio sorriso assim que ela se sentou, e ela acenou de volta antes de olhar para Wesker. Ela não conhecia os outros da equipe tão bem como Chris, que deu bastante apoio afim de fazê-la se sentir bem-vinda.

— ...depois de um vôo nas outras áreas centrais. Tendo eles feito o relatório, nós teremos uma melhor ideia de onde concentrar nossas atenções.

— E a respeito da mansão de Spencer? — Chris perguntou. — Está praticamente no meio do local dos crimes. Se nós começarmos

por lá, poderemos conduzir uma busca mais completa...

— Se as informações do Bravo apontarem para essa área, com certeza, nós investigaremos lá. Por enquanto, eu não vejo motivos para considerar isso uma prioridade.

Chris olhou duvidosamente.

— Mas nós só temos a palavra da Umbrella que a mansão é segura...

Wesker apoiou-se em sua mesa, sem expressões no rosto.

— Chris, todos nós queremos chegar no fundo disso. Mas temos que trabalhar como um grupo, e a melhor opção aqui é fazer uma busca pelos excursionistas desaparecidos, antes de tirar conclusões. O Bravo vai dar uma olhada e nós agiremos de acordo.

Chris enrugou a testa e não disse mais nada. Jill hesitou em girar seus olhos para o pequeno discurso de Wesker.

Ele estava fazendo a coisa certa, tecnicamente, mas se esqueceu da parte cuidadosa de se agir, como Irons queria. Irons deixou isso bem claro durante as investigações. Ela não ficaria tão irritada se Wesker não se apresentasse como um pensador independente, um homem que não jogava com cuidado. Ela se uniu ao S.T.A.R.S. porque não aguentava mais tanta besteira da burocracia que dominava a lei de aplicação — e a desobediência de Wesker ao Chefe era irritante.

Bom, e não se esqueça de que você teve uma boa chance de terminar na prisão, se não tivesse mudado de profissão...

— Jill. Vejo que você arrumou tempo para vir. Ilumine a gente com um de seus brilhantes pontos de vista. O que você tem para nós?

Jill tentou parecer calma e sob controle, como ele.

— Nada novo, acho. O único padrão óbvio é a localização...

Ela olhou para as anotações no monte de papéis que tinha a sua frente, em busca de referências.

— Ah, as amostras de tecido tiradas de debaixo das unhas de Becky McGee e Chris Smith casaram perfeitamente, nós a pegamos ontem... e Tonya Lipton, a terceira vítima, teve definitivamente andado nos pés da montanha, esse seria o setor... sete-B.

Ela ergueu a cabeça para Wesker e fez seu acréscimo.

— Minha teoria até este ponto é que há um possível culto ritualista escondido nas montanhas, quatro a onze pessoas fortes, com cães de guarda treinados para atacar intrusos em seu território.

— Extrapolou. — Wesker cruzou seus braços, esperando. Pelo menos ninguém riu. Jill voltou para o material.

— O canibalismo e desmembramento sugere comportamento ritualístico, tal como a presença de carne decomposta encontrada em algumas das vítimas, como se os assassinos estivessem carregando partes de vítimas anteriores para seus ataques. Nós pegamos amostras de saliva e tecido de quatro pessoas diferentes, apesar dos relatórios de testemunhas sugerirem dez ou onze pessoas. As vítimas mortas por animais foram encontradas nos arredores, sugerindo que eles vagavam em algum tipo de área fora dos limites. Os sinais de saliva parecem ser caninos, apesar de ainda haver dúvidas... — ela terminou.

O rosto de Wesker não mostrou nada, mas ele acenou devagar.

— Nada mal, nada mal mesmo. Contradizendo?

Jill suspirou. Ela odiava ter que contrariar a própria teoria, mas

fazia pare de seu trabalho — mas honestamente, a parte mais que mais encorajava o claro e racional pensamento. O S.T.A.R.S. treinava seu pessoal para não fixar se em um único caminho para a verdade.

Ela conferiu suas anotações de novo.

— É altamente improvável que um culto desse tamanho pudesse andar por aí, e os assassinatos são muito recentes para serem locais, o R.P.D. teria visto sinais antes, algum motivo para esse tipo de comportamento. Além disso, o nível de violência pós morte indica criminosos desorganizados, e que geralmente atacam sozinhos.

Joseph Frost, o especialista em veículos do Alpha, falou do fundo da sala.

— E a parte do ataque animal funciona como um tipo de proteção de seu território e tudo mais.

Wesker pegou uma caneta e foi para a lousa próxima a sua mesa, falando enquanto andava.

— Concordo.

Ele escreveu “territorialidade” na lousa e depois virou-se para ela.

— Algo mais?

Jill balançou a cabeça, mas se sentiu bem por ter contribuído. O aspecto do culto era fora do comum, mas foi tudo que ela conseguiu informar. A polícia certamente teria algo melhor.

Wesker voltou sua atenção para Brad Vickers, que sugeriu ser uma nova tendência de terrorismo, e que as demandas seriam feitas em breve. Wesker colocou “terrorismo” na lousa, mas não parecia

muito a favor da ideia. Nem mais ninguém. Brad voltou rapidamente para seu fone, para monitorar o Bravo Team.

Joseph e Barry não tinham ideias, e a visão dos assassinatos de Chris já era bem conhecida, mas vaga; ele achava que havia um ataque organizado e que influências externas estariam envolvidas de algum modo. Wesker perguntou se ele tinha algo novo (enfatizando o "novo", Jill percebeu), e Chris balançou a cabeça, parecendo deprimido.

Wesker tampou a caneta preta e sentou na ponta de sua mesa, focalizando pensativamente o espaço vazio da lousa.

— É um começo. — disse. — Eu sei que vocês já leram os relatórios da polícia e ouviram o depoimento das testemunhas...

— Aqui é Vickers, câmbio. — Do fundo da sala, Brad falou em seu fone, interrompendo Wesker. O capitão diminuiu a voz e continuou.

— Até agora, não sabemos com o que estamos lidando, e sei que todos nós temos algumas... preocupações sobre a atuação do R.P.D. na situação. Mas agora que nós estamos no caso, eu...

— O QUÊ?

Com o aumento da voz de Brad, Jill se virou, como todos fizeram. Ele estava se levantando, agitado, pressionando o fone em sua orelha com uma mão.

— Bravo Team, responda. Repito, Bravo Team, responda!

Wesker se levantou.

— Vickers, ponha no alto falante!. — Brad apertou um botão no painel de controle e o claro som de estática preencheu a sala. Jill tentou ouvir uma voz humana no meio do zumbido, mas por alguns

tensos segundos, não houve nada. Depois:

— ...entendido?. Mau funcionamento, nós teremos que...

O resto foi perdido na estática. Parecia ser Enrico Marini, o líder do Bravo Team. Jill mordeu seu lábio inferior e trocou um preocupado olhar com Chris. Enrico parecia... frenético. Todos escutaram por mais um momento, e nada mais apareceu.

— Posição? — Wesker perguntou.

— Eles estão no, ah, setor vinte e dois, extremidade C... mas eu perdi o sinal. O transmissor está desligado.

Todos estavam abalados. O transmissor do helicóptero foi projetado para continuar funcionando não importasse o que tinha acontecido; o único modo dele parar é ter acontecido algo grande — o sistema inteiro apagar ou ser danificado seriamente.

Algo como um acidente.

Chris sentiu seu estômago dar um nó ao reconhecer as coordenadas. A mansão de Spencer.

Marini disse algo sobre mau funcionamento, tinha que ser uma coincidência — mas não parecia uma. Os Bravos estavam com problemas, e praticamente em cima da velha mansão da Umbrella.

Tudo isso veio à sua mente numa fração de segundo, e depois já estava de pé, pronto para agir.

Wesker já estava em ação. Ele endereçou o time enquanto pegava as chaves, indo para o armário de armas.

— Joseph, arrume o painel de controle e tente contatá-los. Vickers, equipe o helicóptero, eu quero nós prontos em cinco minutos.

O capitão destrancou o armário enquanto Brad dava o fone para Joseph e saía da sala. A porta reforçada de metal abriu, revelando um arsenal de rifles e revólveres, pendurados em cima de caixas de munição. Wesker voltou-se para os outros, suas expressões mais vazias do que nunca, mas sua voz rápida e autoritária.

— Barry, Chris, levem as armas carregadas e seguras para o helicóptero. Jill, pegue os coletes e mochilas, e nos encontre na cobertura. — Wesker tirou uma chave da argola e jogou para ela.

— Eu vou falar com Irons para nos dar cobertura. — Wesker disse, depois gritou. — Cinco minutos ou menos, pessoal. Vamos lá.

Jill foi para a sala os armários, e Barry pegou uma das malas de equipamento vazias do fundo do armário, acenando para Chris. Chris pegou uma segunda mala e começou a carregar caixas de munição, cartuchos e clips, enquanto Barry manipulava cuidadosamente as armas, verificando cada uma. Atrás deles, Joseph tentava contatar o Bravo.

Chris pensou novamente sobre a proximidade do Bravo Team à mansão de Spencer. Havia uma conexão? E se sim, como?

Billy trabalhava para a Umbrella, a mansão era deles.

— Chefe? Wesker. Nós acabamos de perder contato com o Bravo; nós vamos partir.

Chris sentiu uma súbita descarga de adrenalina e passou a trabalhar mais rápido, sendo que cada segundo contava — poderia significar a diferença entre a vida e a morte de seus companheiros. Um sério acidente era improvável, os Bravos estariam voando baixo e tinham um bom piloto... mas se aconteceu depois que desceram?

Wesker rapidamente passou a informação a Irons por telefone, depois desligou e se juntou a eles.

— Eu vou ver se o nosso helicóptero está pronto. Joseph, tente por mais um minuto e depois entregue para os outros rapazes. Você pode ajudar os dois aqui a levar o equipamento lá para cima. Vejo-os lá em cima.

Wesker acenou e saiu, seus passos fazendo um alto barulho no corredor.

— Ele é bom. — Barry disse, e Chris concordou. Era bom ver que o novo capitão falava pouco. Chris ainda não estava certo sobre o que sentir sobre a personalidade dele, mas o respeito pelas habilidades de Wesker estava crescendo a cada minuto.

— Responda, Bravo, entendido? Repito...

Joseph continuou pacientemente, seus pedidos se perdendo no nevoeiro de estática que enchia a sala.

Wesker caminhou pelo deserto corredor, cruzando as duas salas de espera do segundo andar, acenando rapidamente para dois policiais em frente a máquina de soda.

A porta para o lado de fora estava meio aberta. Uma leve e úmida brisa cortava o abafado ar do lado de dentro.

Ainda estava claro, mas não por muito tempo. Ele esperava que isso não fosse interferir na missão, mas pelo visto iria...

Wesker virou à esquerda e desceu o corredor que levava ao heliporto, conferindo mentalmente uma lista de tarefas, procedimento, armas, equipamentos, relatório...

Ele sabia que tudo estava em ordem, mas conferiu de novo. Ele gostava de pensar em si mesmo como um homem de precisão, que leva tudo em consideração, e decidia o melhor curso de ação depois de estudar os fatores. Controle era o dever de qualquer líder competente. Mas para esse caso...

Ele tirou isso da cabeça antes de ir longe demais. Ele sabia o que devia ser feito, e ainda tinha tempo. Tudo em que ele devia se concentrar agora era em trazer os Bravos sãos e salvos.

Wesker abriu a porta no final do corredor e saiu no brilho do início da noite, o crescente ruído do motor do helicóptero e o cheiro de óleo enchendo seus sentidos. O pequeno heliporto de cobertura era parcialmente guarnecido pela sombra de uma envelhecida torre d'água, e vazio exceto pelo helicóptero cinza-bronzeado do Alpha. Pela primeira vez, ele imaginou o que havia acontecido com o Bravo; ontem, Joseph e um recruta haviam checado ambos os pássaros, e eles estavam bem.

Ele tirou essa linha de pensamento da cabeça enquanto ia para o helicóptero. Não importava por que, não mais.

O importante é o que viria depois. *Espere o inesperado*, esse era o lema do S.T.A.R.S. — significava basicamente estar preparado para qualquer coisa.

Não espere nada, esse era o lema de Albert Wesker. Um pouco menos atraente, talvez, mas infinitamente mais útil. Se virtualmente garantido, aquele nada jamais o surpreenderia.

Ele subiu na porta aberta do piloto e viu Vickers; o homem parecia com medo e Wesker considerou por um momento deixá-lo para trás. Chris tinha licença para voar, e Brad tinha a reputação de se cagar sob uma arma; a última coisa de que ele precisava era ter um de seus soldados congelados em caso de problemas.

Mas ele pensou nos Bravos perdidos e voltou atrás.

Ele abriu a porta lateral e entrou na cabine, fazendo uma rápida contagem do equipamento arrumado na parede. Fogos de emergência, kits médicos e de comida... estava tudo pronto.

Wesker imaginou o que Brian estava fazendo agora.

Cagando nas calças, sem dúvida.

Wesker riu assim que descia do helicóptero, mentalizando a imagem de Irons, suas gorduchas bochechas vermelhas de raiva e merda escorrendo pelas suas pernas. Irons gostava de pensar que podia controlar tudo e todos. Isso fazia dele um idiota. Infelizmente para todos, ele era um idiota com um pouco de poder. Wesker o avaliou cuidadosamente antes de assumir a posição em Raccoon City, e sabia algumas coisas sobre o chefe que não o enquadrava numa luz positiva. Ele não tinha intenção de usar o que sabia, mas se Irons bagunçasse as coisas mais uma vez, Wesker não ficaria de boca fechada...

...ou pelo menos dizer que tenho acesso a ela; isso certamente o manterá fora do caminho.

Barry Burton apareceu carregando as caixas de munição. Chris e Joseph logo atrás; Chris com os cintos e Joseph com as mochilas, o compacto lança granadas sobre o ombro.

Assim que os três guardaram o equipamento, Wesker voltou sua atenção para a porta, esperando Jill. Ele conferiu o relógio e franziu. Menos de cinco minutos se passaram desde o último contato com o Bravo, eles haviam feito um ótimo tempo... mas onde estava Valentine? Ele não falara muito com Jill desde que ela chegou em Raccoon, mas seu arquivo era muito bom. Ela conseguiu altas recomendações de todos que já trabalharam com ela, elogiada pelo seu último capitão como sendo muito inteligente e extraordinariamente “calma” numa crise. Seu pai era Dick Valentine, o melhor ladrão nos negócios umas décadas atrás. Ele a treinou para seguir seus passos. Ela ia muito bem até o papai ter sido encarcerado...

Silenciosamente, o capitão encorajou Jill a tirar seu traseiro de onde estava e pedir a Brad para ligar as pás do helicóptero.

Era hora de ver como as coisas estavam lá fora.

Capítulo 3

Jill virou na direção da porta da sala dos armários, seus braços segurando duas malas cheias de equipamentos. Ela as colocou no chão e rapidamente jogou o cabelo para trás, pondo uma boina azul em cima dele. Estava muito quente, mas era sua boina da sorte. Ela olhou no relógio antes de erguer as malas, satisfeita em ter levado apenas três minutos para enchê-las.

Ela tinha passado por todos os armários do Alpha, pegando cintos de utilidade, meias-luvas, coletes a prova de balas e mochilas, nada que refletisse a personalidade dos usuários dos armários: o de Barry era coberto por fotos instantâneas de sua família, e tinha o pôster de uma revista de armas, uma rara .45 Luger, brilhando em cima de um veludo vermelho. Chris tinha fotos de amigos da Força Aérea, e suas prateleiras eram uma bagunça — camisetas amarrotadas, papéis jogados... Brad tinha uma pilha de livros de auto-ajuda e Joseph, um calendário dos Três Patetas. Só o de Wesker não tinha nada pessoal. Isso não a surpreendeu. O capitão não demonstrava ter muitos valores sentimentais.

O armário de Jill tinha inúmeros livros de romances baseados em crimes reais, uma escova de dentes, fio dental, balas de hortelã e três boinas. Na porta havia um pequeno espelho e uma velha foto dela e de seu pai, tirada na praia em um verão quando ela era criança. Ao passar por ele, Jill decidiu redecorá-lo quando tiver tempo; qualquer um que visse seu armário pensaria que ela era algum tipo de maníaca dental.

Jill apoiou as malas em seu joelho erguido e tocou a maçaneta. Ela a agarrou quando alguém tossiu atrás dela.

Assustada, Jill largou as malas e virou-se, procurando pelo tossidor enquanto sua mente avaliava a situação. A porta foi trancada. A pequena sala tinha três fileiras de armários e tinha estado quieta e escura desde que ela entrou. Havia outra porta na parte de trás da sala, mas ninguém havia passado por ela desde então...

...o que significa que alguém já estava aqui quando eu entrei, nas sombras da última fileira. Um policial tirando uma soneca?

Improvável. A sala de refeições do departamento tinha duas beliches na parte de trás, muito mais confortáveis do que o concreto gelado.

Talvez alguém esteja aproveitando um tempo livre com uma revista, seu cérebro pensou, *isso importa? Você tem horário, mexa-se!*

Certo. Jill levantou as malas e virou para sair.

— Srta. Valentine, certo? — Uma sombra surgiu do fundo da sala, um homem alto com uma baixa e musical voz. Quarenta e poucos, magro, cabelos escuros e profundos olhos. Ele estava vestindo um capa de chuva.

Jill se preparou para correr se fosse preciso. Ela não o reconheceu.

— Eu mesma. — Ela disse cautelosamente.

O homem andou em sua direção, um sorriso tomando conta de seu rosto.

— Eu tenho algo para você. — Ele disse suavemente.

Jill estreitou os olhos e fez uma pose defensiva.

— Espera aí, imbecil... eu não sei quem diabos é você ou o que você acha que eu quero, você está numa delegacia de polícia...

Ela parou de falar assim que ele balançou a cabeça, sorrindo.

— Você confundiu as minhas intenções, Srta. Valentine. Desculpe meus modos, por favor. Meu nome é Trent, e eu sou... um amigo do S.T.A.R.S.

Jill estudou a postura dele e colocou a sua no lugar, observando os olhos dele por um momento. Ela não se sentia ameaçada por ele, exatamente...

... mas como ele sabe o meu nome?

— O que você quer?

Trent sorriu mais ainda.

— Ah, direto ao ponto. Você tem um horário mais apertado...

Ele vagarosamente colocou a mão no bolso do casaco e puxou o que parecia ser um telefone celular.

— Não é o que eu quero que é importante. É o que eu acho que você deve ter.

Jill olhou rapidamente para o item que ele segurava, franzindo.

— Aquilo?

— Sim. Eu juntei alguns documentos que você deve achar interessante; urgentes, de fato. — Ele estendeu o aparelho assim que falava.

Ela ergueu a mão cuidadosamente, percebendo que aquilo era um leitor de mini-disco, um micro computador muito complicado e caro. Trent era bem pago, quem quer que fosse.

Jill colocou o leitor no bolso da calça sem um pingo de curiosidade.

— Para quem você trabalha?

Ele balançou a cabeça.

— Isso não é importante, por enquanto. Embora, eu direi que há muitas pessoas observando Raccoon City bem agora.

— Oh? E essas pessoas são amigas do S.T.A.R.S., também, Sr. Trent?

Trent riu, uma suave risada.

— Tantas perguntas, tão pouco tempo. Leia os arquivos. E se eu fosse você, não comentaria esse encontro com ninguém; poderia ter sérias consequências.

Ele andou para a porta no fundo da sala, virando para Jill assim que alcançou a fechadura. Subitamente, as feições de Trent perderam qualquer traço de humor, seu olhar sério e intenso.

— Mais uma coisa, Srta. Valentine, e isto é uma crítica, não cometa erros: nem todos são confiáveis, nem aqueles que aparentam ser... até mesmo as pessoas que você acha que conhece. Se você quiser permanecer viva, fará um bem lembrando disso.

Trent abriu a porta, e num piscar de olhos, se foi.

A mente de Jill foi em milhões de direções. Ela se sentiu num daqueles velhos filmes de espionagem onde havia acabado de conhecer o misterioso estranho. Era de fazer rir, e ele ainda...

... e ele ainda te deu um aparelho de milhares de dólares e disse para você ficar de olhos no seu traseiro; você acha que ele está brincando?

Ela não sabia o que pensar, e não tinha tempo para isso; o Apha Team já deve estar reunido, esperando, imaginando onde ela devia estar.

Jill colocou as malas nos ombros e saiu pela porta.

***

As armas já estavam carregadas e seguras, e Wesker estava perdendo a paciência. Apesar de seus olhos estarem cobertos por óculos escuros, Chris pôde perceber isso pelo modo em que ele olhava para o prédio. O helicóptero já estava pronto, as pás jogando um quente e úmido ar dentro do apertado compartimento. Com a porta aberta, o som do motor não deixava o ambiente apto a conversas. Não havia nada para fazer exceto esperar.

Vamos, Jill, não nos atrase agora...

Assim que Chris pensou, Jill saiu do prédio e correu na direção deles com o equipamento, mostrando um apologético olhar. Wesker desceu para ajudá-la, pegando uma das malas enquanto ela subia abordo.

Wesker entrou e fechou a porta dupla. Instantaneamente, o ruído da turbina se tornou mais potente.

— Problemas, Jill? — Wesker não pareceu nervoso, mas havia algo em sua voz que dizia o contrário.

Jill balançou a cabeça.

— Um dos armários estava emperrado. Eu perdi muito tempo para abri-lo.

O capitão a encarou por um momento, como se estivesse decidindo se dava ou não uma bronca nela, então disse.

— Eu vou chamar a manutenção quando voltarmos. Vá em

frente, distribua o equipamento.

Ele pegou um fone e foi se sentar ao lado de Brad, enquanto Jill passava os coletes. O helicóptero decolou vagarosamente, o R.P.D. se distanciando assim que Brad os posicionava para noroeste.

Chris se curvou e ajudou Jill a distribuir as luvas e os cintos, enquanto voavam sobre a cidade na direção de Arklay Mountains*(Nota 3)*. As barulhentas ruas urbanas abaixo rapidamente deram lugar aos subúrbios; largas ruas e calmas casas em cima de gramados separadas por muros de estacas.

Minutos se passaram em silêncio enquanto os Alphas se arrumavam, cada um preocupado com seus pensamentos.

Com alguma sorte, o helicóptero do Bravo sofreu apenas uma falha mecânica de menor gravidade. Forest teria aterrissado em um dos campos abertos da floresta. Sem um pássaro funcionando bem, Marini não começaria um busca. A alternativa...

Chris não queria pensar em alternativas. Ele já havia visto as consequências de um acidente de helicóptero na Força Aérea. Uma falha do piloto causara a queda de um Huey com onze homens e mulheres num treinamento.

Quando o resgate chegou não havia mais nada além de corpos carbonizados entre ardentes destroços, o suave cheiro de carne assada com gasolina no enfumaçado ar. Até o chão estava queimando. Essa foi a imagem que assombrou seus sonhos por meses; a terra pegando fogo, as chamas devorando o chão sob seus pés...

Houve uma suave inclinação na altitude, afastando Chris da desagradável recordação. Os limites irregulares de Raccoon Forest*(Nota 4)* surgiram logo abaixo, os marcadores laranjas da barricada policial entre o verde das árvores. O sol finalmente se

pôs, a floresta sendo tomada pelas sombras.

— ETA... três minutos. — Brad disse, e Chris olhou em volta, notando as quietas faces de seus companheiros.

Joseph tinha amarrado um lenço vermelho na cabeça e estava enlaçando os cadarços. Barry estava esfregando um macio pano em sua amada Colt Python, olhando pela janela. Chris virou a cabeça para Jill e foi surpreendido por vê-la fazendo o mesmo, pensativamente. Ela estava sentada no mesmo banco que ele. Ambos sorriram um para o outro; ele meio envergonhado. Jill desprendeu o cinto de segurança e foi se sentar mais perto dele. Ele pegou um leve lance do cheiro dela, um limpo e ensaboado cheiro.

— Chris... o que você estava falando, sobre fatores externos nesses casos...

A voz dela saiu tão baixa que Chris teve de se encurvar para ouvi-la sobre o pulsante motor. Ela olhou rapidamente para os outros, como se quisesse ter certeza de que ninguém estava ouvindo, depois olhou nos olhos dele.

— Eu acho que você pode estar no caminho certo, — ela disse suavemente — mas estou começando a achar que não é uma boa ideia falar sobre isso.

A garganta de Chris secou de repente.

— Aconteceu alguma coisa?

Jill balançou a cabeça.

— Não. Eu só acho que você deve tomar cuidado com o que diz. Nem todos estão escutando do mesmo lado desse...

Chris franziu, não muito certo do que ela estava tentando lhe dizer.

— Todos com quem eu falei estão no caso...

O olhar de Jill não se mexeu, e de repente ele percebeu o que ela estava dizendo.

Jesus, e pensei que eu estava paranoico!

— Jill, eu conheço essas pessoas, e mesmo que não conhecesse, o S.T.A.R.S. tem o histórico de cada membro... não há como isso acontecer.

Jill suspirou.

— Olha, esqueça o que eu disse. Eu só... se cuida, isso é tudo.

— Tudo bem, crianças, fiquem de olhos abertos! Nós estamos chegando no setor vinte e dois, eles podem estar em qualquer lugar.

Com a interrupção de Wesker, Jill deu um olhar final para Chris e foi para uma das janelas. Chris também. Joseph e Barry ficaram com as do outro lado.

Olhando pela janela, ele pensou no que ela disse. Ele devia estar agradecido por não ser o único — mas por que ela não disse nada antes? E alertá-lo contra o S.T.A.R.S....

Ela sabe de algo.

Ele decidiu falar com ela depois de resgatar o Bravo, tentar convencê-la a falar com Wesker. Com os dois pressionando, o capitão teria que escutar.

Ele passou a prestar atenção no interminável mar de árvores. A mansão de Spencer devia estar perto. Ele recusou qualquer pensamento sobre Billy, a Umbrella e Jill. Ele ainda estava preocupado com os Bravos — apesar das árvores estarem passando, ele estava se convencendo de que eles não estavam com problemas sérios.

Deve ter sido algum fio danificado e Forest pousou para fazer reparos...

Então ele viu a cerca de um quilômetro. Mesmo com Jill apontando e falando, sua preocupação se transformou em medo.

— Olhe, Chris...

Uma fumaça negra subia através do resto da luz do dia, manchando o céu como uma promessa de morte.

Oh, não...

Barry olhou para a fumaça que saía do meio das árvores.

— Capitão, duas horas! — Chris disse, e então já estavam rumando para o local. A fumaça só podia significar um acidente.

Wesker pulou para a parte de trás da cabine, ainda de óculos escuros. Ele ficou na janela e disse rapidamente.

— Não vamos pensar no pior. Há uma possibilidade de que o fogo tenha aparecido depois que pousaram , ou eles podem ter começado o fogo de propósito, como um sinal...

Barry quis acreditar nele, mas o próprio Wesker já sabia. Com o helicóptero parado, um incêndio seria improvável — e se os Bravos quisessem sinalizar eles teriam usado os fogos. Além disso, madeira não faz aquele tipo de fumaça...

...mas o que quer que seja, nós só saberemos quando chegarmos lá. Agora se eu puder ter suas atenções, por favor.

Barry saiu da janela, viu os outros fazerem o mesmo. O S.T.A.R.S. tinha baixas às vezes, fazia parte do trabalho — mas um acidente como este...

— Ouçam. Nós temos pessoas lá embaixo num possível

ambiente hostil. Eu quero todos armados e uma aproximação organizada. Barry, você vai na frente.

Barry concordou.

— Brad vai nos descer o mais próximo possível do local, que parece ser uma pequena clareira a uns cinquenta metros a sul das últimas coordenadas. Ele ficará no helicóptero em caso de problemas. Alguma pergunta?

Ninguém falou.

— Bom, Barry, carregue-nos. Nós podemos deixar o resto das coisas aqui e voltar depois.

O capitão foi falar com Brad enquanto Jill, Chris e Joseph viravam-se para Barry. Sendo um especialista em armas, ele foi pegá-las.

Barry destrancou o armário próximo a porta, mostrando seis revólveres Beretta 9mm numa prateleira de metal, limpas e revisadas no dia anterior. Cada arma carregava quinze balas. Era uma boa arma, apesar de Barry preferir sua Colt Python, bem mais poderosa, com balas .357...

Ele rapidamente distribuiu as armas, cada uma com três clips carreados.

— Espero que nós não precisemos deles. — Joseph disse, e Barry concordou. Só porque ele pagava impostos para a NRA*(Nota 5)*, não significava que ele era um maluco com o dedo no gatilho, pronto para matar; ele só gostava de armas.

Wesker se juntou a eles de novo e os cinco esperaram Brad pousar.

Assim que eles se aproximaram da fumaça, as pás do

helicóptero criaram um negro nevoeiro que se fundia entre as árvores.

Brad deu a volta e pousou o pássaro na clareira de grama alta. Os apoios ainda não estavam no chão e Barry já estava pronto para sair.

Uma quente mão tocou seu ombro. Barry se virou e viu Chris o olhando.

— Nós estamos bem atrás de você. — Chris disse, e Barry acenou. Ele não estava preocupado com a cobertura do Alpha, e sim com a situação do Bravo. Enrico Marini era um bom amigo. A esposa dele havia tomado conta das meninas tantas vezes que Barry já perdera a conta, e eram amigos de Kathy. O pensamento dele ter morrido por uma estúpida falha mecânica...

Aguenta aí, parceiro, nós estamos indo.

De mão na coronha de sua Colt, Barry puxou a maçaneta e saiu no úmido ar de Raccoon Forest, pronto para o que desse e viesse.

Capítulo 4

Eles se espalharam rumando para norte, Wesker e Chris atrás e à esquerda de Barry, Jill e Joseph à sua direita. Assim que se distanciava do helicóptero do Alpha, Jill pôde sentir o cheiro de queimado e ver a fumaça que saía de entre a folhagem das árvores bem a frente.

Eles se moviam rapidamente pelas árvores, o cheiro de queimado mais forte a cada passo. Jill viu que havia outra clareira adiante, de grama alta.

— Estou vendo, lá na frente! — O coração de Jill acelerou com o grito de Barry. Todos estavam correndo, tentando chegar ao seu destino.

Ela saiu das árvores, Joseph ao seu lado. Barry já estava no helicóptero acidentado, Chris e Wesker logo atrás. Ainda tinha fumaça, mas já estava sumindo. Se tivesse havido um incêndio, já teria se extinguido.

Ela e Joseph os alcançaram e pararam, olhando, ninguém falou enquanto viam a cena. O longo e largo corpo do helicóptero estava intacto, nenhum arranhão visível. Os apoios de pouso pareciam tortos. Exceto isso e a fumaça saindo do motor, não parecia ter nada de errado com ele. As portas foram abertas, a luz da lanterna de Wesker mostrando o interior em perfeito estado. Pelo que ela pode ver, a maior parte do equipamento do Bravo ainda estava lá.

Mas onde eles estão?

Não fazia sentido. Não fazia quinze minutos desde sua última transmissão; se ninguém tivesse se ferido, eles teriam ficado. E se

eles decidiram partir, por que deixaram o equipamento para trás?

Wesker deu a lanterna para Joseph e apontou para o cockpit.

— Verifique-o. O resto de vocês, espalhem-se e procurem por pistas... trilhas, caixas de munição, sinais de luta... se acharem algo, me avisem. E fiquem atentos.

Jill ficou um momento parada, imaginando o que podia ter acontecido. Enrico falou sobre um mau funcionamento; certo, os Bravos pousaram. Mas o que aconteceu depois? O que teria feito eles abandonarem o único meio de serem encontrados, deixando kits de emergência e armamento para trás... Jill viu alguns coletes a prova de balas e balançou a cabeça, pondo isso na crescente lista de ações irracionais do Bravo.

Ela se virou para começar a vasculhar assim que Joseph pulou do helicóptero, tão confuso quanto ela. Ela esperou ouvir sua opinião enquanto ele devolvia a lanterna para Wesker, levantando os ombros.

— Eu não sei o que aconteceu. Os apoios tortos sugerem pouso forçado, mas exceto pelo sistema elétrico, tudo está tudo perfeito.

Wesker acenou, depois aumentou a voz para que os outros pudessem ouvir.

— Dêem uma volta, pessoal, três metros de separação, abram enquanto andamos!

Jill ficou entre Chris e Barry, ambos já vasculhando o chão enquanto se moviam para leste e nordeste do helicóptero. Wesker subiu na cabine, examinando a escuridão com sua lanterna. Joseph foi para oeste.

Gravetos secos se quebravam sob os pés enquanto eles abriam o círculo, o único som exceto o distante motor do helicóptero do

Alpha. Jill usava suas botas para revirar o chão coberto de folhas para ver alguma coisa; eles teriam que acender as lanternas, o Bravo deixou as suas para trás...

Jill parou de repente, ouvindo. Os passos dos outros, o motor de seu helicóptero... e nada mais.

Eles estavam na floresta, no meio do verão; onde estavam os animais, os insetos? Estava quieta demais, os únicos sons eram humanos. Pela primeira vez desde que eles pousaram, Jill estava com medo.

Ela estava para chamar os outros quando Joseph gritou de algum lugar atrás deles.

— Ei! Aqui!.

Jill, Chris e Barry se viraram e começaram a correr. Wesker ainda estava no helicóptero. Ele empunhou sua arma e começou a correr com ela apontada para cima.

Jill só conseguia ver a sombra de Joseph agachado na grama alta, perto de algumas árvores, a uns trinta metros do helicóptero acidentado.

Joseph se levantou, segurando algo, deixando um desesperado grito sair antes de soltá-lo, seus olhos arregalados de terror.

Por uma fração de segundo, Jill não conseguiu aceitar o que Joseph tinha visto. Um revólver do S.T.A.R.S., uma Beretta...

Jill correu mais rápido, alcançando Wesker.

... e uma mão humana decepada segurando-a, cortada na altura do pulso.

Houve um profundo e gutural ruído vindo de trás de Joseph, da escuridão das árvores. Um animal, rosnando — acompanhado por

outro áspero e rouco berro — e de repente escuras e poderosas figuras surgiram das árvores, pulando em Joseph e levando-o ao chão.

— Joseph!.

Com o grito de Jill, Chris ergueu sua arma, parando onde estava, tentando dar um tiro certeiro nos animais enraivecidos que estavam atacando Joseph. Os raios de luz da lanterna de Wesker iluminaram um pesadelo.

O corpo de Joseph estava todo coberto pelos três animais, sendo rasgado por rangentes e gotejantes dentes. Eles tinham o tamanho e a aparência de cachorros, tão grandes quanto um pastor alemão, exceto que eles pareciam não ter pêlo, nem pele. Sangrentos pedaços de carne foram iluminados por Wesker, as criaturas gritando e mordendo num frenesi de desejo por sangue.

Joseph gritou, um borbulhante e líquido som enquanto ele batia fracamente nos agressores selvagens, sangue fluindo pelos múltiplos ferimentos. Era o grito de um homem morrendo. Não havia tempo para desperdiçar; Chris mirou e abriu fogo.

Três balas atingiram um dos três cães, um quarto tiro indo longe.

Houve um latido e o animal foi ao chão. Os outros dois continuaram o ataque, indiferentes aos tiros. Chris observou horrorizado, uma das balas acertando o pescoço de Joseph.

O S.T.A.R.S. começou a atirar, enviando uma chuva de balas. Vermelhos respingos no ar, os animais ainda tentando investir contra o cadáver enquanto balas perfuravam suas estranhas carnes. Com uma série de latidos, eles caíram — e não se levantaram mais.

— Cessar fogo!.

Chris tirou o dedo do gatilho mas não abaixou a arma. Duas das criaturas ainda respiravam, rosnando suavemente. O terceiro estava sem vida, esparramado ao lado do corpo mutilado de Joseph.

... eles deviam estar mortos, deveriam ter caído com os primeiros tiros! O que são eles?

Wesker deu um passo na direção do massacre — quando de todos os lados, altos ecos encheram o ar, uivos de fúria vindo de todas as direções.

— Para o helicóptero, agora! — Wesker gritou.

Chris correu, Barry e Jill na frente dele e Wesker atrás de todos. Os quatro correram pelas escuras árvores, galhos não visíveis batendo neles enquanto os uivos ficaram mais altos, mais insistentes.

Wesker virou e atirou cegamente assim que iam para o helicóptero, suas pás já girando. Chris sentiu-se aliviado; Brad devia ter ouvido os tiros. Eles ainda tinham uma chance...

Chris pôde ouvir as criaturas agora, seus rápidos passos entre as árvores. Ele também pôde ver a pálida face de olhos arregalados de Brad pelo vidro, as luzes do painel exibindo suas feições aterrorizadas. Ele estava gritando algo, mas o ruído do motor afogou tudo, o golpe do vento tornando o campo num mar de ondas.

Mais uns cinco metros, quase lá...

De repente, o helicóptero decolou, acelerando brutalmente. Chris pegou um lance final da face de Brad e pode ver o cego terror nela, o pânico descontrolado enquanto mexia nos controles.

— Não! Não vá! — Chris gritou, mas os apoios já estavam fora do alcance, a aeronave indo embora, desaparecendo na escuridão.

Eles iam morrer.

Maldito seja, Vickers!

Wesker virou e atirou de novo, e foi recompensado com um grito de dor de um dos perseguidores. Deviam haver mais de quatro, correndo rapidamente.

— Continuem! — Ele gritou. O som do helicóptero estava sumindo, a covardia de Vickers levando a esperança deles.

Wesker atirou novamente, e viu outra sombra se juntar a caçada. Os cachorros eram muito rápidos. Eles não tinham chances, a não ser... A mansão!

— Virem a direita, uma hora! — Wesker gritou, esperando que seu senso de direção ainda estava intacto. Eles não podiam fugir deles mas podiam se esconder.

Ele virou e disparou a última bala de seu clip.

— Vazio!

Ejetando o vazio, ele colocou outro enquanto Barry e Chris assumiam a defesa. Eles alcançaram outro grupo de árvores, correndo e desviando delas enquanto os cachorros assassinos se aproximavam. Os quatro tentavam achar ar para correr mais rápido.

Nós devemos estar perto...

Chris a viu primeiro, através das sombras das árvores, a nublada monstruosidade iluminada pela lua.

— Lá! Corram para aquela casa!

Parecia abandonada pelo lado de fora. O tamanho total da estrutura era ocultado pelas árvores, isolando-a da floresta. A enorme varanda tinha portas duplas, a única opção de fuga deles.

Wesker ouviu o estalo de dentes atrás dele e atirou, pressionando o gatilho intuitivamente enquanto corria para a mansão.

Outro grito e a criatura caiu.

Jill alcançou a porta primeiro, golpeando a densa madeira com os ombros enquanto agarrava os puxadores. Incrivelmente, as portas abriram; claridade iluminando os degraus de pedra da varanda, iluminando o caminho. Ela virou e começou a atirar, dando cobertura aos três homens que corriam para a luz no meio da escuridão.

Eles entraram na mansão, Barry jogando seu considerável volume contra a porta, mantendo-a fechada sob os ruídos das criaturas. Eles conseguiram. Do lado de fora, os cães latiam e arranhavam as portas inutilmente.

Wesker respirou fundo, o fresco e calmo ar que preenchia a bem iluminada sala. Como ele já sabia, a mansão de Spencer não estava abandonada. E agora que eles estavam lá, todo o seu cuidadoso planejamento foi inútil.

Wesker silenciosamente amaldiçoou Brad Vickers de novo, e imaginou se eles ficariam melhor dentro do que fora da mansão...

Jill examinou o lugar enquanto recuperava o fôlego, sentindo-se a personagem de um pesadelo que acabara de virar fantasia. Monstros selvagens, a morte súbita de Joseph, uma assustadora corrida pela floresta escura — e agora isto.

Deserta, né?

Era um palácio, puro e simples, o que seu pai chamaria de um perfeita conquista. A sala era um resumo de abundância. Era enorme, facilmente maior que a casa de Jill inteira, pavimentada

com mármore cinza-manchado e dominada por um larga e carpetada escadaria que levava ao segundo andar. Alinhados pilares arqueados de mármore adornavam o lugar, suportando o escuro parapeito de madeira do andar superior.

As paredes cor-de-creme eram revestidas por um alto rodapé de madeira e possuíam castiçais de luz pendurados. Resumindo, era magnífica.

— O que é isto? — Barry perguntou. Ninguém respondeu.

Jill respirou fundo, sentindo-se ameaçada pela vasta sala, uma atmosfera de opressão.

Deus, pobre Joseph.

Não houve tempo para ficar de luto — mas eles sentiriam sua falta.

Ela foi na direção das escadas, seus passos abafados pelo carpete que começava na porta. Havia uma velha máquina de escrever numa pequena mesa à esquerda da escada. Uma estranha decoração... de outra forma, a sala estava vazia.

Ela virou-se para os outros. Barry e Chris pareciam incertos. Wesker ainda estava na porta, examinando um dos puxadores.

Wesker se levantou.

— A madeira em volta da tranca está despedaçada. Alguém arrombou esta porta antes de nós chegarmos aqui.

— Talvez os Bravos? — Chris perguntou esperançoso.

— É o que eu estava achando. A ajuda deve estar a caminho, se o nosso “amigo” Sr. Vickers não se incomodar em chamá-la. — Wesker disse com sarcasmo. Brad arruinara tudo, quase custou suas vidas. Não havia desculpas para isso.

Wesker continuou, andando pela sala, na direção de uma das portas duplas do lado direito dela. Ele girou a maçaneta, mas ela não abriu.

— Não é seguro voltar para fora. Enquanto o resgate não chega, nós podemos dar uma olhada no lugar. É óbvio que alguém está mantendo o lugar em ordem, mas por que e por quanto tempo...

Ele voltou para os outros.

— Como estamos em munição?

Jill tirou o clip e contou: três balas sobrando, mais dois clips carregados no cinto. Trinta e três balas. Chris tinha vinte e duas, Wesker, dezessete. Barry tinha dois carregadores para sua Colt, mais algumas balas soltas no bolso, dezenove ao todo.

Jill pensou em tudo o que deixaram no helicóptero e sentiu mais raiva de Brad. Munição, lanternas, walkie talkies, espingardas — sem falar nos suprimentos médicos. A Beretta que Joseph achou devia ser de algum Bravo morto ou morrendo, e graças a Brad, eles não tinham sequer um band-aid para oferecer.

Thump!

O som de algo pesado caindo no chão, em algum lugar por perto. Em harmonia, eles se viraram para a única porta dupla no lado esquerdo da sala. Jill se lembrou de cada filme de terror que já viu; uma casa estranha, um barulho estranho... ela tremeu, e decidiu que iria chutar o traseiro gordo de Brad quando voltar.

— Chris, vá verificar e volte o quanto antes. — Wesker disse. — Nós vamos esperar aqui se o R.P.D. aparecer. Em caso de problemas, atire que nós o acharemos.

Chris concordou e foi para a porta, suas botas batendo

altamente conta o chão de mármore.

— Chris? — Jill disse, com um mau pressentimento.

De mão na fechadura, ele olhou para ela.

— Tome cuidado. — Ela disse.

Chris deu um sorrisinho, depois ergueu a arma e passou pela porta.

Barry sorriu para ela, um olhar que a disse para não se preocupar — mas Jill não conseguia disfarçar o sentimento de que ele não estaria voltando.

***

Chris entrou na sala, vendo a suntuosa elegância do lugar. Ele estava sozinho; quem quer que tenha feito o barulho, não estava lá.

O formal tic-tac de um grande e antigo relógio de pêndulo era ouvido, ecoando pelas lajotas pretas e brancas. Era uma sala de jantar, do tipo que ele só via em filmes de gente rica. Como a anterior, esta sala tinha um pé direito bem alto e o parapeito do segundo andar. Também era decorada com caras obras de arte e uma lareira embutida no final dela, adornada com um brasão e espadas cruzadas sobre um manto. Não parecia ter como ir para o andar de cima, mas havia uma porta fechada à direita da sala, mais ao fundo, ao lado da lareira...

Chris abaixou a arma e foi para a porta. A sala de jantar tinha ornamentos em madeira vermelha polida e quadros nas paredes cor-de-creme, que circundavam uma longa mesa de madeira. A mesa tinha capacidade para cerca de vinte pessoas. Pelo pó que estava

nela, nada foi servido por semanas. Ninguém deveria tê-la usado por trinta anos. Spencer fechou o lugar antes que alguém pudesse ficar aqui.

Chris balançou a cabeça. Obviamente foi reaberta muito tempo atrás... por que a Umbrella mentiu sobre suas condições? Todos na cidade achavam que era uma pensão apodrecendo no meio do mato!

Ele alcançou a porta e girou a maçaneta, tentando ouvir algum som do outro lado. A porta dava no meio de um estreito corredor. Chris olhou em ambas as direções rapidamente. À direita, uns dez metros de corredor, duas portas de um lado e outra no final. À esquerda, o corredor virava para a direita, mais largo. Ele viu a ponta de um tapete. Tinha um vago odor no ar, algo desagradável, algo familiar.

Num verão quando ele era criança, a corrente de sua bicicleta saiu num passeio com os amigos. Ele parou a uns quinze centímetros dos restos do que algum dia foi uma marmota. O tempo e o calor do verão criaram o pior dos odores. Para completar, ele vomitou todo o seu almoço. Ele ainda se lembrava do cheiro, o mesmo cheiro que habitava o corredor.

Fummp.

Um suave e confuso ruído veio de trás da primeira porta à direita do corredor, na parede da esquerda, como uma mão deslizando na parede. Tinha alguém do outro lado. Chris foi até ela. Chegando mais perto, o som parou, ele pode ver que a porta estava meio aberta.

Ele a abriu, saindo num corredor decorado com um papel de parede verde-água. Um homem estava de pé a uns seis metros, de costas. Ele se virou vagarosamente, o cuidadoso arrastar de pés de

um bêbado ou de um ferido, e o cheiro que Chris percebeu antes vindo dele. Suas roupas estavam rasgadas e manchadas, a parte de trás da cabeça era desigual, seu cabelo despenteado.

Deve estar doente, talvez morrendo...

Que seja, Chris não estava gostando. Ele entrou no corredor e mirou sua Beretta no peito do homem.

— Espere, não se mova!

O homem completou seu giro e foi na direção de Chris.

A face dele — daquilo — estava mortalmente pálida, exceto pelo sangue em seus lábios podres.

Pedaços de pele seca estavam penduradas em suas bochechas fundas, e os círculos escuros de seus olhos expressavam fome enquanto erguia suas mãos esqueléticas.

Chris atirou, três tiros que acertaram o peito da criatura em um fino jato vermelho. Com um som de respiração, a coisa caiu no chão, morta.

Chris balançou para trás, seus pensamentos fluindo em sincronia com seus batimentos cardíacos. Ele bateu na porta com um ombro, não percebendo que ela se fechou, enquanto ia na direção do corpo.

...morto, aquela coisa é um maldito morto vivo!

Os ataques canibais em Raccoon, todos eles próximos à floresta. Ele viu muitos filmes tarde na noite para saber o que era aquilo, mas ainda não conseguia acreditar.

Zumbis.

Não, nem pensar, aquilo é ficção... deve ser algum tipo de doença,

imitando os sintomas.

Ele tinha que contar aos outros. Ele virou e agarrou a maçaneta, mas ela não iria abrir, deve ter se trancado quando ele a empurrou.

Atrás dele, um movimento. Chris girou, olhos arregalados enquanto a criatura se erguia do chão, avançando sobre ele, em silêncio. Chris o viu babar, e a visão de um pegajoso riacho vermelho empoçando no chão de madeira, o pôs em ação.

Ele atirou de novo, dois tiros na apodrecida face da criatura. Escuros buracos apareciam na cabeça dela, sangue escorrendo pela boca. Com um pesado suspiro, ela foi ao chão, espalhando um lago vermelho.

Chris não queria ficar mais ali com o corpo. Deu um último e inútil puxão na porta e passou cuidadosamente pelo morto, descendo o corredor. Ele girou o trinco de um porta à sua esquerda, mas estrava trancada. Tinha um pequena marcação na fechadura, o que parecia ser uma espada; gravando essa informação, ele continuou andando, segurando sua Beretta bem forte.

Mais adiante, havia uma passagem com uma única porta, mas ele a ignorou, querendo achar um modo de voltar ao hall principal.

Tinha outra porta no final do corredor, à esquerda, onde ele virava. Chris foi na direção dela, o cheiro de podridão da criatura — *do zumbi, chame-a do que realmente é* — aumentando cada vez mais. Ao tocar na maçaneta ele ouviu um suave e faminto gemido, sabendo que só tinha duas balas no clip. Nas sombras à sua direita, movimento.

Preciso recarregar, ache algum lugar seguro...

Chris abriu a porta e entrou, caindo direto nos braços de outra

criatura que lá esperava, seus descascados dedos o agarrando enquanto investia em sua garganta.

Capítulo 5

Três tiros. Segundos depois, outros dois, os sons distantes mas distintos.

Chris!

— Jill, por que você não... — Wesker começou, mas foi interrompido por Barry.

— Eu também vou. — Ele disse, já indo para a porta a qual Chris passou. Chris não gastaria tantos tiros assim a não ser que ... que precisasse de ajuda.

— Vá. Eu esperarei aqui. — Wesker concordou.

Barry abriu a porta, Jill logo atrás. Eles entraram numa enorme sala de jantar, não tão grande quanto o hall principal, mas era comprida. Passando por um relógio de pêndulo eles foram para uma porta mais ao fundo.

Jill a alcançou primeiro, tocando a fechadura e olhando para ele. Barry acenou e ela abriu, indo abaixada para a esquerda.

Barry foi para o outro lado, ambos num corredor vazio.

— Chris? — Jill o chamou quietamente, mas não houve resposta. Barry sentiu um cheiro; algo cheirava como fruta podre.

— Eu vou ver as portas. — Ele disse. Jill acenou e foi para a esquerda, alerta e concentrada.

Barry foi até a primeira porta, sentindo-se bem com Jill atrás dele. Ele achou que ela fosse meio desbocada ao ser transferida, mas ela tem provado ser uma capaz e brilhante soldada, uma adição

bem-vinda aos Alphas.

Jill deu um alto grito de surpresa e Barry se virou, o estranho cheiro se tornando mais intenso. Jill estava recuando da curva no fim do corredor, sua arma apontada para algo que Barry não podia ver.

— Pare! — A voz dela alta e instável, sua expressões aterrorizadas — e ela atirou, uma, duas vezes, ainda recuando na direção de Barry.

Ele ergueu sua Colt enquanto ela saia do caminho, enquanto um homem alto aparecia. Os braços do homem estavam esticados como os de um sonâmbulo.

Barry viu o rosto da criatura e não hesitou. Ele atirou. Uma bala .357 arrebentando o alto da pálida cabeça em uma explosão, sangue escorrendo por suas estranhas e horríveis feições.

E a coisa caiu para trás, aos pés de Jill. Barry correu para o lado dela, abalado.

— O que... — Ele disse, então viu o que estava no carpete, na frente deles, estendido na pequena saleta que dava fim ao corredor.

Por um momento, Barry pensou que fosse Chris — até ver a insígnia do S.T.A.R.S. Bravo no colete, tentando reconhecer o corpo. O Bravo tinha sido decapitado, a cabeça a uns trinta centímetros do corpo, o resto completamente coberto por ferimentos.

Oh Deus, é o Ken.

Kenneth J. Sullivan, um dos melhores no campo de escuta que Barry já conheceu, e um baita cara legal. Havia um profundo ferimento no peito dele, pedaços de carne parcialmente comida e intestinos em volta do buraco ensanguentado.

Sua mão esquerda não estava lá, e não havia arma por perto.

... deve ter sido a arma dele que Joseph achou lá fora...

Barry desviou o olhar, enjoado. Ken fez muitos trabalhos em química. Ele tinha um filho adolescente que morava com sua "ex" na Califórnia. Barry pensou em suas filhas em casa, Moira e Poly. Ele não estava com medo de morrer, mas só de pensar nelas crescendo sem um pai...

Jill se agachou perto do corpo destruído, vasculhado os bolsos dele. Ela olhou apologeticamente para Barry que deu um aceno, concordando. Eles precisavam de munição; Ken certamente não.

Ela achou clips de 9 mm e os colocou em seu bolso. Barry se virou e olhou para o agressor de Ken.

Ele não tinha dúvidas de que estava olhando para um dos assassinos canibais que tinha caçado em Raccoon City.

O homem tinha uma crosta vermelha em volta da boca e carne em suas unhas, sua camisa esfarrapada dura com sangue seco. O estranho era o quanto — morto ele parecia.

Barry já havia feito um resgate secreto de reféns no Equador, onde um grupo de fazendeiros estavam sob a custódia de um bando de rebeldes malucos da guerrilha. Vários reféns foram mortos e depois do S.T.A.R.S. ter capturado os rebeldes, Barry foi registrar as mortes com um dos sobreviventes. As quatro vítimas foram baleadas, seus corpos jogados atrás de um barraco de madeira a qual os rebeldes se apossaram. Depois de três semanas sob o sol da América do Sul, a pele do rosto deles tinha enrugado. Ele se lembrava delas claramente, e as viu de novo olhando para a criatura no chão. Era a face da morte.

Além disso, cheirava como um matadouro num dia quente.

Alguém tinha esquecido de dizer a esse cara que mortos não andam por aí. A mesma confusão estava no rosto de Jill, mas eles tinham que achar Chris e reagrupar.

Juntos, eles voltaram para o corredor e verificaram as três portas. Todas estavam trancadas.

Mas Chris tem que ter passado por uma delas, não há outro lugar que ele possa ter ido...

Não fazia sentido. Exceto arrombar as portas, não havia mais nada a ser feito.

— Nós devemos relatar isso para o Wesker. — Jill disse, e Barry concordou. Se esse é o esconderijo dos assassinos, eles precisariam de um plano de ataque.

Passando pela sala de jantar eles cruzaram a porta para o hall principal, Barry estava imaginando o que o capitão diria sobre isso. Era óbvio que... — Barry parou, procurando na elegante e vazia sala, não achando graça no que poderia ser uma brincadeira. Wesker não estava lá.

— Wesker! — Barry gritou. — Capitão Wesker!

Ele correu para o fundo da sala.

— Não saia da sala! — Disse para Jill.

Ela foi para as escadas, sentindo-se tonta. Primeiro Chris, agora o capitão. Não se passaram cinco minutos, e ele disse que esperaria. Por que ele sumiu? Ela procurou por sinais de luta, cartuchos de balas, marcas de sangue — mas não havia nada que mostrasse o que podia ter acontecido.

Barry passou debaixo da escada e apareceu do outro lado, balançando a cabeça.

— Você acha que Wesker se deparou com uma daquelas... coisas? — Jill perguntou.

— Eu não acho que o R.P.D. apareceu e o levou. Se ele estivesse com problemas, nós teríamos ouvido os tiros...

— Não necessariamente, ele pode ter sido emboscado, raptado...

Eles pararam por um momento, pensando. Jill ainda estava chocada por causa do encontro com o morto-vivo. A vida inteira lendo livros sobre serial killers, e um zumbi ainda é difícil de aceitar?

Não era, e nem os cachorros cuidando da casa. Não havia dúvidas de que tudo isso existia. Mas por que? A mansão tinha alguma coisa a ver com os assassinatos? E foi aquela criatura a última coisa que Becky e Pris viram?

Jill tirou quase que violentamente esse pensamento da cabeça.

— Nós damos uma olhada ou esperamos? — Ela disse finalmente.

— Damos uma olhada. Ken fez isso. O resto dos Bravos devem estar por aí. É fácil demais se perder aqui. Chris... Chris e Wesker se perderam, mas nós os acharemos. É preciso mais do que alguns cadáveres para causá-los problemas.

Ele colocou a mão no bolso e tirou algo embalado num lenço, entregando-o a Jill. Ela sentiu os finos metais e os reconheceu instantaneamente.

— É o kit que você me deu para treinar no último mês. — Ele disse. — Acho que você terá mais sorte com eles.

Ela acenou, colocando os lockpicks*(Nota 6)* em seu bolso. Barry

tinha se interessado pela antiga “profissão” dela, e ela lhe deu algumas peças de sua coleção, alguns palitos e barras de torção. O material poderia ser útil. Ela pôs o pequeno pacote no bolso, em cima de algo duro e liso — o computador de Trent! Ela tinha se esquecido do estranho encontro devido aos últimos acontecimentos. Ela abriu a boca para contar a Barry, mas lembrou do conselho de Trent.

Eu não mencionaria esta conversa para ninguém.

Que se dane. Ela quase falou para Chris... E onde está Chris agora? E se as “terríveis consequências” de Trent já não aconteceram? Jill decidiu ficar de boca fechada até ver o que tinha no computador.

— Eu acho que devemos nos separar. — Barry continuou. — Eu sei que é perigoso, mas tem muita coisa para ver. Achando alguém, nos encontramos aqui, use esta sala como base. Você concorda, Jill? Nós podemos ir juntos...

— Não, você está certo. — Ela disse. — Eu fico com a asa leste. — Ao contrário dos policiais, o S.T.A.R.S. era treinado para se cuidarem sozinhos em situações perigosas.

— Tá bom. Eu vou voltar e ver se consigo abrir uma daquelas portas. Fique de olho em alguma saída dos fundos, guarde munição... e tome cuidado.

— Você também.

Barry sorriu, com sua Colt na mão.

— Eu ficarei bem.

Jill foi para a porta dupla a qual Wesker tinha tentado abrir. Barry voltou para a sala de jantar. Ela ouviu a porta abrir e fechar, ficando sozinha.

***

A porta dupla azul foi aberta facilmente, revelando uma pequena, escura e azulada sala. Luzes iluminavam os quadros nas paredes, e no centro da sala, uma grande estátua de uma mulher segurando um vaso no ombro. Jill fechou a porta e se ajustou a escuridão, notando duas portas no lado oposto da sala. A da esquerda estava aberta, apesar de uma arca estar bloqueando a passagem. Wesker não deve ter ido por lá...

Ela foi para a da direita e tentou abri-la. Trancada. Suspirando, ela colocou a mão no bolso mas hesitou, sentindo o leitor de mini-disco.

Vamos ver o que o Sr. Trent acha que é tão importante...

Ela o puxou e o estudou, depois apertou um botão. A tela do tamanho de um cartão de crédito se ligou. Mais alguns toques, e pequenas linhas escritas apareceram. Ela reconheceu nomes e datas de jornais locais. Trent compilou todos os artigos que pôde encontrar sobre os assassinatos e desaparecimentos em Raccoon, e algo sobre o S.T.A.R.S..

Nada novo aqui...

Jill foi passando, imaginando qual seria o ponto. Depois dos artigos estava uma lista de nomes.

WILLIAM BIRKIN, STEVE KELLER, MICHAEL DEES, JOHN HOWE, MARTIN CRACKHORN, HENRY SARTON, ELLEN SMITH, BILL RABBITSON.

Ela franziu. Nenhum era familiar, exceto — Bill Rabbitson não era o amigo de Chris, aquele que trabalhou para a Umbrella? Ela não estava certa, ela tinha que perguntar a Chris...

... se é que o acharemos. Chega de perder tempo.

Ela precisava achar os outros S.T.A.R.S.. Ela apertou o botão de continuar para chegar ao fim das informações, e um desenho apareceu, pequenas linhas padronizadas.

Tinham quadrados e retângulos, conectados por linhas. Abaixo havia outra linha, uma mensagem tão enigmática quanto poderia esperar de Trent: CHAVES DO CAVALEIRO; OLHOS DO TIGRE; QUATRO PEÇAS (PORTÃO DE UMA NOVA VIDA); LESTE - ÁGUIA / OESTE - LOBO.

Nossa, que esclarecedor. Isso torna tudo mais claro, não é?

O desenho era algum tipo de mapa, ela decidiu. Parecia ser uma planta. A área maior estava no centro, uma menor estendendo-se para a esquerda...

De repente, Jill sentiu seu coração pular uma batida. Ela olhou para a tela e imaginou como Trent ficara sabendo.

Era o primeiro piso da mansão. Ela apertou o botão de continuar e viu o que só poderia ser o segundo andar. Não havia mais dúvidas de que a mansão de Spencer era a responsável pela onda de terror em Raccoon City — significando que as respostas estavam lá, esperando serem descobertas.

* * *

O zumbi gemeu enquanto Chris apertava o gatilho duas vezes no estômago dele. Os tiros foram abafados pela carne estragada do ser, que caiu em cima de Chris, exalando um horrível hálito em seu rosto. Chris empurrou a criatura que foi ao chão, sua arma pingando um líquido mau cheiroso.

Chris se afastou, secando o revólver no colete enquanto respirava fundo, tentando não vomitar.

O corredor a qual entrou era escuro tal como seus detalhes em madeira. Ele recarregou a arma; quinze balas restando. Ele tinha uma faca Bowie, mas a ideia de enfrentar uma criatura que com certeza matou pessoas em Raccoon, não era boa.

Tinha uma porta à sua esquerda. Também trancada. Ele não ficou surpreso em ver uma gravação do que parecia ser uma armadura. Espada, armadura...

Ele andou pelo espaçoso corredor, escutando, respirando profundamente pelo nariz. O corredor virava para a esquerda. Tinha um pilar de suporte bloqueando parcialmente sua visão, mas ele podia ver as costas de um homem logo atrás da estrutura.

Chris rapidamente foi para a direita, tentando um ângulo certeiro. O zumbi estava a uns doze metros de distância, e ele não queria desperdiçar seus últimos tiros. Ao som das botas de Chris, os zumbi se virou. Tão devagar que Chris hesitou em olhá-lo.

Este parece ter sido mergulhado numa fina camada de saliva, luz refletindo em sua pele assim que se movia na direção de Chris, levantando os braços.

Chris deslizou para a esquerda e o zumbi mudou de direção, diminuindo a distância entre os dois. Como nos filmes; perigosos mas lerdos. E fáceis de ultrapassar...

Havia uma escada no fim do corredor, Chris respirou fundo, recuou ganhando mais espaço — e ouviu um gemido atrás dele. Chris girou.

O outro zumbi estava a apenas alguns passos de distância, caminhando, pedaços de seu abdome caindo no chão. Ele ainda não o tinha matado, não tinha esperado o suficiente.

Ah, droga!

Chris saiu correndo, desviando de ambos. Ele cruzou o grosso pilar, quase na escada — e parou frio, vendo o que estava no topo dela. Ele pegou um lance da criatura em pé lá em cima e virou-se, apontando a arma para os outros dois que vinham em sua direção, famintos.

Das sombras ao lado da escada veio a visão de outra porta; ele estava emboscado, não havia como matar todos... a porta!

Ela estava de frente para a lateral da escada, a escura madeira tão bem camuflada nas sombras que ele quase não a viu. Chris correu para ela, agarrando a maçaneta, rezando para que ela abrisse. Os zumbis estavam mais perto.

Se estivesse trancada, ele estaria morto.

***

Rebecca Chambers nunca esteve tão assustada em seus dezoito anos. Pelo que parecia uma eternidade, ela escutou o suave som de carne apodrecida sendo esfregada na porta, e tentou desesperadamente bolar um plano, seu medo crescendo a cada minuto.

Não havia trava na porta e ela tinha perdido sua arma na corrida para a casa. A pequena sala, apesar de bem equipada com produtos químicos e pilhas de papel, não oferecia nada mais além de um inseticida para se defender.

Ela pegou o inseticida e permaneceu atrás da porta. Ela planejava usá-lo caso algum monstro aprendesse a usar a maçaneta.

Ela ouviu o que poderiam parecer tiros em algum lugar próximo. Sua esperança era a de que fosse alguém do time, mas com o passar do tempo ela começou a achar que era a única restando — quando a porta abriu subitamente, e uma figura respirante correu para dentro.

Rebecca não hesitou. Ela avançou e apertou o botão, jogando uma nuvem de química na face dele, tentando correr...

— Gah! — Ele gritou e encostou na porta, fechando-a. Ele cobriu os olhos, cuspindo. Ele não era um monstro. Ela acabou de agredir um dos Alphas.

— Ah, não! — Rebecca já estava mexendo em seu kit médico, imensamente aliviada em ver outro S.T.A.R.S., e envergonhada.

Ela tirou um pano limpo e um pote de água, indo na direção dele.

— Fique de olhos fechados, não os esfregue.

O Alpha abaixou as mãos e ela finalmente o reconheceu. Era Chris Redfield. Ela se sentiu vermelha, e grata por ele não conseguir vê-la.

Boa, Rebecca. Quer causar uma boa impressão em sua primeira missão, mas acaba perdendo a arma, se perdendo, cegando um membro de equipe...

Ela o levou para a pequena cama no canto da sala. Ela o sentou e aplicou seu treinamento.

— Ponha a cabeça para trás. Isso vai arder um pouco, mas é só água, tá bom? — Ela passou um pano úmido nos olhos dele, aliviada por não ter sido nada grave.

— O que era aquilo? — Ele perguntou, piscando rapidamente.

— Ah, inseticida. O rótulo foi arrancado mas o ingrediente ativo é provavelmente permefrina, é um irritante e o efeito não vai durar muito. Eu perdi minha arma, e quando você entrou eu pensei que fosse uma daquelas coisas, apesar de eles ainda não terem aprendido a usar uma maçaneta, e nem vão...

Ela percebeu que estava tagarelando e parou, terminando os cuidados e se afastando. Chris esfregou o rosto e olhou para ela, de olhos vermelhos.

— Rebecca... Chambers, certo?

Ela acenou miseravelmente.

— É. Olha, eu sinto muito...

— Não se preocupe. — Ele disse, e sorriu. — Na verdade não é uma arma ruim.

Ele se levantou e olhou em volta, franzindo. Não tinha muito o que ver: um baú aberto cheio de papéis, uma estante com frascos de produtos químicos, uma cama e uma mesa.

— E o resto do time? — Ele perguntou.

— Eu não sei. Aconteceu algo de errado com o helicóptero e nós tivemos que pousar. Depois nós fomos atacados por animais, algum tipo de cachorro, e Enrico nos disse para correr. — Ela encolheu os ombros, sentindo como se tivesse doze anos. — Eu...

virei na floresta e saí de frente para este lugar. Eu acho que um dos outros arrombou a porta, estava aberta...

Ela se esgotou, desviando do intenso olhar de Chris. O resto era óbvio: ela não tinha arma, se perdera, e terminara aqui.

— Ei. — Ele disse suavemente. — Não havia mais nada a fazer. Enrico disse corra, você correu, você seguiu ordens. As criaturas lá fora, os zumbis... eles estão por toda parte. Eu me perdi, também, e o resto dos Alphas podem estar em qualquer lugar. Confie em mim, pelo fato de você ter chegado...

Do lado de fora, um dos monstros deu um baixo e triste choro, fazendo Chris parar de falar.

— Então o que faremos agora?

— Nos procuraremos pelos outros e tentaremos achar a saída. — Ele suspirou, olhando para sua arma. — Só que você não tem arma e eu estou quase sem munição...

Rebecca se iluminou e colocou a mão no bolso da calça. Ela tirou dois clips carregados do bolso e os deu a ele.

— Oh! E eu achei isso na mesa. — Ela tirou uma chave prateada com uma espada entalhada nela. Chris a pegou e colocou no bolso. Ele andou para o baú e olhou para os papéis.

— O seu conhecimento é em bioquímica, né? Você já deu uma olhada nisso?

Rebecca foi até ele, balançando a cabeça.

— Não. Eu estive muito ocupada cuidando da porta.

Ele pegou um dos papéis e ela os viu rapidamente. Era uma lista de neurotransmissores e indicadores de nível.

— Química cerebral, — ela disse. — mas esses números estão todos bagunçados. A serotonina e a norepinefrina estão muito baixos... mas olhe aqui, a dopamina*(Nota 7)* está fora do gráfico, estamos falando de esquizofrenia...

Ela percebeu o incrédulo olhar no rosto de Chris e sorriu um pouco. Ela teve muito disso por ser uma jovem de dezoito anos formada. O S.T.A.R.S. a recrutou logo depois da formatura, prometendo a ela uma equipe inteira de pesquisadores e um laboratório para estudar biologia molecular, sua verdadeira paixão.

Houve um leve *thump* na porta e o sorriso dela foi embora.

Chris tirou a chave de espada do bolso e olhou seriamente para ela.

— Eu passei por uma porta com uma espada entalhada sobre o buraco da chave. Eu vou checá-la, ver se ela leva ao hall principal. Eu quero que você fique aqui e veja aqueles arquivos. Pode ter algo que possamos usar.

Ele viu um olhar de incerteza nela e sorriu gentilmente.

— Eu tenho munição graças a você, e não vou ficar muito tempo fora.

Ela acenou, tentando relaxar. Ela estava assustada, tal como ele devia estar, também. Ele foi para a porta, ainda falando.

— O R.P.D. deve estar aqui a qualquer momento, se eu não voltar agora mesmo, espere aqui.

Erguendo a arma ele colocou a mão na maçaneta.

— Fique preparada. Assim que eu sair, ponha o baú na frente da porta. Eu vou gritar quando voltar.

Rebecca acenou de novo, e com um rápido e final sorriso, Chris

abriu a porta e olhou para ambos os lados antes de sair. Ela fechou a porta e se apoiou nela, escutando. Depois de alguns segundos de silêncio, ela escutou tiros não muito longe, cinco ou seis tiros — e só.

Depois de alguns minutos, ela empurrou o baú para bloquear parte da porta. Ela se ajoelhou em frente a ele, tentando limpar sua mente assim que começava a olhar os papéis. Suspirando, ela tirou um punhado deles e começou a ler.

Capítulo 6

A fechadura foi moleza. Jill poderia tê-la aberto com alguns clips de papel. De acordo com o mapa, a porta dava num longo corredor...

Com certeza. Ela deu outra olhada na tela e o colocou no bolso, pensando. Parecia que tinha uma porta no fim dele e depois um monte de salas.

Ela entrou no corredor, de Beretta completamente carregada na mão. O corredor não era tão espetacular, o carpete e papel de parede eram claros e em tons marrons. As grandes janelas mostravam a escuridão do lado de fora. As pequenas estantes que estavam encostadas na parede interna, apesar... Haviam três delas, cada uma com uma lâmpada, cada uma exibindo uma série de limpos ossos humanos em prateleiras. Jill desceu o corredor, passando brevemente por cada espetáculo bizarro. Crânios, ossos do braço, pernas, mãos e pés. Haviam, ao menos, três esqueletos completos. Entre os ossos estavam retorcidos pedaços de couro...

Jill pegou um deles e os soltou rapidamente, esfregando os dedos na calça. Ela não estava certa, mas parecia pele humana, dura e meio oleosa...

CRASH!

A janela atrás dela explodiu para dentro do corredor, uma nervosa forma invadindo o corredor, rosnando e rangendo os dentes. Era um dos cachorros assassinos, indo para ela, tão perigoso quanto os cacos de vidro que ainda caíam do vitrô estilhaçado.

Entre duas estantes, Jill atirou, errando, a bala despedaçando a

madeira aos seus pés enquanto o cachorro pulava nela. Ele a acertou na coxa, golpeando-a dolorosamente contra a parede.

O cheiro de carne podre tomou conta dela, e ela atirou de novo e de novo, sem estar ciente de que gritava de medo.

A quinta bala acertou diretamente o peito da abominação. Com um final e lamentável uivo a criatura foi para o chão, sangue manchando o claro carpete.

Jill manteve a arma apontada para a imóvel criatura, respirando profundamente. De repente, os membros do animal se debateram, seus dentes mordendo um pequeno desenho no chão ensanguentado antes de ficar imóvel novamente. Jill relaxou, reconhecendo o movimento como a contração muscular de um morto.

Ela tirou o cabelo dos olhos e se abaixou, vendo os estranhos e expostos músculos e dentes. Estava muito escuro quando eles correram para a mansão, não reparando na coisa que matou Joseph — mas sob a luz do corredor, sua impressão inicial não mudou; era um cachorro sem pele.

Ela se levantou e se afastou, olhando as janelas que obviamente não ofereciam proteção para os riscos do lado de fora. O corredor virava à esquerda e ela correu.

O porta no fim do corredor estava destrancada. Ela dava em outro corredor, não tão iluminado mas não tão bizarro. O papel de parede cinza-esverdeado tinha quadros com paisagens gentis, nada de ossos à vista.

A primeira porta à direita estava trancada e tinha uma armadura entalhada na fechadura. Jill lembrou da lista no computador, algo sobre chaves do cavaleiro, mas decidiu não se incomodar com isso agora. De acordo com o mapa de Trent, havia

uma sala do outro lado que não dava em lugar nenhum.

A próxima porta dava em um banheiro, completo com um ventilador de teto e uma banheira fora de moda com quatro pés. Não tinha sinais de uso recente.

Ela ficou um momento no velho lugar, sentindo a adrenalina que ganhou no outro corredor. Ainda crescendo, ela aprendeu a gostar do medo do perigo, de entrar e sair de lugares estranhos com apenas algumas ferramentas, e a própria inteligência para se sentir segura. Depois que entrou para o S.T.A.R.S., tudo isso foi perdido pelas coberturas e armas — mas agora tudo voltou, inesperado e bem vindo. Ela se sentiu... bem. Viva.

Jill voltou para o silencioso corredor, virando-o novamente. O corredor terminava com duas portas, uma de frente para a outra. A da direita era a que ela queria. Ela se sentia avantajada com os mapas e decidiu que uma vez verificada a possível rota de fuga, ela voltaria para o hall principal e esperaria por Barry.

Ela girou a maçaneta da porta dupla e ouviu um leve *snick*. Ela entrou no escuro corredor e viu um zumbi, uma desajeitada sombra ao lado de uma porta, uns três metros a frente.

Ao levantar a arma, a criatura avançou em sua direção, emitindo suaves sons de fome. Um de seus braços estava pendurado fracamente apesar de Jill ter visto um osso saindo do ombro.

A cabeça, mire na cabeça...

Os tiros foram incrivelmente altos sob a fria obscuridade, o primeiro explodindo sua orelha esquerda, o segundo e o terceiro fazendo buracos em seu crânio, bem acima da sobrancelha. Sangue escorrendo pelo rosto e ele caiu de joelhos.

Houve um movimento vindo do fundo do corredor, onde ele

virava à direita, exatamente onde ela queria ir. Jill mirou na escuridão e esperou ele se aproximar, seu corpo cheio de tensão.

Quantas dessas coisas ainda existem?

Assim que o zumbi apareceu, ela atirou, a Beretta pulando levemente em suas mãos suadas. O segundo tiro atingiu o olho direito e o zumbi imediatamente caiu na escura madeira do chão.

Jill esperou. Nada além da crescente poça de sangue se moveu. Respirando pela boca, ela foi para o fim do corredor, passando por uma curta e estreita passagem que terminava em uma rústica porta de metal.

A porta foi aberta e ar fresco passou por Jill, quente e limpo depois do frio-necrotério da mansão. Ela franziu, escutando o zumbido das cigarras e grilos. Ela chegou ao final de sua excursão, mas ainda não estava do lado de fora.

Achar um caminho seguro direto para os fundos desse lugar. Nós podemos ir para norte, alcançar uma das estradas e descer até a barricada...

Ela estava numa passagem coberta, o chão era um mosaico feito com pedras verdes, e tinha altas paredes de concreto. Haviam pequenas aberturas arqueadas próximas ao teto, por onde a leve brisa passava e trepadeiras desciam, como um lembrete do mundo exterior. Ela correu pela passagem, lembrando do mapa em que havia uma única sala à direita.

Ela virou e se deparou com outra porta de metal, seu sorriso indo embora assim que tocava a maçaneta; a porta estava trancada.

À esquerda, na parede, estava algum tipo de diagrama numa lisa placa de metal. Haviam quatro depressões hexagonais do tamanho de uma mão fechada, cada uma ligada a outra por uma

fina linha. Jill observou a legenda gravada abaixo, desejando ter uma lanterna enquanto fazia força para decifrar as palavras. Ela tirou a fina camada de pó das letras e tentou de novo.

QUANDO O SOL SE PÔR NO OESTE E A LUA SE ERGUER NO LESTE, ESTRELAS COMEÇARÃO A APARECER NO CÉU E O VENTO SOPRARÁ NA DIREÇÃO DO SOLO. ENTÃO, O PORTÃO DA NOVA VIDA SE ABRIRÁ.

Ela piscou. Quatro buracos...

...a lista de Trent! Quatro peças, e algo sobre o portão de uma nova vida — é um mecanismo de combinação para a fechadura. Coloque as quatro peças e a porta abre...

Jill empurrou a porta e viu sua esperança desaparecer. Eles teriam que achar outra saída, a não ser que achassem os artefatos — que nesse lugar poderia levar anos.

O som de um uivo se juntou a vários outros do lado de fora. Devia haver dezenas deles lá fora, não tornando a porta dos fundos uma boa ideia.

Ela suspirou fundo e voltou para a casa, tentando se preparar para os perigos que se escondiam a cada canto.

Os S.T.A.R.S. estavam presos.

* * *

Chris sabia que tinha de contar munição, então quando deixou

Rebecca, ele correu pelo corredor.

Ainda tinham três deles, todos agrupados perto da escada. Ele desviou facilmente dos zumbis e correu para a porta que dava no outro corredor. Chegando na porta, ele virou, assumindo a pose clássica de atirador, mão na coronha e dedo no gatilho.

Um por um, os zumbis foram aparecendo, gemendo e tropeçando. Chris mirou cuidadosamente, respirando, mantendo o foco...

Ele apertou o gatilho, mandando duas balas no gangrenoso nariz do primeiro. Sem pausar, ele mandou um terceira bala no centro da testa do próximo. Sangue espirrava na parede enquanto as balas terminavam na madeira. Enquanto eles caíam no chão, ele marcou o terceiro, que foi atingido por duas balas na cabeça.

Chris abaixou a arma, sentindo uma onda de orgulho. Ele era um atirador de elite de alta colocação, e tinha premiações por isso — mas ainda era bom ver o que ele podia fazer quando havia tempo para mirar. O saque rápido não era seu forte, e sim o de Barry...

Chris abriu a porta e voltou para o corredor verde-água. Ele checou ambas as direções. Adiante estava muito escuro para dizer se estava seguro.

À direita estava a porta com a espada entalhada na fechadura, e o primeiro zumbi que ele atirou, esparramado sem vida no chão. Aparentemente, tiros na cabeça eram o melhor jeito de matar um zumbi, igual nos filmes.

Ele foi até a porta, verificando o pequeno dobramento que a precedia. Vendo que estava limpo, ele inseriu a fina chave na fechadura.

Ela girou facilmente. Chris entrou no pequeno quarto onde um

a única luminária o iluminava. Ela estava em cima de uma mesa no canto do quarto que não tinha ninguém, a não ser que houvesse alguém debaixo da cama... ou talvez dentro do *closet* atrás da mesa.

Ele fechou a porta. Esse era o medo de todas as crianças, e foi o dele também — monstros no *closet* e a coisa que vivia debaixo da cama, esperando o calcanhar da descuidada criança aparecer...

E quantos anos você tem agora?

Chris balançou a cabeça, desativando sua imaginação. Ele andou pelo quarto, procurando por algo que pudesse ser útil. Não havia outra porta que levasse ao hall principal, mas talvez ele pudesse achar uma arma melhor do que um inseticida para Rebecca.

Além de uma mesa de carvalho e uma estante de livros, havia uma pequena cama e uma mesa de estudos — nada mais. Ele passou pelos livros e contornou a cama na direção da outra mesa. Tinha um fino livro próximo à luminária, entitulado como: *a journal* (diário). Apesar da mesa estar coberta de pó, o diário foi movido recentemente.

Intrigado, Chris o pegou e pulou para as últimas páginas. Poderia ter alguma pista sobre o que estava acontecendo lá.

Ele sentou na ponta da cama e começou a ler.

9 de Maio de 1998: Hoje à noite eu joguei poker com Scott e Alias da Segurança, e Steve da Pesquisa. Steve foi o grande vencedor, mas eu acho que ele estava trapaceando. Que idiota.

Chris sorriu um pouco. Ele pulou para a próxima data e seu sorriso congelou.

10 de Maio de 1998: Um dos superiores me designou para tomar conta de um novo experimento. Ele se parece com um gorila sem pele.

Segundo instruções, eles devem ser alimentados com animais vivos. Quando eu joguei um porco na jaula, a criatura pareceu brincar com ele... rasgando suas pernas e pondo seus intestino fora antes de começar a comê-lo.

Experimento? Ele está falando dos zumbis? Chris continuou lendo, empolgado com o achado. O diário só poderia ser de alguém que trabalhou aqui.

11 de Maio de 1998: Por volta das 5 horas da manhã, Scott me acordou. Ele estava vestindo uma roupa protetora que mais parecia um traje espacial. Ele me deu outra e pediu que eu a pusesse. Disse que houve um acidente no laboratório subterrâneo. Eu sabia que algo assim aconteceria. Os idiotas da Pesquisa nunca descansam, nem à noite.

12 de Maio de 1998: Eu tenho usado esta maldita roupa espacial desde ontem. A minha pele está ficando suja e coça por toda parte. Por isso eu não fui alimentar os cachorros hoje. Estou me sentindo melhor agora.

13 de Maio de 1998: Hoje eu fui para a enfermaria porque as minhas costas estão inchadas e a coceira continua. O médico colocou enormes ataduras em minhas costas e disse que eu não precisava mais usar a roupa espacial. Tudo o que eu quero fazer é dormir.

14 de Maio de 1998: Quando levantei hoje de manhã, encontrei outra bolha no meu pé. Eu tive que arrastar o meu pé até a jaula dos cachorros. Eles ficaram quietos o dia inteiro, o que é estranho. Foi aí que eu percebi que alguns deles tinham escapado. Estarei encrencado se alguém descobrir.

15 de Maio de 1998: Primeiro dia de folga em tempos e eu me sinto péssimo. Mesmo assim decidi visitar Nancy. Mas quando tentei sair daqui, fui parado pelos guardas. Eles disseram que a companhia ordenou que ninguém saísse do subterrâneo. Eu nem posso fazer uma

ligação telefônica — todos os telefones foram arrancados! Que tipo de piada é essa?

16 de Maio de 1998: Ouvi falar que um pesquisador foi baleado ao tentar fugir daqui ontem à noite. O meu corpo inteiro queima e coça e também sua o tempo todo. Eu cocei um inchaço no meu braço e de repente um pedaço de carne podre foi arrancado. Até eu perceber que o cheiro me dava fome eu fiquei doente. Mas que diabos está acontecendo comigo?

A letra começou a tremer. Chris virou a página, e mal conseguia ler as últimas linhas, as palavras rabiscadas ao acaso pelo papel.

19 de Maio. A febre se foi mas a coceira... Faminto e comendo comida de cachorro. Coça coça Scott veio cara feia matei ele. Saboroso. 4 / / coça. Saboroso.

O resto das páginas estava em branco.

Chris se levantou e colocou o diário dentro de seu colete, pensando. Alguns pedaços estavam se juntando — uma pesquisa secreta numa mansão secretamente mantida, um acidente num laboratório escondido, um vírus ou uma infeção que alterou as pessoas trabalhando lá, transformando-os em demônios...

... e alguns escaparam.

Os assassinatos em Raccoon começaram no final de Maio, coincidindo com as consequências do "acidente"; a cronologia fazia sentido. Mas que tipo de pesquisa estava sendo feita aqui? E o quanto envolvida estava a Umbrella? E o quanto envolvido estava Billy?

Ele não queria pensar nisso — mesmo não querendo pensar em nada, outro pensamento apareceu... e se ainda fosse contagioso?

Ele correu para a porta, louco para contar as novidades a Rebecca. Talvez ela pudesse saber o que foi feito no laboratório secreto. Mesmo agora, ele e os outros S.T.A.R.S. poderiam ser infectados.

Capítulo 7

Depois que Jill e Barry se separaram, Wesker ficou agachado no andar de cima do hall principal, pensando. Ele sabia que aquela hora era importante, mas ele queria criar algumas possíveis situações antes de agir; ele já havia cometido erros e não queria que acontecesse de novo. Os Alphas eram um grupo brilhante, fazendo sua margem de erro se estreitar.

Ele havia recebido as ordens alguns dias atrás, mas não esperava ter que pô-las em prática tão cedo; a queda do helicóptero do Bravo foi uma casualidade, tal como a covardia de Brad. Mesmo assim, ele devia estar mais preparado. Ser pego de surpresa foi tão... não profissional.

Suspirando, ele colocou os pensamentos de lado. Ele não esperava terminar aqui, mas foi o que aconteceu, e se julgar por falta de previsão não mudaria nada. Além disso, havia muito o que fazer.

Ele conhecia bem o subterrâneo da mansão, só que ficava muito pouco dentro dela. Já os laboratórios ele conhecia com a palma de sua mão. A mansão era um labirinto, projetada por um engenhoso arquiteto no começo da loucura. Spencer era estranho, ele instalou tudo quanto é tipo de pequenos mecanismos na casa, do tipo que se vê em bobos filmes de espionagem dos anos 60...

Mecanismos que tornarão esse trabalho duas vezes mais difícil. Chaves escondidas, túneis secretos — é como se eu estivesse preso num desses filmes, com direito a cientistas malucos e um relógio de pêndulo...

Seu plano original era de levar ambos os times para a mansão,

e limpar a área antes de descer para os laboratórios e preparar as coisas. Ele tinha as chaves mestras e códigos, claro. Elas foram enviadas junto com as ordens, e abririam todas as portas da casa. O problema era, não havia chave para a porta que dava para o jardim, a fechadura era um quebra-cabeça — e era o único meio de ir para o laboratório, exceto andar pela floresta.

Coisa que não vai acontecer. Os cachorros pulariam em mim antes que eu pudesse dar dois passos. E se os 121 escaparam...

Wesker tremeu, lembrando do acidente com o guarda recruta, que chegou muito perto das jaulas, cerca de um ano atrás. O cara foi morto antes de poder dizer socorro. Wesker não tinha intenção de contornar a casa sem a cobertura de um exército.

O último contato com o lugar tinha sido há seis semanas. Uma histérica ligação de Michael Dees para uma das centrais do escritório White. O doutor tinha trancado a mansão, escondendo as quatro peças do quebra-cabeça para manter os contaminados longe da casa. Até então, eles estavam todos infectados e sofrendo de algum tipo de paranoia de desejo; um dos mais fascinantes efeitos colaterais do vírus. Só Deus sabe o que havia acontecido lá embaixo enquanto eles vagarosamente perdiam suas mentes...

Dees não foi exceção, apesar de ter aguentado mais do que os outros; algo a ver com metabolismo individual, Wesker foi informado. A companhia já tinha decidido destruir tudo, apesar do cientista ter sido assegurado de que a ajuda estava a caminho. O pessoal do White não arriscaria mais contaminações. Eles cruzaram os braços por quase dois meses enquanto Raccoon sofria as consequências, enquanto o vírus perdia sua força — aí mandaram Wesker para arrumar a bagunça.

Que agora já é considerável.

O capitão correu seus dedos pelo veludoso carpete, tentando se lembrar de detalhes da reunião sobre a ligação de Dees. Gostando ou não, tudo tinha que ser feito esta noite. Ele tinha que coletar as evidências requeridas e ir para os laboratórios, tendo encontrado antes, as peças da fechadura. Dees foi incoerente, dizendo algo sobre corvos assassinos e aranhas gigantes — mas ele insistiu que as peças estavam "escondidas onde só Spencer as acharia", e isso fazia sentido. Todos que trabalhavam na casa sabiam sobre a atração de Spencer por mecanismos secretos. Infelizmente, Wesker não se preocupou muito com eles, sem saber que algum dia precisaria dessas informações. Ele se lembrou de algumas — a estátua do tigre com a combinação de olhos, a sala das armaduras com o gás, e a sala secreta na biblioteca...

Mas eu não tenho tempo de ir em todas elas, não sozinho...

Wesker sorriu de repente e se levantou, impressionado como não havia pensado nisso antes. Ele poderia dar uma nova missão aos Alphas e procurar pelas peças, só que ele não precisava fazer tudo. Chris estava muito ocupado e Jill ainda era imprevisível... Barry, no entanto...

Barry Burton era um homem de família. Chris e Jill confiavam nele.

Enquanto eles estiverem andando pela casa, eu posso ir ao sistema de auto-destruição e depois sair daqui, missão completa.

Ainda sorrindo, Wesker foi para a porta dupla que dava no parapeito da sala de jantar. Era uma chance de testar suas habilidades contra o resto do time e contra as criaturas que certamente estavam por aí.

Isso poderá ser divertido.

***

CAW!

Jill apontou a arma na direção do som, o triste grito ecoando por todo o lugar enquanto a porta se fechava. Aí ela viu a origem do barulho e relaxou, sorrindo.

Mas que diabos vocês estão fazendo aqui?

Ela ainda estava na parte de trás da casa, e decidiu checar as poucas salas antes de voltar para o hall principal. A primeira porta que ela tentou estava trancada, a entalhação de um capacete na fechadura. Seus lockpicks foram inúteis. Então ela foi ver a porta do outro lado, que abriu facilmente. Ela entrou preparada para tudo — só que não esperava ver um monte de corvos, espalhados numa barra de suporte ao longo da sala.

Os pássaros negros soltaram outro de seus irritantes gritos, e Jill tremeu. Haviam dúzias deles, batendo as asas enquanto ela procurava ameaças na sala; ninguém nela.

A sala em forma de U a qual entrou era fria como o resto da casa, e não tinha móveis. Era uma galeria, nada além de retratos e pinturas alinhadas na parede central. Penas escuras estavam espalhadas pelo gasto chão de madeira. Jill imaginou como eles entraram lá e a quanto tempo. Suas aparências eram estranhas; eles pareciam maiores do que o normal, e a estudavam com um olhar quase — sobrenatural.

Jill tremeu de novo, voltando para a porta. Não tinha nada de importante lá. Reparando nos retratos, ela percebeu que haviam botões sob as molduras — ela presumiu serem os interruptores das luzes, apesar de não entender por que alguém se incomodaria em

fazer tal galeria para a tão medíocre arte. Um bebê, um jovem homem... as pinturas eram horríveis, mas não exatamente inspiradas.

Ao tocar a fria maçaneta, ela franziu. Havia um pequeno painel ao nível do olho à direita da porta, rotulado "spots" (luzes). Ela apertou um dos botões e uma única luz se apagou. Os pássaros desaprovaram, batendo as asas, e Jill a ligou novamente, pensando.

Se esses botões são das luzes, para que são aqueles controles debaixo dos quadros?

A sala era mais do que ela pensava. Jill foi para a primeira pintura em frente a porta, um grande quadro com anjos voando e nuvens iluminadas pelos raios do sol. O título era, "Do Berço ao Túmulo" . Não tinha botão sob ele e Jill foi para o próximo.

Era o retrato de um homem de meia-idade ao lado de uma elaborada lareira. Pelo corte de seu terno e seu cabelo, o quadro deveria ter sido pintado no final dos anos 40 ou no começo dos 50. Tinha um simples botão on/off sob a moldura, sem nome. Jill o pôs da esquerda para a direita e ouviu um som elétrico — e atrás dela, os corvos explodiram num gritaria. Tudo o que ela ouviu foram os gritos e o bater de asas enquanto pulavam em cima dela — e Jill correu, a porta parecendo estar a um milhão de quilômetros de distância, seu coração pulando O primeiro pássaro a alcançou enquanto tocava a maçaneta, seu bico encontrando a macia pele da parte de trás do pescoço dela. Houve um aguda dor atrás de sua orelha direita e Jill bateu nas agitadas asas que esfregavam suas bochechas, gritando enquanto furiosos berros a envolviam.

Ela se debateu e o corvo a soltou, indo embora.

... são muitos, fora, fora, FORA.

Ela fechou a porta e voltou para o corredor, caindo no chão.

Ela ficou lá por um momento, respirando. Nenhum corvo tinha escapado.

Normalizando os batimentos cardíacos, ela se levantou e tocou o ferimento atrás da orelha. Seus dedos voltaram com sangue, mas não era nada grave.

Por que eles atacaram, o que o botão fez? Ela lembrou do barulho elétrico ao apertar o botão, o som de um choque...

...a barra!

Ela admirou quem fez a armadilha. Ao apertar o botão, uma corrente elétrica deve ter passado pela barra onde eles estavam. Ela nunca ouviu falar em corvos treinados para atacar, mas pensou em outra explicação — alguém estava escondendo algo naquela sala. Para descobrir, ela teria que voltar lá.

Eu posso ficar na porta e acertar um por um... ela não gostou da ideia. Ela não confiava em sua mira e acabaria desperdiçando muitas balas.

Só tolos aceitam o óbvio, use a cabeça, Jillzinha.

Ela sorriu um pouco; era seu pai falando, fazendo-a se lembrar do treinamento que teve antes do S.T.A.R.S..

Uma de suas memórias mais recentes era a de se esconder nos arbustos do lado de fora de uma velha casa em Massachusetts*(Nota 8)* que seu pai tinha alugado, analisando as escuras janelas enquanto ele explicava como “procurar uma possibilidade”. Dick fez disso um jogo, ensinando-a pelos dez anos seguintes os melhores pontos de entrada, tudo desde como remover cacos de vidro sem danificá-los até subir escadas sem fazer *crecks* — e ele também ensinou que toda charada tem mais de uma resposta.

Matar os pássaros era óbvio demais. Ela fechou os olhos,

concentrando-se.

Botões e retratos... um jovem garoto, um bebê, um jovem homem, um homem de meia-idade... “Do berço ao túmulo”. Berço ao túmulo...

A resposta veio, deixando-a embaraçada pela simplicidade do enigma. Ela se levantou, pensando se os corvos já haviam voltado para a barra. Uma vez lá, ela não teria problemas para descobrir o segredo.

Ela abriu a porta e ouviu o leve bater de asas, prometendo a si mesma ser mais cuidadosa. Apertar o botão errado nesta casa poderia ser mortal.

Capítulo 8

— Rebecca? Me deixe entrar, é o Chris.

Algo pesado foi arrastado contra a parede e a porta abriu. Chris entrou, já tirando o diário do colete.

— Eu achei esse diário num dos quartos, parece que houve algum tipo de pesquisa aqui, não sei qual mas...

— Virologia. — Rebecca interrompeu, erguendo alguns papéis, sorrindo. — Você estava certo sobre ter algo de útil aqui.

Chris pegou os papéis e deu uma olhada. Para ele, aquilo era uma língua estrangeira feita de números e letras.

— O que é isso tudo? DH5a, MCR...

— Você está olhando para um mapa de descendência. — Ela disse. — Aquele é o de um hospedeiro por criação genômica contendo citosina metilada, ou resíduos de adenina*(Nota 9)*, dependendo.

Chris levantou a sobrancelha.

— Vamos fingir que eu não faço a mínima ideia do que você está falando e tente de novo. O que você achou?

Rebecca corou levemente e pegou os papéis de volta.

— Desculpe, há um monte de, hum, coisas aqui sobre infecção viral.

— Isso eu entendo; um vírus... — Ele folheou o diário, contendo a data do primeiro relato do acidente no laboratório.

— Em onze de Maio, houve algum tipo de vazamento num laboratório desse lugar. Em oito ou nove dias, a pessoa que escreveu isso se transformou numa daquelas criaturas lá fora.

Rebecca arregalou os olhos.

— Diz quando os primeiros sintomas apareceram?

— Parece que sim... em vinte e quatro horas, ele ou ela estava reclamando de coceira na pele. Inchaços e bolhas em quarenta e oito horas.

Rebecca empalideceu.

— Isso é... wow.

Chris acenou.

— É, exatamente. Tem jeito de dizer se ainda pode infectar?

— Não sem mais informações. Tudo aquilo... — Rebecca apontou para o baú cheio de papéis. — é bem velho, uns dez anos, e não há nada específico sobre aplicação. Um aerotransmissível com esse tipo de velocidade e toxidade... se ainda fosse viável, toda Raccoon já estaria infectada. Não tenho certeza, mas duvido que ainda é contagioso.

Chris se aliviou.

— Nós temos que achar os outros. Se algum deles passar pelo laboratório sem saber o que tem lá...

Rebecca parecia chocada com o pensamento, mas acenou corajosamente e foi para a porta. Chris decidiu que, com um pouco de experiência, ela daria um ótimo membro do S.T.A.R.S.; mesmo sem arma, ela estava abandonando a relativa segurança daquela sala para ajudar os companheiros.

Juntos eles correram até a porta que dava no corredor verde-água. Chris verificou a arma e virou para Rebecca.

— Fique perto. A porta que queremos é para a direita no fim do corredor. Eu vou ter que atirar na fechadura, tenho certeza de que há um ou dois zumbis por lá, e você vai ter que vigiar.

— Sim, senhor. — Ela disse, e Chris sorriu.

Ele abriu a porta e a cruzou, apontando a arma para as sombras à frente e depois para a direita. Nada se moveu.

— Vamos. — Ele cochichou, e eles correram, pulando o morto no meio do caminho. Rebecca passou a proteger a retaguarda enquanto Chris girava a maçaneta. Ainda trancada.

Ele se afastou da porta e mirou cuidadosamente. Atirar numa porta trancada não era tão fácil e seguro como nos filmes; um ricochete no metal a essa distância poderia matar o atirador.

— Chris! — Rebecca gritou.

Ele olhou sobre o ombro e viu uma figura no fim do corredor, andando para eles. Chris pôde ver que a criatura estava sem um braço.

Chris virou para a porta e atirou duas vezes. A madeira estilhaçou tal como o quadrado de metal. Puxando a maçaneta, a porta se abriu.

Ele agarrou o braço de Rebecca, apontando para o zumbi. Fazendo meio caminho, ele parou no corpo caído. Chris observava, o zumbi se pôs de joelhos e enterrou sua mão no crânio do outro. Ele gemeu de novo, um úmido e frio som, e levou um punhado de massa cinzenta a boca.

Chris voltou para Rebecca, fechando a porta. Ele examinou o

corredor, notando as diferenças. À sua direita, a uns seis metros, estava o corpo de um zumbi, sua cabeça arrebentada. Estava de papo para o ar, ensanguentado. À esquerda, estavam as duas portas que Chris não tinha tentado. A que ficava no final do corredor estava aberta, revelando escuridão.

— Siga-me. — Ele disse, e foi até a porta aberta, segurando sua arma. Ele queria voltar para o hall principal com Rebecca, mas o fato de alguém do time ter passado por ali, merecia uma olhada.

Ao passarem pela porta fechada à direita, Rebecca hesitou.

— Tem o desenho de uma espada na fechadura.

Ele manteve sua atenção na porta aberta, mas percebeu que haviam muitas maneiras de se perder por lá. Ele não achava que o resto do time ainda esperava por ele, mas suas ordens eram de voltar para o hall principal e relatar; ele não devia levar uma recruta desarmada para um território desconhecido sem ao menos checá-lo.

Chris suspirou, abaixando a arma.

— Vamos voltar para o hall principal. Nós podemos voltar aqui mais tarde.

Rebecca concordou e juntos eles voltaram para a sala de jantar, Chris esperando ter alguém lá para encontrá-los.

***

Barry apontou sua Colt para o zumbi e atirou, a bala explodindo a cabeça da criatura antes mesmo de alcançar sua bota. Respingos de sangue voaram em seu rosto enquanto o zumbi

morria. De cara feia, ele secou o rosto com as costas da mão enquanto os pequenos riachos de vermelho desciam por entre os azulejos.

Barry abaixou o revólver, sentindo seu ombro esquerdo. A porta lá em cima estava solidamente trancada.

Olhando para o zumbi no chão, ele percebeu que teria de voltar e abrir outra porta. Se Chris tivesse passado por ali, aquele zumbi já estaria morto.

Então onde ele está?

Das três portas trancadas, Barry tinha escolhido a que dava término ao corredor. Ele saiu num pequeno e escuro corredor em U, que passava por um poço de elevador com grades antigas e terminava numa escada que descia.

A branca cozinha depois dela parecia deserta. A bancada no meio da cozinha estava coberta de poeira e havia umidade nas paredes — sem sinais de uso recente, sem sinal de Chris. A porta do outro lado estava trancada. Ele ia voltar quando percebeu um rastro na poeira do chão, e o seguiu...

Suspirando, Barry passou pelo zumbi morto. Uma última checada antes de subir e tentar a Segunda porta.

No fundo da cozinha, à esquerda, havia o mesmo poço de elevador protegido pelas grades fora de moda. Ele não chamou o elevador, mesmo porque o botão do andar de cima não tinha funcionado. Além disso, a ferrugem na grade de metal sugeria que ninguém a tinha usado por muito tempo.

Ele se virou e voltou, pensando em Jill. Barry não gostava daquela casa. Era fria, perigosa e cheirava como um frigorífico de carne. Ele não era do tipo que se assustava fácil, ou deixava a

imaginação fluir, mas metade dele sempre esperava ver um fantasma debaixo de um lençol branco e balançando correntes a cada curva.

Houve um distante barulho atrás dele. Barry virou e apontou a arma ao acaso, seus olhos arregalados e boca seca. Houve outro barulho metálico, seguido por um baixo hum de maquinário.

Barry respirou fundo, soltando o ar bem devagar... não era um espírito sem corpo; alguém estava usando o elevador.

Quem? Chris e Wesker estão desaparecidos e Jill está na outra asa...

Ele esperou onde estava, abaixando a arma. Se ele parasse nesse andar, Barry teriauma boa mira caso alguém aparecesse na curva.

Barry abriu esperanças; pode ser algum Bravo, ou alguém que vivia lá e pudesse dizer o que aconteceu...

Com uma forte pancada, o elevador parou na cozinha. Um barulho de dobradiças de metal, e depois passos — e o Capitão Wesker apareceu, seus óculos escuros em seu claro rosto.

Barry abaixou a arma, sorrindo aliviado. Wesker parou onde estava e sorriu de volta.

— Barry! Justo o homem que eu estava procurando. — Ele disse.

— Deus, você me assustou! Eu ouvi o elevador vindo e pensei que fosse ter um ataque cardíaco... — Barry parou, seu sorriso desaparecendo. — Capitão... aonde você tinha ido? Quando nós voltamos você tinha sumido.

Wesker sorriu mais.

— Desculpe por isso. Eu tive que tratar alguns assuntos, você sabe, chamados da natureza?

Barry sorriu de novo, surpreso pela confissão.

Preso em território hostil e o cara foi dar uma mijada?

Wesker tirou os óculos, fazendo contato visual, fazendo Barry se sentir tenso de repente. O sorriso de Wesker parecia crescer. Parecia que todos os dentes estavam aparecendo.

— Barry, eu preciso de sua ajuda. Você já ouviu falar em White Umbrella?

Barry balançou a cabeça negativamente, sentindo-se desconfortável por um segundo.

— White Umbrella é um setor da Umbrella Inc., uma divisão muito importante. Eles são especializados em... pesquisa biológica. A mansão de Spencer abriga seus laboratórios, e recentemente, houve um acidente. — Wesker passou a mão na bancada central e se apoiou nela, falando tranquilamente.

— Esta divisão da Umbrella tem alguns laços com a organização S.T.A.R.S., e há pouco tempo, eu fui convidado para... ajudá-los nessa situação. É uma situação bem delicada, sabe, bem secreta; a White Umbrella não quer que um pingo de seu envolvimento escape. Agora, eu devo ir para os laboratórios subterrâneos e dar o fim em algumas provas incriminadoras — prova de que a White Umbrella é responsável pelo acidente que causou tantos problemas em Raccoon. O problema é, eu não tenho a chave para chegar aos laboratórios — chaves, na verdade. E é aí que você entra. Eu preciso que você me ajude a achar essas chaves.

Barry o encarou por um momento, sua mente funcionando. Um acidente, um laboratório secreto fazendo experiências biológicas...

.. cães assassinos e zumbis soltos na floresta...

Barry apontou seu revólver para o rosto sorridente de Wesker, abalado e nervoso.

— Você está louco? — Você acha que eu vou te ajudar a destruir provas? Seu louco filho da mãe!

Wesker balançou a cabeça, agindo como se Barry fosse uma criança.

— Ah, Barry, você não entende; você não tem escolha. Veja, alguns amigos meus da White Umbrella estão agora do lado de fora da sua casa, olhando sua esposa e filhas dormindo. Se você não me ajudar, sua família vai morrer.

Barry pôde sentir o sangue sair de seu rosto. Ele engatilhou sua Colt, sentindo um súbito ódio por Wesker.

— Antes de você puxar o gatilho, eu devo mencionar que se eu não der um retorno aos meus amigos em breve, as ordens são para ir em frente e matá-las.

Kathy, meninas!

— Você está blefando. — Barry disse, e o sorriso de Wesker finalmente desapareceu, seu rosto voltando a vestir a mesma máscara de sempre.

— Não estou. — Disse friamente. — Atire. Depois você pode ir se desculpar nas lápides delas.

Houve silêncio por um momento. Então, Barry vagarosamente desengatilhou a arma e a abaixou, seus ombros desmoronando. Ele não podia, não iria arriscar; sua família era tudo.

Wesker acenou e tirou um molho de chaves do bolso.

— Há quatro peças de metal em algum lugar na casa. Cada uma tem o tamanho de uma xícara, e tem um desenho em relevo num dos lados, sol, lua, estrela e vento. Há uma porta dos fundos no outro lado da mansão onde elas devem ser colocadas.

Ele desprendeu uma chave e a deslizou sobre a mesa para Barry.

— Esta deve abrir todas as portas do outro lado ou ao menos as mais importantes, primeiro e segundo andar. Ache aquelas peças para mim e sua esposa e filhas ficarão bem.

Barry pegou a chave, cansado e mais assustado do que nunca.

— Chris e Jill...

... vão indubitavelmente querer te ajudar. Se você ver algum deles, diga que a porta dos fundos que você descobriu pode ser a saída. Eu tenho certeza que eles ficarão felizes em trabalhar com seu confiável amigo, o bom e velho Barry. De fato, você deveria destrancar todas as portas para fazer um bom trabalho. — Wesker sorriu de novo, um amigável meio-sorriso que escondia suas palavras.

— Claro, se você disser que me viu, isso complicaria as coisas. Se eu tiver problemas, digamos, baleado pelas costas... bom, isso é tudo. E que isso fique só entre nós.

A chave tinha um pequeno desenho, o peito de uma armadura. Barry a pôs no bolso.

— Aonde você estará?

— Oh, eu estarei por aí, não se preocupe. Eu te aviso quando for a hora.

Barry tentou esconder o medo em sua voz.

— Você dirá que estou te ajudando, né? Você não esquecerá de dar o retorno?

Wesker virou e voltou para o elevador.

— Confie em mim, Barry. Faça o que eu mando e não há nada com o que se preocupar.

A grade do elevador abriu e fechou, e Wesker se foi. Barry ficou olhando o espaço vazio onde Wesker tinha estado, pensando em como escapar da ameaça. Não tinha jeito. Não tinha o que discutir entre sua honra e sua família; ele podia viver sem honra.

Ele voltou para a escada, determinado a fazer o necessário para salvar Kathy e suas filhas. Quando tudo acabasse, quando estivesse certo de que elas estavam a salvo...

Não haverá lugar para se esconder, Capitão.

Barry prometeu a si mesmo que Wesker pagaria pelo que estava fazendo.

Capítulo 9

Jill encaixou a pesada peça de cobre com uma estrela gravada em sua posição no diagrama, acima das outras três aberturas. A peça encaixou com um *click*.

Menos uma...

Os corvos a viram andar pela galeria sem sair da barra, berrando ocasionalmente assim que ela resolveu o simples enigma. Eram seis retratos ao todo, do berço ao túmulo — do bebê recém nascido até o homem velho. Ela presumiu que todos eles eram de Lord Spencer, apesar de nunca ter visto uma foto dele...

A pintura final era o cenário de uma morte, um pálido homem deitado cercado por pessoas de preto. Quando ela apertou o botão do quadro, o mesmo caiu da parede, empurrada por pequenos pinos de metal em cada canto. O quadro escondia um pequeno buraco forrado com veludo que continha a peça de cobre. Ela deixou a galeria sem mais problemas; se os pássaros ficaram desapontados, ela não sabia dizer.

Ela suspirou fundo o prazeroso ar da noite antes de voltar para a mansão, pegando o computador de Trent enquanto ia. Já dentro, ela passou por cima do corpo no corredor e estudou o mapa, decidindo aonde ir. Ela tinha que voltar por onde veio.

Ela passou pelas portas duplas que davam acesso ao corredor cinza-esverdeado com os quadros de paisagens.

De acordo com o mapa, a porta única bem à frente da dupla, dava em uma pequena sala quadrada que dava em outra maior.

Ela abriu a porta, apontando sua arma ao mesmo tempo. A sala era quadrada mesmo, e totalmente vazia.

Abaixando a arma, Jill entrou na câmara, apreciando brevemente sua simples elegância enquanto andava para a porta à direita. O lugar tinha um pé direito bem alto e paredes de mármore cor-de-creme com manchas douradas; linda. E cara, no mínimo. Ela se lembrou dos velhos dias com Dick, todos os seus grandes planos e esperanças a cada investida. Isso era o que o dinheiro real podia comprar...

Jill abriu a porta da direita. Uma rápida mirada e relaxou; ela estava sozinha.

Havia uma lareira à direita, abaixo de um tapete de parede ornado em vermelho e dourado. Em volta dela, havia um baixo e moderno sofá, e uma mesa de centro oval em cima de um tapete laranja escuro de desenho oriental. E na parede de trás...

... uma espingarda estava suspensa por dois ganchos, brilhando com a luz do antigo lustre acima. Jill sorriu e correu pela sala, sem acreditar no que via.

Por favor esteja carregada, por favor...

Assim que parou na frente dela, Jill reconheceu a marca. Armas não eram o seu forte, mas era a mesma que o S.T.A.R.S. usava: uma Remington M870, cinco tiros.

Ela guardou a Beretta e levantou a espingarda com ambas as mãos, ainda sorrindo...

... mas o sorriso sumiu assim que os ganchos se moveram para cima. Ao mesmo tempo, houve um som mais pesado atrás da parede, como se metal estivesse mudando de posição.

Jill não sabia o que era, mas não estava gostando. Ela girou

rapidamente, procurando movimento na sala, mas estava tudo normal. Nada de pássaros, alarmes, luzes piscando, quadros caindo da parede...

Aliviada, ela verificou que a arma estava completamente carregada. Ela vasculhou a sala mas não achou mais munição.

Não tinha mais nada de interessante lá. Jill foi para a porta, querendo voltar ao hall principal e contar as novidades para Barry. Ela tentou abrir todas as portas do primeiro andar desse lado da mansão. Se Barry fizera o mesmo do outro lado, eles podiam partir para o segundo andar e terminar a busca pelos Bravos e os outros desaparecidos...

E finalmente sair desse necrotério.

Ela fechou a porta e andou pela sala quadrada esperando, assim que tocava a maçaneta, que Barry tivesse encontrado Chris e Wesker.

A porta estava trancada. Jill franziu, girando a pequena maçaneta dourada. Ela olhou o espaço entre a porta e a moldura.

Lá estava — o grosso pino de metal da maçaneta e um outro bem sólido; o resto estava reforçado. Mas só tinha o buraco da chave para a fechadura...

Poeira veio de cima enquanto o som de válvulas girando preenchiam o lugar, um rítmico ranger de metais em algum lugar atrás das paredes.

O que...?

Assustada, Jill olhou para cima — e sentiu seu estômago dar um nó, sua respiração presa na garganta. O alto teto estava se movendo. Estava descendo.

Ela correu para a porta da sala anterior, mas estava tão fixa quanto a outra.

Essa não! Essa não!

Jill ficou em pânico, ela voltou para a porta da saída, olhando para o teto. A dez centímetros por segundo, ele atingiria o chão em menos de um minuto.

Jill apontou a espingarda para a porta, não se importando com quantos tiros seriam necessários; seus lockpicks não funcionavam naquele tipo de fechadura...

O primeiro tiro revelou o que ela já imaginava. A chapa de metal se estendia por toda porta. Ela procurou uma resposta mas sua mente estava vazia.

Talvez eu possa enfraquecê-la, quebrá-la...

Ela atirou na moldura de novo. O tiro arrancou madeira e quebrou o mármore, mas não o suficiente. O teto descia, agora menos de três metros acima dela. Ela seria esmagada.

Deus, não me deixe morrer assim...

— Jill, é você?

Uma abafada voz veio do lado de fora.

Barry!

— Me ajude! Barry, derrube a porta, agora! — Jill gritou desesperada.

— Afaste-se!

Jill saiu de perto assim que ouviu um pesado golpe atingir a porta. A porta se mexeu mas não abriu.

Outra pancada acertou a porta. Um metro e meio acima dela.

Vamos, VAMOS!

E terceiro golpe fez pedaços de madeira voarem e a porta abrir. Barry apareceu na porta, seu rosto vermelho e suado, sua mão alcançando a dela.

Jill pulou e ele agarrou seu pulso, literalmente tirando-a de suas botas. Eles caíram no chão enquanto a porta era arrancada de suas dobradiças. Madeira e ferro se contorciam enquanto o teto continuava descendo, a porta fazendo uma série de *cracks!*

Com um boom final, o teto encontrou o chão. Estava acabado, tudo tão quieto quanto um túmulo. Eles se levantaram, Jill olhando para a passagem. O lugar foi preenchido por algumas toneladas do que foi o teto.

— Você está bem? — Barry perguntou.

Ela não respondeu por um momento. Ela olhou para a espingarda que ainda estava em suas trêmulas mãos, lembrando-se de como estava certa sobre não haver armadilhas lá — e pela primeira vez, ela imaginou como iriam sair daquele inferno.

***

Chris caminhou pelo tapete em frente a escada do hall principal, Rebecca ao lado do corrimão; não tinha ninguém lá.

De algum lugar na mansão houve um pesado som. Eles levantaram a cabeça escutando, mas era só. Não dava para saber de onde veio.

— Bom, isso nos leva ao plano B. — Chris disse.

— Qual é o plano B?

Chris suspirou.

— Sei lá. Mas nós podemos começar checando a sala com a chave da espada. Talvez nós possamos achar mais informações enquanto o time não aparece, um mapa ou algo mais.

Rebecca concordou e eles voltaram pela sala de jantar, Chris na frente. Ele não queria expô-la ao perigo, mas não queria deixá-la sozinha, pelo menos no hall principal; não parecia seguro lá.

Assim que passaram pelo relógio de pêndulo, algo pequeno e duro quebrou sob os pés de Chris. Ele se abaixou e ergueu um pedaço de gesso cinza-escuro. Haviam outros três por perto.

— Você viu isso da última vez? — Ele perguntou.

Rebecca balançou a cabeça, e Chris se agachou, procurando mais deles. Do outro lado da mesa estava uma pilha de fragmentos.

Eles deram a volta na longa mesa, parando em frente ao monte de destroços. Chris cutucou os pedaços com a ponta dos pés. Pelos ângulos e formas, aquilo deveria ter sido uma estátua.

Mas agora é lixo.

— É importante? — Rebecca perguntou.

— Talvez sim, talvez não. Vale uma olhada. Numa situação como esta, nós nunca sabemos o que pode ser uma pista.

O tic-tac do relógio os seguiu até a porta do corredor. Chris tirou a chave do bolso enquanto seguiam à direita, e pararam. A porta no fim do corredor estava fechada; da ultima vez, ela estava aberta. Chris rapidamente empunhou sua Beretta e se aproximou de

Rebecca.

Alguém deve ter passado por ela enquanto estavam no hall principal, reafirmando o sentimento de Chris que coisas secretas estavam acontecendo em volta deles. O zumbi atrás deles estava na mesma posição, olhando cegamente para o teto. Chris deu a chave a ela para poder vigiar o corredor. A porta foi destrancada, e Rebecca gentilmente a abriu.

Chris sentiu que a sala estava segura mesmo enquanto acenava para Rebecca entrar. Era um piano bar. O grande piano ficava na frente de uma bancada embutida, completa com banquetas ao seu redor. Mas era a suave iluminação ou as calmas cores que davam um ar de tranquilidade. Chris decidiu que era o melhor lugar que já havia encontrado até agora.

Talvez um bom lugar para Rebecca ficar enquanto eu procuro pelos outros...

Rebecca se encostou no empoeirado piano enquanto Chris olhava melhor a sala. Havia algumas plantas, uma pequena mesa, e uma prateleira do outro lado mais ao fundo. Só tinha a porta a qual eles entraram. O lugar ideal para Rebecca se esconder.

Ele se aproximou de Rebecca escolhendo as palavras certas; ele não queria assustá-la deixando-a para trás. Ela sorriu para ele, parecendo mais jovem do que já era, uma criança...

... uma criança que se formou em menos tempo do que você para tirar a licença de piloto; não a ajude, ela é provavelmente mais esperta que você.

— Como você se sentiria ficando aqui enquanto eu dou uma olhada na casa?

— Faz sentido. — Ela disse. — Eu não tenho arma, e se você

tiver problemas eu só vou te atrapalhar...

Ela sorriu mais e adicionou.

— Mas se você for pego por um teorema matemático, não venha chorar no meu ombro.

Chris riu, tanto pelo defeito quanto pela piada; ela não era de se subestimar. Ele foi para a porta, parando ao tocar a maçaneta.

— Eu voltarei o mais breve possível. Tranque a porta e não fique andando por aí, tá bom?

Ela concordou e ele saiu da sala. Ele esperou a porta ser trancada e empunhou sua arma, seu sorriso desaparecendo assim que voltava pelo corredor.

O cheiro piorava assim que se aproximava do zumbi morto, passando por ele para ver se o corredor continuava e parou frio, olhando para o segundo corpo depois da curva, decapitado e coberto de sangue. Chris reconheceu suas feições como sendo de Kenneth J. Sullivan — e sentiu raiva e determinação ao ver o Bravo morto.

Isso está errado, tudo errado. Joseph, Ken, provavelmente Billy — quantos mais morreram? Quantos mais por causa de um estúpido acidente?

Ele finalmente virou e voltou para o hall principal. Ele checaria cada porta que os outros poderiam ter usado, e mataria todos os zumbis que cruzassem seu caminho.

***

Quando Chris saiu, Rebecca desejou-lhe boa sorte, voltando ao piano e sentando-se. Ela passou o dedo pelas teclas, se arrependendo de não ter trazido alguns daqueles papéis do baú. Ela não era tão boa em ficar parada, e não ter nada para fazer só piorava as coisas.

Você poderia praticar, sua mente sugeriu, e Rebecca riu um pouco, olhando as teclas. *Não, obrigado*. Ela sofreu por quatro anos quando criança antes de sua mãe a deixar em paz.

Ela se levantou e procurou algo para deixá-la ocupada na sala. No bar só tinha alguns copos e guardanapos, todos com pó. Na prateleira da parede haviam algumas garrafas de licor quase vazias, e vinhos caros lacrados...

Rebecca não era de beber e agora não é uma boa hora para encher a cara. Suspirando, ela olhou o resto do lugar.

Além do piano, não tinha muito o que ver. Na parede à sua esquerda, estava uma única pintura de uma mulher; uma planta quase morrendo ao lado do piano; uma mesa que se estendia da parede com copos de *martini* emborcados. Considerando isso, o piano estava parecendo mais interessante...

Ela passou por ele e entrou na pequena abertura à sua direita. duas estantes estavam lá, uma na frente da outra, vazias...

Franzindo, ela se aproximou das estantes. A da frente estava vazia, mas a de trás...

Ela empurrou a da frente. Não era pesada e se moveu com facilidade, deixando um rastro na poeira do chão.

Rebecca olhou a estante de trás, desapontada. Uma velha trombeta, um pote de vidro, e alguns vasos — e notas musicais de piano dentro de um fina pasta. Ela viu o título e sentiu uma onda de

saudades de quando tocava; era Moonlight Sonata, uma de suas favoritas.

Ela pegou os papéis amarelados, lembrando das horas que gastava tentando aprendê-la quando tinha dez ou onze anos. De fato, foi esta música que a fez perceber que não levava jeito para ser pianista. Era uma bonita e delicada canção.

Com as notas na mão, ela voltou e olhou para o piano, pensativamente. Ela não tinha nada melhor para fazer...

Além disso, pode ser que os outros S.T.A.R.S. apareçam aqui, perseguindo o terrível barulho.

Sorrindo, ela tirou o pó do banco e se sentou, pondo as notas no apoio. Seus dedos acharam as posições corretas quase que instantaneamente. Era uma sensação confortável, uma boa mudança dentro dos horrores da mansão.

Ela se sentiu relaxada assim que as primeiras notas acabaram com o silêncio, deixando a tensão e o medo irem embora. Ela ainda não era boa, seu ritmo desligado como sempre — mas ela tocou as notas corretamente, e a força da melodia mais do que maquiando a falta de delicadeza dela.

Se as teclas não fossem tão duras...

Algo se moveu ao lado dela.

Rebecca pulou, pegando o banco enquanto virava, procurando o agressor. O que ela viu foi tão inesperado que a fez congelar por um momento, sem saber o que seus sentidos a diziam.

A parede está se movendo...

Quando as últimas notas foram tocadas, um trecho da parede à direita deslizou para cima, fazendo um gentil ruído.

Ela não se mexeu, esperando algo terrível acontecer — mas os segundos passaram e nada mais se moveu; Notas musicais escondidas. Uma estranha rigidez nas teclas...

.. como se estivessem conectadas a algum tipo de mecanismo.

A estreita passagem revelou uma câmara escondida do tamanho de um *closet* de armário, suavemente iluminada. Exceto pelo busto num pedestal, estava vazia.

Ela se aproximou da entrada e parou, pensando em armadilhas mortais e dardos envenenados. E se ela entrasse e alguma catástrofe acontecesse? E se a parede descesse e ela ficasse presa lá, e Chris não voltasse?

Rebecca esqueceu as consequências e entrou, olhando em volta cautelosamente. Se tinha perigo lá, ela não podia ver. As planas paredes eram da cor de café com creme. A luz vinha de uma pequena estufa à direita, um monte de plantas atrás de um sujo vidro que separava os dois ambientes.

Ela foi até o pedestal no fundo, percebendo que o busto em cima dele era de Beethoven*(Nota 10)*; compositor de Moonlight Sonata. O pedestal portava um grosso emblema dourado do tamanho de um prato. Ela se agachou, olhando para o emblema. Parecia sólido, com o desenho de um brasão. Parecia familiar; ela tinha visto o mesmo desenho em outro lugar da casa...

Na sala de jantar, sobre a lareira!

É isso — aquele era de madeira. Ela o viu quando Chris estava examinando a estátua quebrada.

Curiosa, ela tocou o emblema, passando a mão no desenho — e o agarrou com as duas mãos. O pesado emblema saiu facilmente, como se não pertencesse àquele lugar — e atrás dela, a parede

começou a descer, fechando-a lá dentro.

Sem hesitar, ela virou e colocou o emblema de volta na cavidade — e a parede abriu de novo. Aliviada, ela olhou para o emblema, pensando.

Alguém armou tudo isso para esconder o brasão, então tinha que ser importante — mas como ela deveria removê-lo? Aquele sobre a lareira abre outra passagem secreta? Ou...o da lareira é do mesmo tamanho?

Ela não sabia, mas achava que sim — e que era a resposta certa. Se ela usasse o emblema de madeira para deixar a parede aberta e colocar o dourado sobre a lareira...

Rebecca voltou para a sala sorrindo. Chris disse para ela ficar lá, mas ela não demoraria muito — além disso quando ele voltar, ela teria algo para mostrar.

E provar que não era tão inútil apesar de tudo.

Capítulo 10

Barry e Jill estavam de frente para a fechadura quebra-cabeça, respirando o limpo ar noturno. Do lado de fora, os grilos cantavam suas músicas.

Depois do tremendo susto, Jill foi levada por Barry até a passagem coberta, sugerindo que o ar fresco a faria bem. Jill ainda estava apoiada na parede, respirando profundamente, enquanto Barry contava sua passagem pela casa.

— ... e quando ouvi os tiros, eu vim correndo. — Ele sorriu para ela. — Você teve sorte. Mais alguns segundos e você teria virado sanduíche de Jill.

Jill sorriu também, mas percebeu um humor forçado nele. Estranho. Ela não pensava em Barry se apavorando no perigo.

Será? Nós estamos presos aqui, não conseguimos achar o resto do time e essa casa pode acabar nos matando.

— Espero poder retornar o favor algum dia. — Ela disse suavemente. — É sério. Você salvou a minha vida.

Barry desviou o olhar, corando um pouco.

— Foi um prazer ajudar. — Ele disse bruscamente. — Seja mais cuidadosa. Esse lugar é perigoso.

Jill acenou. Ela esteve muito perto da morte, mas precisavam encontrar Chris e Wesker.

— Então você acha mesmo que eles estão vivos?

— Acho que sim. Além disso, há um monte de zumbis mortos

na outra asa da mansão, todos com tiros certeiros na cabeça; deve ser Chris, apesar de eu ter matado mais alguns escada acima...

Barry olhou para o diagrama na parede.

— Essa estrela já estava aí?

Jill franziu, surpresa pela repentina mudança de assunto de assunto; Chris era um dos amigos mais próximos de Barry.

— Não. Eu a achei em outra sala com uma armadilha. Esse lugar deve estar cheia delas. De fato, nós poderíamos procurar Wesker e Chris juntos.

Barry balançou a cabeça.

— Eu não sei, tem um monte de salas e nossa prioridade é achar uma saída. Se nos separarmos, nós podemos achar o resto das peças, e procurar Chris ao mesmo tempo. E Wesker.

Jill teve uma impressão de que ele não se sentia confortável. Ele se virou para estudar o diagrama, mais parecendo querer evitar contato visual.

— Além disso, — Ele disse. — nós sabemos o que fazer agora. Enquanto estivermos usando a cabeça, nós ficaremos bem.

— Barry, você está bem? Você parece... cansado. — Não era a palavra certa, mas foi a única que veio a sua mente.

Ele suspirou, finalmente olhando para ela. Ele parecia cansado; olheiras e ombros encolhidos.

— Não, eu estou bem. Só preocupado com Chris, sabe?

Jill acenou, mas não acreditava que era só isso. Desde que a salvou, ele tinha agido tensamente. Ela sabia que podia estar se precipitando — mas mesmo assim, decidiu não falar sobre o

computador de Trent. Barry parecia ter uma ligeira ideia de como era a mansão, então ele não precisava da informação...

Isso aí, continue racionalizando. Daqui a pouco, você estará achando que o Capitão Wesker planejou tudo isso.

Jill riu internamente enquanto se desencostava da parede. Os dois voltaram para a mansão andando. Ela suspirou mais um pouco antes de entrar. Barry empunhou sua Colt e a recarregou, suas expressões amargas.

— Acho que vou voltar para a asa oeste, ver se pego o rastro de Chris. — Ele disse. — Você quer subir e procurar as outras peças? Assim poderemos cobrir todas as salas e depois voltar para o hall principal.

Jill concordou e Barry abriu a porta, as enferrujadas dobradiças rangendo.

— Você vai se dar bem. — Ele disse, pondo a mão no ombro dela e a conduzindo para dentro. Assim que a porta fechou ele levantou a mão numa casual continência, sorrindo. — Boa sorte.

Antes dela poder responder, ele se virou e correu para a porta dupla no fim do corredor.

Jill estava só de novo. Não era sua imaginação; Barry estava escondendo algo dela. Mas era algo para se preocupar, ou ele só estava tentando protegê-la?

Talvez ele achou Chris ou Wesker, mortos, e não quis me contar...

Esse desagradável pensamento explicaria seu estranho comportamento. Ele queria sair da casa o mais rápido possível e mantê-la longe da asa oeste. E do jeito que ele se fixou no quebra-cabeça da fechadura, parecia estar mais preocupado com a saída do que com Chris ou Wesker...

Ela olhou para os dois corpos no chão, no meio das poças de sangue. Ela devia estar procurando um motivo que não existia, ou talvez, Barry estaria assustado, como se a morte pudesse chegar a qualquer momento.

Talvez eu pudesse parar de pensar nisso e trabalhar. Achando ou não os outros, ele está certo em sair daqui. Nós temos que voltar para a cidade e deixar as pessoas saberem o que aconteceu aqui...

Jill andou para a segunda porta à direita, armada. Ela chegou até aqui e poderia ir mais longe, tentar revelar o mistério que tirou tantas vidas...

... *ou morrer tentando*, sua mente pensou suavemente.

***

Forest Speyer estava morto. O sorridente garoto do sul em suas estranhas roupas se foi, deixando para trás um ensanguentado corpo encostado na parede.

Chris olhou para o cadáver, os distantes sons da noite na sacada do segundo andar. Era um som fantasmagórico, mas Forest não podia ouvi-lo; Forest nunca mais escutaria nada.

Chris se agachou, cuidadosamente tirando a Beretta dos dedos de Forest. Ele prometeu que não iria olhar, mas ao alcançar o cinto do morto, Chris fixou na terrível escuridão onde os olhos do Bravo um dia estiveram.

Jesus, o que aconteceu com você?

O corpo do Bravo estava coberto por ferimentos, com cerca de dois a três centímetros, cercados por carne e sangue — como se

tivesse sido esfaqueado centenas de vezes, cada corte mostrando pele e músculo. Parte de suas costelas estavam expostas, traços brancos no meio do vermelho. Sua face sem olhos era o próprio horror...

... como se o assassino quisesse sua alma também...

Haviam três clips de Beretta no bolso de Forest. Chris os colocou em seu bolso e se levantou, desviando o olhar.

Ele olhou para a escura floresta, suspirando, tentando achar alguma explicação — mas não conseguiu.

Antes, no hall principal, ele tinha decidido ver quais portas estavam destrancadas — mas quando viu as marcas sangrentas de mão no estreito corredor do segundo andar, e os gritos de pássaros, ele prosseguiu...

... corvos. Pareciam corvos, um bando inteiro... um assassino na verdade. Um bando de cachorros, zumbis, corvos assassinos...

Ele piscou, agachando-se de novo, estudando os ferimentos. Tinham dezenas de pequenos arranhões entre os cortes mais sérios, arranhões em linhas padronizadas...

Unhas. Garras.

Assim que o pensamento lhe ocorreu, Chris ouviu um revoltoso bater de asas. Ele se virou, ainda com a arma de Forest, na mão; que de repente ficou gelada.

Um monstruoso pássaro estava apoiado no parapeito a uns sessenta centímetros de distância, olhando Chris com brilhantes olhos negros. Suas feições contrastavam com seu corpo inflamado... e uma tira vermelha e úmida pendurada em seu bico.

O pássaro virou a cabeça e soltou um tremendo grito, o pedaço

da carne de Forest caindo no chão. De todos os lados, a resposta ao grito encheu o ar. Houveram furiosos barulhos de asas enquanto sombras escuras saíram de cima da calha, berrando.

Chris correu, a imagem de Forest morto em sua mente enquanto fugia. Ele voltou para o estreito corredor e fechou a porta, adrenalina pulsando em seu corpo.

Ele suspirou, suspirou de novo e depois seu coração voltou ao normal. Os gritos dos corvos ficavam mais distantes. Eles se foram.

Jesus, como eu fui burro? Burro, burro...

Se não tivesse se chocado tanto com a morte do amigo, Chris teria feito a conexão entre os pássaros e os ferimentos antes — ou ter percebido os comedores de carne que o observavam.

Ele voltou pela porta que dava no hall principal, bravo consigo mesmo. Aquilo não era um jogo, onde podia começar de novo se cometesse um erro. Pessoas estavam morrendo, seus amigos estavam morrendo...

...e se você não tomar mais cuidado, acabará se juntando a eles — outro corpo jogado em algum corredor.

Chris voltou para o segundo andar do hall principal, indo na direção das escadas enquanto colocava a arma de Forest no cinto. Pelo menos Rebecca já pode se defender...

— Chris.

Assustado, ele olhou para baixo e viu Rebecca na base dos largos degraus, sorrindo.

Ele desceu as escadas.

— O que aconteceu? Está tudo bem?

Ainda sorrindo, Rebecca ergueu uma chave prateada assim que ele a alcançou.

— Eu achei algo que você pode usar.

Ele pegou a chave, notando o desenho de um escudo gravado nela antes de colocá-la no bolso. Rebecca estava empolgada, seus olhos brilhando.

— Depois que você saiu, eu toquei o piano e uma passagem secreta abriu na parede. Havia um emblema dourado lá dentro, e eu troquei pelo da sala de jantar, e o relógio de pêndulo se moveu, e essa chave estava atrás dele.

Ela parou de falar, seu sorriso desaparecendo enquanto estudava o rosto dele.

— Eu sinto muito... eu não devia ter saído, mas eu achei que pudesse te achar antes que fosse longe demais.

— Não se preocupe, — Ele disse, forçando um sorriso. — só estou surpreso em vê-la. Veja, eu achei algo um pouco melhor do que um inseticida.

Chris deu a Beretta para ela, junto com alguns clips. Rebecca pegou a arma, olhando para ela.

Quando olhou para cima de novo, seu olhar ficou sério e intenso.

— De quem era?

Chris pensou em mentir, mas viu que ela não acreditaria — e de repente percebeu o que o fazia ser tão protetor. Claire. Isso; Rebecca o fazia lembrar de sua irmã, de seu sarcasmo adolescente, e pela leve semelhança com a qual usavam o cabelo.

— Olha, — Ela disse. — eu sei que você se sente responsável

por mim, e eu admito que sou um pouco nova nisso. Mas eu faço parte de uma equipe, e esconder os fatos pode acabar me matando. Então, de quem era?

Chris a olhou por um momento e suspirou. Ela estava certa.

— Forest. Eu o achei no lado de fora, ele foi morto por um bando de corvos. Kenneth também está morto.

Uma súbita angústia passou pelos olhos dela, mas acenou firmemente, mantendo seu olhar no dele.

— Certo. Então o que faremos agora?

Ele subiu a escada, esperando não estar cometendo outro erro.

— Acho que podemos tentar outra porta...

***

Wesker não ouviu muito da conversa entre Barry e Jill, mas depois do abafado “Boa sorte” do Sr. Burton, ele ouviu a porta abrir e fechar em algum lugar perto — e um pouco depois, o pesado som de botas contra a madeira, seguido por outra porta fechando. O corredor do lado de fora ficou vazio.

Parece que achei a sala certa para esperar...

Ele usou a chave de capacete para se trancar numa pequena sala de estudo, o lugar perfeito para monitorar o progresso do time. Não só podia ouvi-los vir e voltar, como era capaz de ir direto para o laboratório...

Ele segurou a peça do vento sob a luz da luminária da mesa, sorrindo. Foi muito fácil, mesmo. Ele tinha passado pela estátua

depois de conversar com Barry, e lembrou que ela tinha um compartimento secreto. Para não perder tempo procurando, ele simplesmente a jogou do segundo andar da sala de jantar. Ela não continha nenhuma das peças, mas sim uma brilhante joia azul.

Havia outra sala perto da de jantar, onde ficava a estátua do busto de um tigre com um olho vermelho e outro azul, um dos mecanismos que se lembrou de uma visita. Uma rápida olhada na estátua confirmou sua suspeita; ambos os olhos estavam faltando. Quando ele colocou a azul no lugar certo, o tigre girou e mostrou uma das peças. Com isso, Wesker ficou um passo mais perto de completar sua missão.

Quando as outras três estiverem no lugar, eu vou esperar eles começarem a procurar pela última e depois passar pela porta...

Ele pensou em ir ver o diagrama, mas mudou de ideia. A casa era grande, mas não tão grande, e não era necessário correr o risco de ser visto. Além disso, eles ainda não deviam ter achado outra peça. Quando tinha ido pegar a joia, ele quase deu de cara com Chris na escada. Chris tinha achado a recruta e estavam procurando por "pistas"...

Além disso, esta sala é confortável. Talvez eu cochile um pouco enquanto eles se viram.

Ele se inclinou na cadeira da mesa, contente pelo que havia feito até agora. O que poderia ter sido um desastre estava ficando bom, graças a alguns planos de sua parte. Ele já tinha achado uma das peças, tinha Barry e Jill trabalhando para ele — e teve a grande sorte de se deparar com Ellen Smith enquanto estava na biblioteca...

Epa... é Doutora Ellen Smith, muito obrigado.

Depois de achar a peça do vento, ele foi até a biblioteca para checar a pequena sala de onde se podia ver o heliporto. A porta

estava bloqueada por uma estante. Uma rápida procura não revelou nada de útil, e quando ele decidiu ver a sala dos fundos, a Dra. Smith apareceu para cumprimentá-lo.

Wesker esteve tentando arranjar um encontro com ela desde que foi movido para Raccoon, atraído por suas longas pernas e por seus platinados cabelos loiros; ele sempre tendeu a loiras, principalmente as espertas. Ela não só o ignorou várias vezes como nunca foi gentil sobre isso. Quando ele a chamou de Ellen, ela friamente o informou que era sua superior e uma doutora, e queria ser tratada como tal. Se ela não fosse tão atraente, ele nunca teria se incomodado com isso.

Mas agora, como a sua beleza desapareceu, Dra. Ellen...

Wesker fechou os olhos, sorrindo, revivendo a experiência. Foi o cabelo loiro que a entregou enquanto saia de trás da estante, gemendo e indo até ele. As pernas dela ainda eram longas, mas perderam quase todo o seu charme — sem mencionar a pouca quantidade de pele...

— Que agradável perfume você está usando, Dra. Smith. — Ele tinha dito. Depois dois tiros na cabeça, e ela caiu.

Wesker não gostava de se achar um homem superficial, mas atirar naquela mulher foi maravilhoso — não, profundamente gratificante.

Quem sabe eu acho a praga do Sarton nos laboratórios...

Depois de alguns momentos, Wesker se levantou e se espreguiçou, virando para dar uma olhada nos livros da prateleira atrás dele. Ele estava ansioso para sair de lá, mas vai levar um tempo para que os outros encontrem as peças. Não havia nada que pudesse apressá-los; ele tinha que se ocupar...

Ele franziu, tentando entender os títulos técnicos. Um dos livros se chamava: Phagemids: Alpha Complementation Vectors (Fagemidas: Complementação Alpha de Vetores). O do lado era: cDNA Libraries e Electrophoresis Conditions (Bibliotecas de cDNA e Condições de Eletroforese).

Textos de bioquímica e diários médicos, ótimo. Talvez ele dê uma cochilada. Só de ler os nomes já estava dando sono.

Seu olhar passou por um espesso livro sozinho numa prateleira inferior, em uma capa vermelha de couro. Ele o pegou, agradecido em ver um título que podia ler, mesmo tão idiota como, Eagle of East, Wolf of West... (Águia do Leste, Lobo do Oeste...).

Espere, é a mesma coisa escrita na fonte...

Não podia ser, os cientistas estavam loucos mas não iriam lacrar o laboratório, não tinha motivos para isso. Ele abriu o livro quase desesperadamente, rezando para estar errado — e suspirou com raiva para o que estava nas fingidas e coladas páginas do livro. Um medalhão de latão com uma águia entalhada no compartimento cortado do livro — parte de uma "chave" para outra das fechaduras malucas de Spencer.

Era o auge de uma cruel piada. Para sair da casa ele precisava das peças do diagrama. Uma vez no jardim, ele teria que passar por uma série de túneis subterrâneos que terminavam em outra parte do jardim — onde uma velha fonte marcava a entrada dos laboratórios subterrâneos. A fonte era uma das mais fantásticas criações de Spencer, uma maravilha da engenharia que podia ser aberta e fechada para esconder os subterrâneos — isso se você tivesse as chaves: dois medalhões de latão, um com uma águia, outro com um lobo...

Achar a da águia significava que o laboratório estava fechado.

E isso significava que o lobo poderia estar em qualquer lugar — e que suas chances de passar pela fonte caíam para algum lugar perto de zero.

Furioso, ele pegou a medalha e jogou o livro na mesa, acertando a luminária e pondo a sala em total escuridão.

Seu plano estava arruinado, a não ser que um dos outros achasse a medalha do lobo.

Isso quer dizer mais risco, mais busca — e a chance de que um deles chegue no laboratório antes de mim.

Nervoso, Wesker ficou de pé no escuro com as mãos fechadas, tentando não gritar.

Capítulo 11

Jill ouviu algo como vidro quebrando e ficou parada, escutando. A acústica da casa era estranha, os longos corredores e o traçado incomum tornavam difícil de dizer de onde vinha o som.

Ela suspirou, dando uma última olhada na calma sala de estar do segundo andar. Ela já tinha checado as outras três salas do segundo andar e não achou nada de interessante — um vazio quarto com duas camas, um pequeno escritório, e uma sala inacabada com uma lareira e uma porta trancada. Os únicos botões que ela achou eram das luzes, apesar de ter se empolgado com o sinistro botão preto na parede do escritório — mas era apenas o controle de drenagem do aquário vazio no canto do lugar.

Ela também tinha achado munição para a Remington — uma caixa de metal debaixo de uma das camas do quarto.

Jill verificou o mapa de Trent novamente, localizando-se no segundo andar. Depois da outra porta da sala de estar, estava um corredor em U que fazia o caminho de volta para o segundo andar do hall principal. O corredor tinha outras duas portas, uma dava em outro corredor com outras salas e a outra porta dava em uma única sala...

Ela guardou o computador e tirou a Beretta antes de sair para o corredor. Não era fácil entre tentar descobrir o que aconteceu na mansão, e onde o resto do time estava, era bem complicado.

Devia ter olhado melhor aqueles papéis...

O escritório era simples, uma mesa, uma estante — mas tinha um cabide com aventais ao lado da porta, e a maioria dos papéis

jogados na mesa eram uma lista de números e letras. Ela sabia química o bastante para saber que estava olhando para química, então nem se preocupou em lê-los — mas achando os papéis, ela começou a desconfiar que os zumbis foram o resultado de um acidente. A mansão era mantida bem demais para ter vindo de dinheiro privado, e o fato de ter mantido em segredo por tanto tempo merecia uma olhada. Devia ter alguns meses de poeira em quase tudo — que coincidia com os primeiros ataques em Raccoon. Se alguém na casa estivesse fazendo experiências e algo de errado tivesse acontecido...

Algo que os tornou em zumbis? Isso é meio ilógico...

Só que fazia mais sentido do que qualquer outra coisa. Sobre o time — Barry estava agindo estranho, Chris e Wesker ainda estavam desaparecidos; nada de novo aí.

E não haverá nada de novo se você não se mexer.

Certo. Jill cortou os pensamentos e saiu para o corredor. Ela sentiu o cheiro antes mesmo de ver o zumbi caído no chão. As pequenas arandelas na parede iluminavam o corpo irregularmente, refletindo o escuro tom avermelhado do corredor. Ela mirou a no corpo estendido e escutou uma porta fechando em algum lugar próximo.

Barry?

Ele tinha dito que estaria na outra asa da mansão, mas talvez ele achou algo e veio falar com ela... ou talvez se encontraria finalmente com alguém do time.

Sorrindo, ela correu pelo corredor, ansiosa para ver outro rosto familiar. Ao se aproximar da curva, uma onda de decadência passou por ela — e a criatura caída agarrou sua bota com uma incrível força.

Assustada, Jill abriu os braços para se equilibrar, gritando enquanto o zumbi aproximava sua boca da bota dela.

Seus descascados e esqueléticos dedos arranharam o grosso couro, procurando um apoio mais firme — e Jill instintivamente desceu o outro pé na cabeça do zumbi. Ele permaneceu agarrado ao pé dela, obviamente por dor.

O segundo e terceiro chute acertou o pescoço dele — e no quarto, foi ouvido um *snap* de vértebras quebrando, esmagadas sobre o calcanhar dela.

As pálidas mãos dele tremeram, e com um suspiro, o zumbi assentou-se no antiquado carpete.

Jill passou pelo corpo e fez a curva. Ela estava convicta de que as criaturas eram vítimas, bem como Becky e Pris.

Tinha uma porta dupla de metal esverdeada à direita. O desenho de uma armadura estava na fechadura, mas a porta estava destrancada.

Não havia ninguém lá dentro. As duas paredes laterais possuíam várias armaduras completas, oito de cada lado.

Um pequeno gabinete estava no fundo da sala — sem mencionar o grande botão vermelho instalado no meio do chão de lajotas cinzas.

Outra armadilha? Ou um quebra-cabeça...

Intrigada, ela andou pela sala até o gabinete com frente de vidro, os quietos guardas parecendo observá-la.

Haviam dois buracos gradeados no chão, um de cada lado do botão vermelho; talvez para ventilação — e sentiu seu coração acelerar um pouco, subitamente certa de que achou outra armadilha

da mansão.

Uma rápida inspeção no gabinete foi decisivo; não tinha jeito de abri-lo, o vidro protegendo um único objeto.

Eu aperto o botão vermelho achando que isso abre o gabinete — e depois o que?

Ela pensou no buracos de ventilação fechando, e a porta trancando, uma lenta morte por asfixia. A sala podia se encher de água ou por algum tipo de gás venenoso.

Ela olhou em volta, franzindo, pensando se poderia manter a porta aberta ou se havia outro botão escondido nas armaduras...

... toda charada tem mais de uma resposta, Jillzinha, não se esqueça.

Jill sorriu de repente. *Para que apertar o botão?*

Ela se agachou perto do gabinete, segurou a arma firmemente e quebrou o vidro. De dentro, ela tirou uma peça hexagonal de cobre, adornada com um arcaico e sorridente sol. Ela sorriu de volta para ele, contente com sua solução. Parece que um dos truques da mansão podia ser trapaceado.

De volta ao corredor vermelho-sangue, ela parou por um momento, segurando a peça. Ela podia continuar procurando por quem tinha fechado a porta, ou colocar a peça no diagrama. Por mais que ela quisesse achar os amigos, Barry estava certo em precisarem fugir da mansão.

Ela olhou para a fedorenta criatura que tinha matado, a crescente poça de sangue em volta de sua cabeça — e percebeu que queria desesperadamente sair de lá, fugir das criaturas que habitavam seus frios e empoeirados corredores. Ela queria sair o mais humanamente possível.

Decidida, ela voltou por onde veio, segurando a pesada peça. Ela já havia achado duas das peças que os S.T.A.R.S. precisavam para fugir. Ela não sabia para onde estariam fugindo, mas qualquer lugar seria melhor do que o que estariam deixando para trás...

***

— Richard! — Rebecca imediatamente se agachou ao lado do Bravo, sentindo seu pescoço com uma trêmula mão.

Chris olhou quieto para o corpo surrado, já sabendo que ela não acharia pulsação; a grande mordida no ombro direito de Richard Aiken já estava secando, sem sangue fresco na mutilada pele. Ele estava morto.

Ele viu a mão de Rebecca se afastar lentamente do pescoço do Bravo, e depois indo aos olhos para fechá-los. Os ombros dela encolheram. Chris ficou enjoado com a descoberta; o especialista em comunicações era positivo e gentil, e só tinha vinte e três anos...

Chris olhou em volta, procurando alguma pista sobre a morte de Richard. O corredor a qual entraram ficava no segundo andar e estava vazio, exceto por Richard.

Franzindo, Chris deu alguns passos na direção da outra porta e se agachou. Tinha marcas de sangue do tamanho do calcanhar de uma bota, entre o corpo e a porta a uns três metros adiante. Ele olhou para a porta, pensativo, apertando sua Beretta.

Seja lá o que tenha matado ele, está do outro lado, talvez esperando mais vítimas...

— Chris, dê uma olhada nisso.

Rebecca ainda estava agachada. Chris se aproximou dela, incerto sobre o que olhar. O ferimento no ombro de Richard era irregular e confuso, carne descolorida por trauma. Estranho por não parecerem muito profundos...

— Vê aquelas marcas vermelho-escuras saindo dos cortes? E a forma com que o músculo foi perfurado, aqui e aqui? — Ela apontou para dois buracos escuros separados por cerca de vinte centímetros.

Rebecca sentou nos calcanhares, olhando para Chris.

— Eu acho que ele foi envenenado. Parece uma mordida de cobra.

Chris olhou para ela.

— Que cobra chega a esse tamanho?

Ela balançou a cabeça, ficando de pé.

— Me pegou. Pode ter sido outra coisa. Mas não foi o ferimento que o matou, e teria levado horas para sangrar. Eu acho mesmo que ele foi envenenado.

Chris a olhou com um novo respeito; ela tinha um bom olho para detalhes e estava se comportando muito bem, considerando a situação.

Ele vasculhou o corpo de Richard rapidamente, tirando um clip cheio e um rádio de ondas curtas. Ele deu ambos para Rebecca, pondo a Beretta vazia de Richard no cinto.

Ele olhou para a porta de novo e depois para ela.

— A coisa que matou ele está lá...

— Então teremos que ser cuidadosos. — Ela disse. Sem outra

palavra, ela andou para a porta e esperou por ele.

Eu tenho que parar de pensar nela como sendo uma criança. Ela já viu quase todos os Bravos mortos, ela não precisava ser dita para ficar para trás.

Ele acenou e Rebecca girou a maçaneta, ambos erguendo suas armas enquanto entravam num estreito corredor.

Bem a frente, estavam alguns degraus de madeira que davam em uma porta. Um pouco à frente, à esquerda deles, o corredor continuava, outra porta ao fundo. Havia marcas de sangue espalhadas na parede beirando os degraus. Chris estava certo de que eram de Richard; o assassino dele estava atrás daquela porta.

Ele foi para a curva do corredor, cochichando.

— Você pega aquela porta. Se tiver problemas, volte aqui e espere. Nos encontraremos em cinco minutos.

Rebecca acenou e desceu o corredor. Chris esperou até ela entrar antes de subir os degraus, seu coração golpeando solidamente suas costelas.

A porta estava trancada, mas tinha um escudo gravado na fechadura. Rebecca estava ficando mais útil do que pensava. Ele pegou a chave que ela tinha lhe dado e destrancou a porta, checando a arma antes de entrar.

Era um grande sótão, tão simples e modesto quanto o resto da casa. Pilares de madeira saíam do chão até o teto inclinado. Exceto por algumas caixas e barris nas paredes, o lugar estava vazio.

Chris andou mais enquanto procurava por movimento.

No canto da longa sala estava um cercado, um metro e vinte por dois e setenta, talvez. Ele fazia Chris se lembrar de um estaleiro,

e era a única área fora de visão. Chris foi até lá vagarosamente, suas botas contra o chão de madeira.

Ele alcançou o baixo cercado, apontando a arma sobre ele enquanto dava uma olhada, coração batendo.

Nenhuma cobra, mas tinha um irregular buraco perto do chão, uns quarenta centímetros de altura por oitenta — e um estranho odor amargo. Franzindo, Chris começou a se afastar — e parou, se aproximando de novo. Havia um objeto de metal perto do buraco, como uma moeda do tamanho de um punho. Tinha algo entalhado na peça.

Chris deu a volta e entrou no cercado, de olho no buraco enquanto se agachava para pegar o objeto. Era um disco hexagonal de cobre com uma lua crescente gravada, um belo trabalho artesanal...

De dentro do buraco, um suave som rastejante.

Chris pulou para trás, mirando. Ele recuou rapidamente até seus ombros encostarem na parede do sótão, depois começou a andar — e uma sombra cilíndrica saiu da abertura. Era tão grossa quanto um prato de comida, e golpeou a parede onde a perna direita de Chris estava, lascas de madeira voaram com o impacto...

...droga, aquilo é uma COBRA!

Chris correu enquanto o réptil gigante se aproximava, ainda saindo da parede. Rosnando, ela se ergueu como uma naja, pondo sua cabeça mais alta que Chris, mostrando afiados dentes.

Chris correu metade da sala e girou, atirando na cabeça da cobra gigante. Ela soltou um estranho choro assim que um tiro acertou um lado de sua boca, fazendo um buraco na esticada pele.

Ela voltou ao chão e rebolou-se na direção de Chris. Cada

movimento deslocando seu imenso corpo, pelo menos seis metros.

Chris atirou de novo e um pedaço escamoso saiu das costas dela, junto com sangue.

Com outro rosnado, o animal se ergueu na frente dele, sua cabeça a alguns centímetros da arma de Chris, sangue saindo do buraco em sua boca...

Olhos. Acerte os olhos!

Chris apertou o gatilho e a cobra caiu sobre ele, empurrando-o contra a porta. A cauda batendo fortemente em um dos pilares, o bastante para racha-lo, enquanto Chris tentava liberar seus braços, para ao menos machucar a cobra antes dele morrer...

... e o frio e pesado corpo subitamente afrouxou, caindo no chão.

— Chris! — Rebecca correu para dentro e parou fria, olhando para o monstruoso réptil. — Uau...

Chris encontrou o chão e com um tremendo empurrão, ele se soltou do corpo da cobra. Rebecca foi ajudá-lo, pavorosa.

Eles olharam para o ferimento que matou a criatura — o escuro buraco onde seu olho direito esteve, destruído por uma 9mm.

— Você está bem? — Ela perguntou suavemente.

Chris acenou. Ele quase morreu por ter...

Ele ergueu a peça de cobre, tendo que folgar seus dedos apertados em volta dela. Ele a segurou durante o ataque sem perceber — e olhando para ela agora, ele percebeu que de alguma forma ela era importante...

..talvez por que você quase virou comida de cobra por pegá-la?

Rebecca a pegou, passando o dedo sobre a lua gravada no metal.

— Você achou algo? — Ele perguntou.

— Rebecca balançou a cabeça. — Mesa, duas estantes... para que é isso, afinal?

Chris olhou para o olho baleado da cobra pensando no que teria acontecido se tivesse errado aquele tiro...

— Nós descobriremos pelo caminho, vamos sair daqui. — Ele disse.

Rebecca lhe devolveu a peça e juntos eles saíram do frio sótão. Chris nunca percebeu, mas assim que fechou a porta, ele descobriu que odiava cobras.

***

Barry subiu as escadas do hall principal correndo, o nó em seu estômago apertando a cada passo. Ele abriu todas as portas que pôde na asa oeste e não achou nada.

Ele pensava nas mesmas imagens enquanto subia os degraus. Kathy, Moira e Poly, aterrizadas e sofrendo nas mãos de estranhos na própria casa. Kathy sabia a combinação do cofre de armas no porão, mas as chances de descer a escada antes que alguém entrasse...

Barry chegou no primeiro patamar e respirou fundo. Kathy nunca pensaria em correr para as armas se ouvisse alguém quebrando as janelas. Sua primeira atitude seria ver se as meninas estavam bem.

Se eu não achar aquelas peças logo, nada ficará bem.

Ele não viu telefones ou rádios em parte alguma. Se Wesker conseguisse chegar ao laboratório, como ele iria cancelar os assassinos da White Umbrella?

Barry alcançou a porta que dava no segundo andar da asa leste. Ele esperava que Jill ou Chris pudessem ter achado as peças. Senão, ele teria que voltar para a asa oeste e fazer os móveis em pedacinhos...

Barry não sabia onde Wesker estava, mas sabia que o desgraçado apareceria em breve.

Ele abriu a porta que dava num corredor vermelho escuro — e se deparou com Chris e Rebecca saindo de uma porta à sua direita.

Chris se iluminou com um sorriso.

— Barry!

O jovem homem foi até ele e o abraçou, ainda sorrindo.

— Jesus, como é bom te ver! Eu estava começando a achar que Rebecca e eu éramos os únicos vivos, aonde estão Jill e Wesker?

Mentir para Jill não foi fácil mas ele conhecia Chris há anos...

Kathy e as meninas, mortas...

— Jill e eu fomos atrás de você, mas todas as portas do corredor estavam trancadas, e quando voltamos para o hall principal, o capitão tinha sumido. Desde então, nós estivemos procurando por você e tentando achar uma saída...

Barry sorriu mais naturalmente.

— É bom ver você, também. Vocês dois.

Pelo menos isso é verdade.

— Então Wesker sumiu? — Chris perguntou.

Barry acenou, desconfortavelmente.

— É. E nós achamos Ken. Um daqueles zumbis o pegou.

Chris suspirou.

— Eu vi. Forest e Richard também estão mortos.

Barry sentiu ainda mais ódio por Wesker. As pessoas para a qual Wesker trabalhou causaram tudo isso, e agora querem fugir da responsabilidade...

... e gostando ou não, eu tenho que ajudá-los.

— Jill encontrou uma porta dos fundos, e achamos que pode ser uma saída, mas ela tem uma fechadura quebra-cabeça, e temos que pegar todas peças para abri-la. São quatro peças de metal, feitas de cobre, Jill já encontrou uma, e achamos que as outras estão escondidas pela mansão...

Barry parou ao ver o súbito sorriso de Chris enquanto colocava a mão dentro do colete.

— Algo como isso?

Barry olhou para a peça com o coração acelerando.

— Sim, essa é uma delas! Onde você a achou?

Rebecca falou, sorrindo timidamente.

— Ele teve que lutar com uma cobra gigante... grande mesmo. Eu acho que ela foi infectada pelo acidente, um tipo de vírus cruzado... eles são bem raros.

Barry pegou a peça tão normalmente quanto podia, franzindo.

— Acidente?

Chris acenou.

— Nós achamos algumas informações sugerindo que há algum tipo de laboratório aqui na mansão... e algo que eles estavam usando escapou. Um vírus.

— Um que aparentemente pode infectar mamíferos e répteis. — Rebecca adicionou. — Não só espécies diferentes, mas famílias diferentes também.

Barry fez força, tentando achar uma desculpa para ir embora. O capitão não podia se aproximar dele a não ser que estivesse sozinho. Ele estava desesperado para colocar a peça no lugar e provar que ainda estava cooperando.

Sentindo o metal esquentar em suas mãos, Barry disse finalmente.

— Nós precisamos dos federais nesse caso, uma investigação completa, suporte militar, quarentena da área...

Chris e Rebecca estavam concordando, e Barry se sentiu culpado de novo. Deus, se eles não tivessem tanta confiança...

...mas para fazer isso, nós temos que achar todas as peças. Jill já deve ter achado mais uma, ou duas...

... *Deus queira...*

— Você sabe onde ela está? — Chris perguntou.

Barry acenou, pensando rápido.

— Acho que sim, mas esse lugar é um labirinto... por que vocês não esperam no hall principal enquanto eu trago ela? Assim nós podemos organizar nossa busca, fazer um trabalho mais completo...

Ele sorriu, esperando ter sido mais convincente do que sentia.

... mas se nós demorarmos, continuem procurando pelas peças. A porta dos fundos fica no final dos corredores da asa leste, primeiro andar.

Barry pôde ver as perguntas se formando na cabeça de Chris, perguntas que não sabia responder.

Por favor, só faça o que eu digo...

— Tá certo. — Chris disse relutante. — Nós esperaremos, mas se ela não estiver onde você acha que está, volte para nos pegar. Nós teremos mais chances nesse lugar se ficarmos juntos.

Barry acenou, e antes que Chris pudesse dizer algo, ele se virou e correu pelo escuro corredor. Com a incerteza na voz de Chris e a hesitação em seus olhos, Barry quis desesperadamente alertar seu amigo sobre a traição de Wesker. Sair correndo foi o melhor jeito de evitar algo que pudesse causar arrependimento, algo que pudesse matar sua família.

Assim que ouviu a porta para o hall principal se fechar, ele acelerou pelo corredor. Tinha um zumbi morto perto da porta que dava para a escada; Barry o pulou. O cheiro desaparecendo enquanto passava pelo corredor conector.

Ele descia a escada enquanto pensava na sua traição.

Você é um mentiroso, Barry, usando seus amigos como Wesker o usou, brincando com suas confianças. Você devia tê-los dito a verdade, deixá-los te ajudar a por um fim nisso...

Barry parou de pensar assim que abriu a porta metálica para a passagem coberta. Ele não podia arriscar — e se Wesker estivesse escutando?

Barry alcançou o diagrama e parou. Alívio passou por ele, frio e suor. Três das quatro aberturas estavam preenchidas, o sol, o vento e a estrela no lugar. Estava acabado.

Ele já pode ir para o laboratório, cancelar os assassinos, ele não precisa mais de nós! Eu posso voltar e manter o time ocupado enquanto Wesker faz o que tem que fazer, o R.P.D. aparece e podemos esquecer que isso aconteceu...

Barry estava tão exaltado que não percebeu os passos atrás dele, não percebeu que estava acompanhado até ouvir a voz de Wesker ao seu lado.

— Por que você não fecha o quebra-cabeça, Sr. Burton?

Barry pulou, assustado, odiando a orgulhosa face por trás dos óculos escuros. Wesker sorriu, acenando para a peça de cobre nas mãos de Barry.

— Tá bom. — Barry encaixou a última peça no lugar. Houve um som metálico dentro da porta — e Wesker passou por ele, abrindo a porta que dava num pequeno depósito de ferramentas. Barry pode ver a saída do outro lado. Não tinha diagrama perto da porta dupla.

Kathy e as meninas estavam a salvo.

Com um leve aceno, Wesker chamou Barry, ainda sorrindo.

— O tempo é curto, Barry, e ainda tem muitas coisas para fazermos.

Confuso, Barry olhou para ele.

— O que você quer dizer? Você já pode ir para o laboratório agora...

— Bom, houve uma pequena mudança de planos. Veja, tem

outra coisa para procurar, e eu não faço a mínima ideia de onde está... e você tem feito um bom trabalho até agora que e eu quero que venha comigo...

O sorriso de Wesker ficou frio.

... de fato, eu acho que terei de insistir.

Depois de um longo e terrível momento, Barry concordou sem poder fazer nada.

Capítulo 12

Cara Alma,

Eu sentei aqui pensando por onde começar, em como explicar tudo o que aconteceu na minha vida desde que conversamos pela última vez, e eu já fracassei. Espero que esta carta seja esclarecedora, e que você me perdoe pela minha letra; isso não é fácil para mim. Enquanto escrevo, eu posso sentir os conceitos mais simples se perdendo, perdidos para o desespero e confusão — mas eu tenho que te dizer o que está acontecendo na minha cabeça antes de eu descansar. Seja paciente e aceite o que eu digo como verdade.

A história inteira levaria horas para ser contada, mas o tempo é curto, então aceite estas coisas como fatos: no mês passado houve um acidente no laboratório e o vírus que estávamos estudando escapou. Todos os meus colegas que foram infectados estão mortos ou morrendo, e a natureza desta doença é tal que os ainda vivos já perderam suas mentes. Esse vírus rouba a humanidade de suas vítimas, forçando-os a procurar e destruir vida.

Eu posso ouvi-los, mesmo enquanto escrevo estas palavras, batendo na minha porta trancada como animais famintos, gritando como almas perdidas.

Não há palavras verdadeiras o suficiente, profundas o bastantes para descrever a dor e a vergonha que eu sinto por ter tido uma mão nessa criação. Eu acredito que eles não sentem nada agora, nem medo nem dor — e não podem ver o horror a qual se tornaram, mas isso não me deixa livre da terrível aflição. Eu sou, em parte, responsável pelo pesadelo que me circunda.

Apesar da culpa que queima no meu ser, que vai me caçar a cada respiração, eu tentei sobreviver só para te ver de novo. Mas os meus esforços só adiaram o inevitável; eu estou infectado, e não há cura para o que virá em seguida — exceto terminar a minha vida antes que eu perca a única coisa que me separa deles. Meu amor por você.

Por favor, entenda. Por favor, saiba que eu sinto muito.

Martin Crackhorn

Jill suspirou, gentilmente pondo o dobrado papel na mesa. As criaturas foram vítimas de suas próprias pesquisas.

Parece que ela tinha acertado. Depois de ter colocado a peça do sol no diagrama, ela tinha decidido que o escritório do segundo andar merecia uma melhor olhada — e com um pouco de procura, ela achou o testamento final de Crackhorn numa gaveta.

Crackhorn, Martin Crackhorn — é um dos nomes na lista de Trent...

Jill franziu, voltando lentamente para a porta. Por algum motivo, Trent quisera que o S.T.A.R.S. ficasse sabendo o que estava acontecendo lá antes de todos — então por que não contar ao resto do time?

Ela saiu do pequeno cômodo que antecede o escritório e voltou para o corredor. Barry tinha andado estranho e ela precisava saber por que. Ela poderia receber uma resposta clara se perguntasse de uma vez....

Ou não. De qualquer forma, isso me dirá algo.

Jill parou na frente da escada, respirando — e percebeu que algo estava diferente. Ela olhou em volta, tentando descobrir o que

seus sentidos lhe diziam.

Está mais quente. Só um pouco. E o ar não está tão mau cheiroso. Como se uma janela tivesse sido aberta. Ou uma porta.

Jill virou e desceu as escadas, ansiosa para ver o diagrama. No final dos degraus, ela viu que a porta que dividia os dois corredores estava aberta. Dava para ouvir o distante som dos grilos, sentir o ar fresco da noite.

Ela correu para o corredor mais escuro e foi para a direita, e pôde ver a porta para a passagem coberta, aberta.

Ela correu mais, sentindo o limpo ar contra sua pele enquanto contornava o canto arredondado — e deu uma curta e triunfante risada ao ver as quatro peças no diagrama. Uma quente brisa vinha da sala que as peças abriram, um pequeno depósito de materiais de jardinagem. A porta dupla metálica na parede oposta estava aberta e Jill pode ver a luz da lua na parede cinza de tijolos.

Barry estava certo, a porta dava para o lado de fora. Eles podiam pedir ajuda agora, achar uma trilha segura pela floresta ou algum sinal...

Mas se Barry achou as peças perdidas, por que ele não me procurou?

O sorriso de Jill sumiu assim que entrou no depósito, olhando as empoeiradas caixas e barris alinhados nas acinzentadas paredes. Barry sabia onde ela estava, tinha sugerido que ela ficasse no segundo andar da asa leste...

Pode ser que Barry não a tenha aberto.

Verdade, pode ter sido Chris, Wesker ou um dos Bravos. Se fosse o caso ela podia voltar para a mansão e procurar por Barry.

Mas ela tinha que admitir que a ideia de voltar para a mansão, com uma possível saída na frente dela, não era tão atrativa. Ela empunhou a arma e foi para a porta externa, sua decisão feita.

A primeira coisa que percebeu foi o som de água correndo entre leves ruídos da floresta, como uma cachoeira. A segunda e terceira coisa foram os corpos de dois cachorros baleados no irregular chão azulado de pedra.

Bem provável que um dos S.T.A.R.S. tenha passado por aqui...

Jill saiu num pátio com altas paredes, baixos canteiros de tijolos em cada lado. Do outro lado estava um portão de metal fechado, depois de um canteiro com arbustos no meio do caminho; à sua esquerda havia uma reta passagem escurecida pelas altas paredes. O som de cachoeira parecia vir daquela direção, apesar da passagem terminar em algumas grades baixas de metal.

Escadas descendo talvez.

Jill olhou para o rústico portão à frente e depois para os corpos dos cães mutantes. Ambos estavam perto do portão, sugerindo que o atirador tinha ido naquela direção...

Houve um súbito e barulhento som de água, apressando sua decisão. Jill virou e correu pela passagem, esperando ver o que estava causando o barulho.

Ela chegou no fim da passagem e se debruçou sobre a grade — então o som parou. Não tinha escada, a grade dava em uma pequena plataforma de elevador e em um grande e aberto pátio, seis metros abaixo.

O barulho vinha da direita. Jill olhou pelo pátio a tempo de ver uma figura cruzar a cascata, desaparecendo atrás da cortina de água que saía da parede mais acima.

Mas que droga...

Ela olhou para a pequena cachoeira, piscando, incerta sobre o que viu. O barulho tinha parado assim que a pessoa sumiu — significando que a cascata escondia uma passagem secreta.

Ótimo, é tudo o que esse lugar precisava. Deus sabe que eu não peguei muitas delas na mansão.

Os controles para o elevador de um passageiro estavam na barra de metal. Jill apertou um botão e nada aconteceu. Ela tinha que descer de outro jeito, perdendo tempo enquanto aquela pessoa se distanciava mais.

Jill olhou para o poço debaixo do elevador. Ela podia descer usando as costas e as pernas para suportar seu peso.

Tirando a espingarda, um perturbador pensamento lhe ocorreu — se quem cruzou a cachoeira fosse um dos S.T.A.R.S., como sabia que a passagem estava lá?

Boa pergunta.

Segurando firme a espingarda, Jill começou a descer.

***

Eles tinham dado quinze minutos para Barry antes de irem para a porta dos fundos. Eles estavam lá agora, olhando para a chapa de cobre e suas quatro peças entalhadas.

Chris olhou para a lua crescente que Barry tinha pego, sentindo-se confuso e preocupado. Barry era um dos mais honestos e sinceros que ele já conhecera. Se ele tinha dito que ia atrás de Jill

e depois voltaria a eles, ele ia. Mas ele não havia voltado. E se tivesse problemas, como a peça da lua estava aqui?

Alguém poderia tê-la pego dele, ou ele poderia ter se ferido depois de tê-la colocado aqui... as possibilidades pareciam não acabar, e nenhuma delas era boa.

Suspirando, ele virou para Rebecca.

— Independente do que aconteceu com Barry, nós devemos ir em frente. Esta pode ser a única saída.

Rebecca sorriu um pouco.

— Tudo bem. Parece bom sair daqui, sabe?

— É mesmo. — Ele disse. Ele não percebeu como tinha se acostumado à fria atmosfera da mansão até sair dela. A diferença era incrível.

Eles cruzaram a sala de estocamento e pararam na porta, respirando fundo. Rebecca checou sua arma pela centésima vez desde que saíram do hall principal, mordendo o lábio inferior tensamente. Chris pensou se havia alguma coisa que podia ajudá-los em caso de combate. O treinamento do S.T.A.R.S. cobria o básico, mas atirar numa tela de televisão com uma arma de brinquedo estava longe da realidade.

Ele sorriu de repente, lembrando das palavras de conhecimento que aprendeu em sua primeira operação; uma estadia com um pequeno grupo de sobrevivência no norte do estado de Nova York. Chris estava apavorado e tentando não mostrar isso. O capitão da missão era um especialista em explosivos, uma breve mulher chamada Kaylor. Ela o chamou antes de entrarem em ação, olhou-o de cima a baixo e deu um único conselho, o melhor que já recebeu.

— Filho, — Ela disse. — não importa o que esteja acontecendo,

quando o tiroteio começar tente não molhar as calças.

— Por que você está sorrindo?

Chris balançou a cabeça, o sorriso indo embora. Ele não achava que isso funcionaria com a Rebecca.

— É uma longa história. Vamos.

Eles saíram do depósito.

Eles agora estavam num tipo de pátio com altas paredes de tijolos cinzas, uma passagem à esquerda deles. Chris podia ouvir água corrente por perto e o triste choro de um cão ou coiote na distância.

Por falar em cães...

Haviam dois deles mortos mais à frente, iluminados pela suave luz da lua. Chris foi até um deles e se agachou, tocando sua costela. Ele rapidamente tirou a mão de lá, de cara feia; o cachorro mutante estava pegajoso e quente.

Chris levantou, secando sua mão na calça.

— Não morreu há muito tempo. Menos de uma hora.

Tinha um enferrujado portão depois de um canteiro na frente deles. Chris acenou para Rebecca enquanto iam para ele.

Chris empurrou o portão e ele abriu, rangendo as dobradiças, revelando um imenso reservatório, mais ou menos metade de uma piscina olímpica. Escuras árvores verdes cercavam o lugar atrás de um baixo parapeito.

Eles avançaram, parando na beira da piscina. Ela parecia estar num lento processo de drenagem, o turbulento ruído causado pelo estreito fluxo de água através de uma comporta erguida à noroeste

deles. Não tinha uma passagem completa em volta do reservatório, mas Chris pode ver um caminho sob a água. Haviam duas escadas fixas, uma de cada lado, e o caminho obviamente submerso.

Chris estudou a situação por um momento, imaginando como alguém pudesse chegar do outro lado com a piscina cheia.

Sem falar, eles desceram e começaram a cruzar a piscina de pedra, suas botas em contato com as escorregadias pedras, a fria umidade os envolvendo. Chris rapidamente subiu a outra escada, ajudando Rebecca logo em seguida.

As árvores pareciam margear a passagem até o fim do reservatório, passando por cima da comporta. Eles haviam alguns passos quando começou a chover.

Chris franziu, sua mente lhe dizendo que não deveria ouvir gotas de chuva sob o som de uma cachoeira. Ele olhou para cima — e viu um galho quebrado cair, um galho que caiu no chão e deslizou sob as pedras — não era chuva e aquilo não era um galho — e já haviam dezenas delas no chão, gritando e se rastejando.

Os dois estavam cercados por cobras.

Droga.

Assustada, Rebecca olhou para Chris. O chão tinha ganhado vida, escuras sombras vindo de cima e se amontoando aos seus pés.

Rebecca ergueu a arma enquanto Chris agarrava seu braço.

— Corra!.

Eles correram, Rebecca gritando sem perceber assim que um grosso e balançante corpo caiu em seu ombro, e depois no chão.

A passagem ziguezagueava e eles correram pelas sombras, seus pés esmagando carne borrachosa, desequilibrando-os.

Eles chegaram numa pequena plataforma de elevador que dava fim a passagem. Era a única saída.

Eles se apertaram na plataforma e Rebecca apertou os botões, sua respiração acelerada. Chris virou e atirou várias vezes, os tiros desaparecendo sob o som de uma cachoeira enquanto Rebecca achava o botão certo e eles começavam a descer.

Rebecca virou para ajudar Chris e se assustou com a quantidade de cobras, uma pulando em cima da outra praticamente escondendo o chão. Ela tentou se acalmar assim que o chão passava na altura dos olhos.

Ambos olharam para cima esperando os corpos começarem a cair. Quando a base estava a centímetros do chão, eles pularam, se afastando da parede.

Ambos desacelerando o coração, Rebecca olhou para o pátio a qual estavam. Era grande, cercada por altas paredes e chão de pedras azuladas. A água do reservatório acima caía em duas piscinas menores naquele pátio, e tinha um único portão do outro lado.

E nenhuma cobra.

Ela suspirou mais uma vez, depois virou para Chris.

— Você foi mordido?

Ele balançou a cabeça.

— Você?

— Não...

Beep-beep.

O rádio!

Rebecca o tirou do cinto, esquecendo-se das cobras. Era o som que ela esteve esperando desde que encontrou Richard. Eles estavam sendo contatados, pode ser a equipe de busca...

Ela ergueu o rádio para que os dois pudessem ouvir. Estática aparecia entre suaves ondas de sinal.

— ... aqui é Brad!... Alpha Team... se você pode ouvir isso...

A voz desapareceu na estática.

— Brad? Brad, responda!

O sinal se foi. Ambos escutaram mais um pouco, e nada mais apareceu.

— Ele deve ter saído do alcance. — Chris disse. Ele suspirou e caminhou pelo aberto pátio, olhando para o escuro céu acima.

Rebecca colocou o rádio em seu cinto, sentindo-se mais esperançosa. O piloto estava lá fora em algum lugar, voando por aí, procurando por eles. Agora que estavam fora da mansão, eles eram capazes de receber o sinal. Caso ele voltasse.

Rebecca foi até Chris, que achou outro pequeno elevador embutido na parede, no canto em frente a cachoeira.

Estava sem energia.

Chris virou para o portão, trocando de clip.

— Devemos ver o que tem atrás da porta número um?

A não ser que voltassem pelas cobras, aquela era a única opção.

Rebecca sorriu e acenou, querendo que ele soubesse que estava pronta — esperando estar caso alguma coisa acontecesse.

Capítulo 13

Jill parou na beira de um grande poço no úmido túnel, olhando para a porta do outro lado. O poço era muito comprido para pular com segurança, e não tinha jeito de descer. Ela tinha que voltar e tentar a porta ao lado da escada de mão.

Seu suspiro tornou-se uma tremedeira. O frio úmido emanando das paredes de pedra não seria pior se seu corpo não estivesse molhado.

Ótima passagem secreta. Para usá-la, você tem que pegar pneumonia.

Um brilho de metal refletiu em seus olhos e ela se virou, tirando o cabelo molhado dos olhos. Era uma pequena placa de metal fixa na parede. Tinha um buraco hexagonal do tamanho de um polegar no centro dela. Ela olhou para a porta pensando.

Talvez isso crie uma ponte, ou abaixe uma escada...

Não importava. Ela não tinha a ferramenta necessária. Além disso, era improvável que a pessoa que ela viu tenha passado pelo poço.

Jill voltou pelo túnel em U na direção de sua única entrada, ainda impressionada com o que achou atrás da cascata. Parecia que havia uma malha de túneis debaixo do jardim da mansão. As paredes eram duras e irregulares, lembrando a casca de um abacaxi, pedaços de pedra calcária criando ângulos — o trabalho que devia ter dado era inimaginável.

Ela alcançou a porta do lado da escada, fazendo força para não

bater os dentes com o vento que vinha do pátio acima. O som da cachoeira era estranhamente baixo. Podia-se ouvir o som de gotas pingando, dando um ar medieval aos túneis...

Ela abriu a porta — e congelou, sentindo uma onda de emoções assim que Barry Burton apareceu a sua frente, de arma na mão.

— Barry?

Ele rapidamente abaixou a arma, tão chocado quanto ela — e tão molhado, também. A manga de sua camiseta estava dobrada até os ombros, seu curto cabelo, bagunçado.

— Jill! Como você chegou aqui embaixo?

— Igual a você, aparentemente. Mas como você soube...

Ele ergueu sua mão, interrompendo-a.

— Escute.

Eles ficaram calados, Jill olhando para cima e para o corredor de pedra, tentando ouvir o que Barry tinha ouvido.

Haviam portas de metal em cada ponta do corredor, iluminado por pequenas arandelas de emergência.

— Eu pensei ter ouvido algo. — Ele disse finalmente. — Vozes...

Antes dela fazer mais perguntas, ele virou a encarou, sorrindo.

— Olha, me desculpe por não tê-la esperado, mas eu ouvi alguém andando no jardim e tive que dar uma olhada. Eu achei esse lugar por acidente, tropecei e caí... deixa pra lá. Ainda bem que você está aqui. Vamos dar uma volta, ver o que podemos descobrir.

Jill concordou, mas decidiu ficar de olho nele. Ela podia estar paranoica, mas apesar das palavras, Barry não parecia estar tão feliz

em vê-la.

Vigie e espere, ela pensou. Era tudo o que ela podia fazer agora.

Barry foi para a porta da direita, de Colt apontada para cima. Ele abriu a porta revelando outro sombrio corredor.

A alguns metros à direita, estava outra porta de metal. O corredor continuava numa curva para a esquerda onde só se via escuridão. Barry foi para aporta, Jill atrás.

Os dois entraram em outro corredor. Os corredores tinham a mesma aparência, esse virava à esquerda. Ela já estava perdida e não queria ver mais curvas...

— Quem está aí?. — Uma profunda e familiar voz veio de algum lugar à frente, as palavras ecoando.

— Enrico? — Jill disse.

— Jill, é você?

Ela correu e fez a curva, Barry logo atrás. O Capitão do Bravo Team ainda estava vivo.

Jill contornou a próxima curva e o viu sentado contra a parede, o túnel terminava lá.

— Espere. Fique aí!

Ela parou, olhando para a Beretta que ele estava apontando. Ele estava ferido, sangue em sua perna.

— Você está sozinha, Jill? — Seus olhos escuros estavam cheios de suspeita.

— Barry está aqui, também... Enrico, o que aconteceu? Para que isso?

Assim que Barry apareceu, Enrico os olhou por um longo tempo, para eles e para a escuridão atrás deles — e abaixou a arma, encostando na parede. Barry e Jill correram e se abaixaram perto do Bravo ferido.

— Me desculpem, — Ele disse cansadamente. — eu tive que ter certeza...

Jill pegou a mão dele gentilmente, impressionada com o quanto pálido ele estava. Sua coxa estava sangrando, sua calça tingida de vermelho.

— Tudo isso foi uma armação, — Ele respirou, olhando para ela. — Eu me perdi, desci pelo buraco, vi os túneis... achei o papel... a Umbrella sabia, o tempo todo...

Barry pareceu chocado, sua face tão branca quanto a de Enrico.

— Aguente firme, Rico. Nós o tiraremos daqui, você só deve ficar aqui...

Enrico balançou a cabeça, ainda olhando para Jill.

— Tem um traidor no S.T.A.R.S., ele me disse...

Bam! Bam!

O corpo de Enrico pulou assim que dois buracos apareceram de repente em seu peito, sangue pulsando deles.

Depois do eco dos tiros, passos voltaram pelo corredor atrás deles.

Barry se ergueu e correu enquanto Jill soltava a mão do Bravo sem poder fazer nada, seu coração acelerado e cansado. Ele tombou, morto antes de tocar o frio chão de pedra.

A mente dela flutuava em perguntas enquanto Barry perseguia

os passos, e o silêncio tomou conta do lugar novamente. Que papel ele tinha achado? Quando ele disse traidor, ela imediatamente pensou em Barry, agindo tão estranhamente — mas ele estava do lado dela quando os tiros foram disparados.

Então quem fez isso? De quem Trent estava falando? Quem Enrico viu?

Sentindo-se perdida e só, Jill segurou a fria mão dele e esperou Barry voltar.

***

Rebecca estava dando uma olhada nos papéis do velho baú encostado na parede enquanto Chris via o resto da sala a qual entraram. Os únicos móveis eram uma cama, uma mesa e uma velha estante de madeira. Depois do frio esplendor da mansão, Chris estava agradecido por estar num lugar mais simples.

Depois de uma passagem longa e cheia de curvas, eles saíram de frente para uma casa, menor e menos intimidadora que a mansão. O hall da frente era simples, feito com tábuas de madeira, igual os dois quartos que descobriram no quieto corredor à direita. Chris achava que eles tinham encontrado a hospedaria dos empregados da mansão.

Ele reparou na pesada poeira perto da entrada, percebendo que nenhum S.T.A.R.S. havia entrado lá. A única opção deles agora era tentar achar uma porta dos fundos e pedir ajuda.

Depois da estante, Chris foi para a mesa de madeira e puxou a gaveta; estava trancada. Ele se inclinou e passou a mão debaixo da gaveta, sorrindo ao encontrar um grosso pedaço de fita.

Ninguém assiste filmes? As chaves sempre estão guardadas sob as gavetas...

Ele puxou a fita e pegou uma fina chave prateada. Ainda sorrindo, ele destrancou a gaveta e a abriu.

Bingo!

Chris achou um chaveiro com uma etiqueta de couro. Ela tinha a palavra “Alias” queimada em um lado, e o número “345” escrito à caneta no outro. Chris não sabia o significado do número, mas reconheceu o nome, estava no diário que achou na mansão.

Obrigado, Sr. Alias.

Caso as chaves fossem da hospedaria, eles estavam muito perto de sair de lá.

Rebecca ainda estava ao lado do baú, cercada por papéis, envelopes e até fotos. Ela parecia totalmente concentrada no que estava lendo, e quando Chris se aproximou, ela levantou a cabeça com um olhar preocupado.

— Você achou alguma coisa? — Ele perguntou.

Rebecca ergueu o pedaço de papel que estava lendo.

— Algumas coisas. Ouça isso: *Quatro dias desde o acidente, a planta no Ponto 42 ainda está crescendo e mutando numa incrível velocidade...*

Ela avançou, acompanhando o texto com o dedo enquanto falava.

— Eles a chamam de Planta 42, e dizem que sua raiz está no subsolo... aqui.

Pouco depois do acidente, um dos membros infectados da equipe de

pesquisa ficou violento e quebrou o tanque d'água no subsolo, inundando toda a região. Nós achamos que alguns produtos químicos usados nos testes do T-virus contaminaram a água e contribuíram para as mudanças radicais da Planta 42. Vários ramos já se espalharam pelo lugar, mas a planta principal está pendurada no teto da sala de conferência do andar térreo...

Nós determinamos que a Planta 42 se tornou sensível a movimentos e agora é carnívora. Quando próxima de humanos, ela usa seus tentáculos para capturar a presa enquanto adaptações se lançam na pele exposta e sugam quantidades fatais de sangue; vários membros da equipe já foram vítimas dela.

— Está datada de 21 de Maio e assinado por Henry Sarton.

Chris balançou a cabeça, imaginando como alguém podia inventar um vírus como esse.

Deus, agora uma planta comedora de gente...

Chris ficou agradecido por estarem partindo em breve.

— Então o vírus infecta plantas, também. — Ele disse. — Quando relatarmos isso, nós teremos que...

— Não, não é assim. — Ela disse. Ela deu uma foto para ele, suas expressões tristes.

Era a tremida foto de um homem de meia-idade usando um avental de laboratório. Ele estava de pé na frente de uma porta de madeira, e Chris percebeu que era a mesma porta a qual entraram a menos de dez minutos — a porta da frente da hospedaria.

Ele virou a foto, lendo a pequena inscrição no verso.

H. Sarton, Janeiro de 98, Ponto 42

Ele olhou para Rebecca, finalmente entendendo seu olhar

assustado. Eles estavam no Ponto 42. A planta carnívora estava lá.

***

Wesker estava no escuro túnel, sua irritação crescendo enquanto ouvia Barry andando pelo corredor. Jill não esperaria para sempre, e o enfurecido Sr. Burton não podia perceber que o assassino de Enrico estava escondido bem à frente. O lugar mais óbvio.

Vamos, vamos...

Desde que saíram da mansão, ele finalmente sentiu que as coisas estavam a seu favor. Ele se lembrou da sala no subterrâneo, certo de que a medalha do lobo estaria lá. E os túneis estavam vazios. Ele esperava que os 121 estivessem soltos, mas aparentemente ninguém mexeu no mecanismo das passagens desde o acidente. Ele e Barry se separaram para recuperar a manivela que fazia as passagens funcionarem — mas ela estava em cima do painel que controlava a passagem.

Tudo teria sido perfeito se o maldito Enrico Marini não tivesse aparecido, achando um papel muito importante que Wesker derrubou acidentalmente — suas ordens, direto do chefe da White Umbrella. E para complicar, Jill havia aparecido antes que Wesker pudesse acabar com o problema.

Wesker suspirou profundamente. Se não era uma coisa, era outra. Na verdade, tudo tinha sido uma dor de cabeça desde o começo. Pelo menos os túneis eram seguros — apesar de não saber como o resto estava, e ter que arrastar Barry como garantia. Wesker agora tinha que lidar com as consequências.

Se o dinheiro não fosse tão bom...

Ele sorriu. Quem ele estava enganando? O dinheiro era ótimo.

Depois do que pareceu ter levado anos, Barry apareceu na escura abertura, movendo seu revólver cegamente.

Wesker quis que ele fosse na direção do gerador. Essa parte era perigosa — Barry e Enrico estiveram perto.

Assim que Barry se afastou da entrada, Wesker empurrou sua Beretta nas costas dele. Na mesma hora, ele começou a falar, baixo e rápido.

— Eu sei que você quer me matar, Barry, mas eu quero que você pense no que está fazendo. Eu morro, sua família morre. E agora, parece que Jill terá que morrer, também.

— Você vai matá-la de qualquer forma. Você vai matar todos nós...

Wesker suspirou.

— Isso não é verdade! Você não entende — eu só quero ir para o laboratório e me livrar de algumas provas antes que alguém as ache! Quando o material estiver destruído, não haverá motivos para mais alguém se ferir. É só nós... irmos embora.

Barry estava quieto, e Wesker o deixou acreditar que era simples assim. Wesker esperou mais um pouco antes de pressionar.

— Tudo o que eu quero que você faça é manter Jill ocupada, ela e qualquer outra pessoa que encontrar a caminho do laboratório, só por um momento. Você estará salvando a vida dela — e eu juro que assim que eu fizer o que devo, sua família e você nunca mais ouvirão falar em mim.

Ele esperou. E quando Barry finalmente falou, o capitão soube

que conseguiu.

— Onde fica o laboratório?

Bom garoto!

Wesker abaixou a arma, ficando sério caso Barry tivesse uma boa visão noturna. Ele tirou um papel do colete e deu a Barry, um mapa dos túneis para o laboratório.

— Se por algum motivo você não conseguir mantê-la distante, ao menos vá com ela. Tem um monte de portas com trancas, você pode trancá-la até tudo acabar. Ninguém mais tem que se machucar. Tudo depende de você.

Wesker pegou a manivela de ponta hexagonal que deixou ao lado do gerador. Ele olhou Barry por alguns segundos, viu seus ombros caídos, sua cabeça abaixada. Satisfeito, Wesker virou e saiu do lugar.

Barry fará com que ninguém se aproxime do laboratório.

Ele saiu daquele túnel, se parabenizando por colocar a situação sob controle enquanto ia para o primeiro mecanismo de passagem.

Ele tinha que correr. Haviam algumas coisas que Wesker tinha esquecido de dizer para Barry — como a divisão de segurança experimental que seria ativada assim que ele girasse a manivela pela primeira vez...

Desculpe-me Barry. Esqueci de dizer.

Seria interessante ver como seu time se daria com os 121, os Hunters (caçadores). Seria um espetáculo ver os S.T.A.R.S. colocarem suas forças e agilidade contra as criaturas — mas infelizmente, ele não presenciaria.

Era muito ruim, mesmo. Os Hunters estavam enjaulados por

muito tempo; deviam estar com muita, muita fome.

Capítulo 14

Barry está demorando muito.

Jill não tinha idéia da extensão dos túneis, mas pelo que viu, todos pareciam iguais.

Barry pode ter se perdido tentando voltar. Ou ele encontrou o assassino, e sem cobertura...

Ele pode não voltar.

De qualquer modo, ficar parada não ajudaria muito. Ela se levantou, olhando o pálido rosto do Bravo pela última vez, e lhe desejando paz antes de sair.

O que ele descobriu? Quem era?

Enrico só conseguiu dizer que o traidor era ele, mas isso não ajudava muito; exceto Jill e a novata, o resto do S.T.A.R.S. de Raccoon eram homens. Ela poderia suspeitar de Chris; ele estava convencido sobre haver algo estranho acontecendo desde o começo — e agora Barry, que estava com ela quando Marini morreu. Brad Vickers não era do tipo perigoso. Joseph e Kenneth estavam mortos — só restava Richard Aiken, Forest Speyer e Albert Wesker.

Nenhum deles pareciam suspeitos, mas ela tinha que pensar nisso. Enrico estava morto. E ela nunca duvidou que a Umbrella tivesse um dos S.T.A.R.S. na mão.

Chegando na porta, ela rapidamente amarrou suas botas, se preparando. A pessoa que matou o Bravo poderia ter facilmente matado Jill e Barry — mas não o fez, sugerindo que não quisesse mais vítimas. Considerando que ele ainda estava no subsolo, ela

teria que ser bastante silenciosa se quisesse achá-lo; os túneis eram perfeitos condutores de som, amplificando os mais suaves movimentos.

Ela abriu a porta de metal, escutando, e saiu para o corredor, ficando perto da parede. À frente dela, o corredor estava escuro. Ela optou em voltar por onde tinha vindo; o escuro era um lugar perfeito para um cilada.

Ela ouviu o eco de algo grande se movendo. Instintivamente, Jill usou o som como cobertura, deslizando na direção da porta assim que o som parou. Ela voltou para o túnel onde tinha se encontrado com Barry.

O que foi aquilo? Parecia que uma parede inteira estava se movendo!

Ela se lembrou do teto que desceu na mansão. Os túneis poderiam estar com armadilhas. A ideia de ser esmagada por algum mecanismo bizarro no subsolo...

Como aquele perto do poço, com um buraco hexagonal.

Jill decidiu dar outra olhada nas portas que não tinha conseguido abrir antes. Talvez o assassino tivesse a ferramenta necessária, e o som que ela ouviu poderia ter sido dele operando.

Ela podia estar errada, mas não custava olhar.

Pelo menos eu não vou me perder.

Ela alcançou a porta que a levaria de volta e parou, sua cabeça inclinada para captar o estranho som vindo do túnel atrás dela. Era — uma dobradiça enferrujada? Era alto, seja lá o que for...

Thump. Thump. Thump.

Esse som ela conhecia. Passos, vindo em sua direção, era Barry

ou alguém com seu porte. Eles eram pesados e cansados...

Saia daqui. Agora!

Jill agarrou o trinco e correu para o próximo corredor, sem se importar com quanto barulho fazia. Apesar de algumas vezes entendê-los errado, seus instintos nunca falhavam — e eles estavam dizendo que ela não iria querer estar lá quando o autor do barulho aparecesse.

Ela correu pelo corredor de pedra, se distanciando da escada que levava ao jardim — e foi obrigada a parar, respirando profundamente. Ela não podia só seguir em frente, haviam outros perigos além daquele que deixou para trás...

Atrás dela, a porta abriu.

Jill virou, erguendo sua arma — e olhou com horror para a coisa de pé, lá. Era grande, na forma de um homem... mas a semelhança acabava aí. Nu mas sem sexo, o corpo musculoso inteiro era coberto por um áspera pele anfíbia verde-escura. Era corcundo o suficiente para que seus impossíveis braços tocassem o chão. Suas mãos e pés eram dotados de grossas e brutais garras. Pequenos e estreitos olhos claros estavam em sua larga cabeça de réptil.

Ele virou seu olhar para ela, abrindo a boca — e soltando um tremendo e alto grito como ela nunca ouviu antes, o som circundando ela, enchendo-a com um terror mortal.

Jill atirou. Três tiros acertaram o peito da criatura fazendo-a cambalear para trás. A coisa balançou e caiu na parede do túnel — e com outro terrível grito ele se lançou para ela, empurrando o chão com poderosas pernas, sua boca aberta.

Ela atirou de novo enquanto a criatura voava em sua direção,

as balas perfurando sua enrugada carne, traços de sangue espirrando — e a coisa caiu a alguns centímetros dela, gritando, um braço se esticando para golpear as pernas dela.

Jesus, ele não vai morrer...

Jill mirou na parte de trás do crânio do monstro e esvaziou o clip. Mesmo enquanto pele verde se esfarelava e sangue espirrava, ela continuou atirando, os quentes projéteis penetrando em sua rosada massa cerebral.

Click. Click. Click.

Sem balas. Ela abaixou a arma, seu corpo inteiro tremendo. Estava acabado, a criatura estava morta — mas consumiu quase um clip inteiro, quase quinze balas de 9mm...

Jill colocou outro clip antes de guardar a Beretta. Depois ela empunhou a Remington, sentindo o confortável e sólido peso da espingarda.

Mas que diabos as pessoas estavam fazendo aqui? Parece que o pessoal da Umbrella inventou mais do que um vírus — algo tão mortal, mas com garras... E deve ter mais deles.

Ela nunca havia tido um pensamento mais aterrorizante como esse. Segurando a Remington, Jill virou e correu.

***

Chris e Rebecca desceram o longo e madeirado corredor. Havia o que parecia uma ser trepadeira morta onde a parede se encontrava com o teto. Ela parecia inofensiva — mas depois do que Rebecca leu sobre a Planta 42, Chris ficou preparado para correr.

Depois de olhar todos os papéis no baú, Rebecca achou o relatório de algum tipo de herbicida*(Nota 11)* que aparentemente podia ser feito no Ponto 42, chamado de V-Jolt. Ela trouxe o papel apesar de Chris achar que não seria útil. Tudo o que ele queria era achar a saída, e se pudessem evitar a planta assassina seria melhor.

O hall da frente não tinha galhos, mas Chris não considerou o lugar seguro. Além dos dois quartos no primeiro corredor, havia outra sala no final dele. Chris tinha olhado dentro e sentiu seus alarmes internos desligarem, apesar de não saber por que; não havia perigo à vista, só um bar e algumas mesas. Eles acabaram fechando a porta e continuaram.

Eles passaram na frente da única porta do próximo corredor em L, ambos olhando para a trepadeira perto do teto. Chris abriu a porta.

Um úmido e quente ar saiu da escura sala — mas com um horrível cheiro de fruta estragada. Chris rapidamente puxou Rebecca quando viu as paredes do lugar. Eles estavam completamente cobertas pelo mesmo tipo de planta do corredor — mas lá, a trepadeira parecia viva e inchada, um exuberante verde.

Houve um suave ruído vindo de algum lugar na sala — e Chris percebeu que vinha da própria planta, as paredes tremendo numa estranha ilusão ótica.

Rebecca começou a andar e Chris a puxou.

— Ei, você está louca? Eu pensei que você tinha dito que essas coisas sugam sangue!

Ela balançou a cabeça, olhando as paredes.

— Essa não é a Planta 42, pelo menos não a parte que o relatório falava. A Planta 42 é bem maior, e mais móvel. Eu não

entendo muito de fitobiologia*(Nota 12)*, mas de acordo com aquele estudo, nós estamos procurando por um angiosperma com folhagem móvel...

Ela deu um rápido sorriso.

— Desculpe. Pense numa planta gigante com dez a vinte galhos balançando em volta dela.

Chris fez uma careta.

— Ótimo. Obrigado por colocar a minha mente em descanso.

Eles andaram pela sala, tomando cuidado para não chegar muito perto das paredes. Haviam três portas além da que entraram; uma bem à frente da entrada, ao fundo, e as outras duas uma de frente para a outra à esquerda, para onde a sala continuava.

Chris foi para a porta oposta a entrada, achando que ela os levaria para fora da hospedaria. A porta estava destrancada, e Chris começou a abri-la...

Bam!

A porta fechou violentamente, fazendo-os pular para trás e empunhar as armas. Uma série de pesados e deslizantes *thumps* se seguiram, como se alguém do outro lado estivesse chutando as paredes — mas o som estava em todo lugar, acima e abaixo da robusta porta dupla.

— Você disse um monte de galhos? — Chris disse.

Rebecca acenou.

— Acho que acabamos de encontrar a Planta 42.

Eles escutaram por um momento, Chris imaginado seu tamanho e força para derrubar a porta.

Não brinca, maior e mais móvel... e talvez bloqueando a única saída desse lugar. Que ótimo.

Eles voltaram para a área aberta e olharam para as duas portas. A da direita deles tinha o número 003 acima. Chris procurou a chave certa no molho que tinha achado.

Ele destrancou a porta e entrou, Rebecca atrás. Tinha uma porta menor à direita que dava num banheiro, quieto e sujo. O lugar era outro quarto, uma cama, uma mesa, duas estantes. Nada de interessante.

Houve outra série de pancadas na parede de trás e eles rapidamente saíram do quarto, Chris se convencendo de que teria que enfrentar a planta se quisesse sair.

Pode ser que não, pode haver outra saída...

Mas do jeito que as coisas estavam indo, ele achava que não. Dos zumbis da mansão até as cobras do jardim, a propriedade de Spencer parecia ter sido projetado para evitar que escapassem.

Chris parou de pensar nisso enquanto se aproximavam da última porta — mas eles diminuíram o passo ao ver um pequeno painel numérico ao lado dela. Ele girou a maçaneta mas estava trancada.

— Trava de segurança. — Ele disse suspirando. — Não é possível entrar sem o código.

Rebecca franziu, olhando para o padrão das pequenas luzes vermelhas acima do teclado numérico.

— Nós podemos tentar números até achar a combinação certa...

Chris balançou a cabeça.

— Você sabe quais são as chances de esbarrar no número certo

Ele parou, olhando para ela, depois tirou o chaveiro do bolso.

— Tente três-quatro-cinco. — Ele disse, olhando ansiosamente enquanto Rebecca digitava o número.

Vamos, Sr. Alias, não nos decepcione agora...

As luzes vermelhas piscaram, depois apagaram uma a uma. Quando a última se apagou, houve um *click* dentro da porta.

Chris sorriu, abrindo-a — e sentiu sua esperança diminuir quando olhou a pequena sala. Estantes empoeiradas cheias de garrafas de vidro e uma antiga pia; não era a saída.

Rebecca andou para uma das estantes e olhou os recipientes, sussurrando para si mesma.

— Hiosciamina, Anidrido, Dieldrin*(Nota 13)*...

Ela virou para ele, sorrindo.

— Chris, nós podemos matar a planta! Aquele V-Jolt, a fitoxina — eu posso fazê-la aqui. Se conseguirmos chegar no subsolo, achar a raiz da planta...

Chris sorriu também.

— ... aí nós podemos destruí-la sem ter que lutar! Rebecca você é brilhante. De quanto tempo você precisa?

— Dez, quinze minutos.

— Certo. Fique aqui, eu voltarei o mais breve possível.

Rebecca já estava pegando os recipientes enquanto Chris fechava a porta e voltava para o corredor, depois da escura sala.

***

Barry estava de pé na frente do corpo de Enrico, o mapa de Wesker numa mão. Jill já tinha partido quando ele voltou — ao invés de começar a procurá-la, ele ficou imóvel, sem conseguir tirar seus olhos do amigo assassinado.

É minha culpa. Se eu não tivesse ajudado Wesker a sair da casa, você ainda estaria vivo...

Barry olhou para o rosto de Enrico, tão cheio de culpa e vergonha que não sabia o que fazer. Ele sabia que tinha de achar Jill, mantê-la longe de Wesker, evitar que sua família fosse ferida — mas ainda parecia não conseguir se mover. Tudo o que ele queria era se explicar pessoalmente para Enrico, fazê-lo entender como as coisas chegaram até ali.

Wesker pegou Kathy, as crianças, Rico... o que mais eu poderia ter feito? O que eu posso fazer exceto seguir suas ordens?

O Bravo o olhava com cegos olhos. Sem acusações, sem aceitações, sem nada. Para sempre. Mesmo se Barry continuasse ajudando o capitão e tudo terminasse como deveria, Enrico Marini ainda estaria morto — e Barry não conseguiria viver sabendo que foi o responsável...

Tiros ecoaram pelos túneis. Vários tiros.

Jill!

Barry virou a cabeça, pegando sua arma. Os sons o puseram em ação automaticamente. Só podia ter uma explicação; Wesker tinha achado Jill.

Barry virou e correu. De repente a porta a sua frente abriu e ele parou onde estava, pensando em Wesker e Jill mortos pela coisa parada na sua frente. Sua mente não podia entender o que era, seu

olhar juntando as informações que não faziam sentido. Pele verde. Estreitos olhos claros. Garras.

A coisa gritou, um horrível choro e Barry não pensou mais. Ele apertou o gatilho e o grito se tornou uma chocada respiração assim que o forte projétil acertou sua garganta, derrubando a criatura.

A coisa bateu seus membros enquanto sangue esguichava do buraco. Barry viu mais sangue sair dos pulsos da criatura, suas garras arranhando o chão.

Barry olhava surpreso enquanto a coisa tinha convulsões — e finalmente parou de se mexer. O tiro deveria ter explodido sua cabeça — mas demorou quase um minuto para o monstro morrer.

O que eu acabei de matar?

Do túnel lá fora, outro grito ressoou — e se juntou a um segundo e depois a um terceiro. Os choros deles aumentaram, furiosos e sobrenaturais berros de criaturas que não deveriam existir.

Barry colocou sua trêmula mão no bolso e pegou mais balas para a Colt, rezando para que fossem suficientes — e para que aqueles tiros não tivessem sido para Jill.

Capítulo 15

Se aranhas atingissem o tamanho de um boi, aquilo poderia ter sido uma. Pela grossa camada de teia branca que cobria a sala, aquilo poderia ter sido qualquer coisa.

Jill olhou para as encolhidas e peludas pernas da abominação. A criatura verde que a tinha atacado foi tão aterrorizante e tão estranha que não havia comparação. Aranhas... ela já as odiava, odiava suas agitadas pernas, seus escuros e peludos corpos. Esta devia ter sido a mãe de todas elas — e mesmo morta, ainda a assustava.

Não está morta por muito tempo...

Ela fez força para olhar o esverdeado líquido que saía dos buracos no corpo da aranha gigante. Ela foi baleada várias vezes — Jill achou que devia estar morta a vinte minutos ou menos.

Ela tremeu e se afastou, indo para a porta dupla de metal do outro lado. Suas botas fazendo sons de coisas grudentas, tornando difícil a caminhada. Só de pensar em estar coberta por teia de aranha, ter o corpo cercado por isso... ela tremeu de novo.

Pense em outra coisa, qualquer coisa...

Ao menos ela sabia que estava no caminho certo. Quando tinha voltado para o poço, ela pensou em ter se perdido. O fundo buraco não estava mais lá, e sim chão firme. Olhando para cima, ela viu o contorno do buraco; aquela seção inteira do túnel havia sido movida, girada como uma roda gigante por algum milagre da engenharia.

A porta mais a frente tinha dado em outro túnel reto. Uma pedra redonda estava no fim dele, e ao lado, a porta dupla da sala da aranha...

Jill saiu da mesma, indo para outra passagem sombria. Ela se encostou na porta e respirou fundo.

Ela estava no meio do túnel, uma porta em cada ponta — mas a porta à sua esquerda estava na mesma parede da porta que tinha acabado de sair, provavelmente levando de volta ao jardim. Jill optou pela da direita.

A porta metálica abriu e ela passou, sentindo imediatamente a mudança de ar. O túnel se dividia. À direita, as paredes se abriam em outro corredor.

Mas para a esquerda havia um elevador igual aos do jardim. Um fresco e delicioso vento passou por lá, o suave ar como um sonho esquecido.

Jill sorriu e foi para o elevador, vendo que a plataforma tinha sido levada para cima. Podia ser que ela ainda estivesse no rastro do assassino de Enrico...

... ou não. Ele pode ter ido para outro lado e você pode acabar o perdendo.

Jill hesitou, olhando para o elevador — e então virou, suspirando. Ela tinha que dar pelo menos uma olhada.

Ela foi para a passagem à sua frente, a temperatura voltando ao desagradável frio. O túnel se estendia alguns passos para a direita e ponto final. À esquerda, outra enorme bola de pedra igual a que tinha visto antes, no outro fim, a uns dez metros. E tinha algo pequeno na frente da pedra, algo azul...

Franzindo, Jill foi até a pedra gigante, tentando adivinhar o

que era o objeto azul. Na metade do túnel havia uma passagem à esquerda, e ela reconheceu a chapa de metal ao lado; do mesmo mecanismo que tinha removido o poço.

Ela entrou na abertura. Havia uma porta à sua direita, e Jill percebeu que ela esteve escondida pelo mecanismo, as paredes deviam ter virado para revelar a entrada.

Deus, deve ter levado anos para fazer tudo isso. E eu estava impressionada com a mansão...

Ela abriu a porta e olhou dentro. Uma sala de médio porte com o mesmo aspecto dos túneis. A única decoração era a estátua de um pássaro num pedestal. Não tinha outra saída e Jill ficou aliviada por poder voltar ao elevador.

Sorrindo, ela voltou para o corredor e foi até a pedra, ainda curiosa com o objeto. Chegando perto ela viu que era um livro de couro azul. Ele foi jogado cuidadosamente contra a base da pedra, com as páginas abertas para o chão. Ela guardou a Remington nas costas e se agachou para pegá-lo.

Era um livro-caixa. Seu pai já falara sobre eles, apesar dela nunca ter visto um. Tinha um buraco no meio das páginas onde se podia esconder algo. Mas estava vazio...

Ela o fechou, vendo as letras douradas do título, *Eagle of East, Wolf of West*, enquanto voltava para o elevador.

Não parecia ser um suspense, mas foi bem confeccionado...

Snick.

Jill congelou assim que a pedra abaixo do seu pé esquerdo afundou um pouco — e percebeu que o túnel inteiro se inclinou gentilmente...

Essa não...

Atrás dela, um forte e alto som de pedra raspando em pedra. A bola estava rolando.

Soltando o livro, Jill procurou abrigo enquanto o som ficava mais alto, a pedra quase pulando. A escura abertura parecia estar a quilômetros de distância...

... e ela quase sentiu as toneladas de pedra sobre seu corpo, querendo desesperadamente olhar para trás, mas sabia que esse segundo podia matá-la. A pedra descia os metros de túnel rapidamente e numa explosão de velocidade, Jill se jogou na abertura, caindo no chão e encolhendo as pernas — enquanto a sólida pedra passava, perdendo ela por centímetros. Assim que respirou, a pedra colidiu com o fim do corredor, uma pancada estremecendo o subsolo.

Depois que a sensação de enjoo passou, ela se levantou e se espanou. Suas mãos estavam arranhadas e seus joelhos machucados, mas se comparado a ser esmagada por um pedra gigante, ela fez a escolha certa.

Jill tirou a espingarda e foi para o elevador, querendo muito sair do subterrâneo — e mantendo os dedos cruzados para que o que viesse depois fosse quente e sem aranhas.

***

O subsolo estava inundado, que ótimo.

Chris ficou no topo de uma curta rampa que descia até porta dupla do subsolo, olhando para o seu sério olhar refletido na água.

Parecia fria. E funda.

Depois de deixar Rebecca, ele continuou descendo o corredor e encontrou o quarto 002, a escada de mão embutida discretamente no chão atrás de uma estante do arrumado quarto. Ele desceu num frio corredor de concreto com luzes fluorescentes zumbindo no teto; uma dramática mudança depois do madeirado e simples estilo da hospedaria acima.

Pelo menos eu achei o subsolo.

Parece que matar a Planta 42 era a única maneira deles escaparem. Ele não achou outra saída, o que significava que ela estava na sala da planta — ou não tinha saída, o que deixou Chris preocupado.

Ele suspirou, e entrou na água. Estava fria, e tinha um desagradável cheiro químico. Ele desceu até a porta, a água passando pelos joelhos e parando quase na cintura. Tremendo, ele abriu a porta e entrou.

O lugar era dominado por um grande tanque de vidro que ia do chão ao teto no centro do espaço aberto. Um grande e recortado buraco estava no lado direito do tanque, Chris não era muito bom em julgar volume, mas para encher todo o lugar com água, o tanque deveria conter milhares de litros.

Afinal, o que eles estavam estudando aqui para precisar de tudo isso? Ondas?

Não importava; ele estava com frio e queria encontrar o que precisava para sair de lá. Ele foi para a esquerda, as leves ondas empurrando e puxando.

Era totalmente irreal, atravessar uma grande na bem iluminada sala de concreto, apesar de não achar tão estranho se comparado ao

que tinha visto desde que o helicóptero os deixou lá. Tudo sobre a propriedade de Spencer parecia ser um sonho, como se estivesse bem longe da realidade do resto do mundo...

Parecia ser um pesadelo. Plantas assassinas, cobras gigantes, mortos-vivos — só está faltando um disco voador, ou um dinossauro...

Ele ouviu uma leve agitação na água atrás dele, virando a cabeça sobre o ombro...

... e viu uma grossa e triangular barbatana se erguendo da água a seis metros de distância, e vindo em sua direção, uma sombra cinza abaixo dela.

Ele ficou em pânico, dando gigantes passos numa corrida...

... e percebeu que não poderia correr assim que mergulhou na água, e voltou respirando, cuspindo água pela boca e pelo nariz.

Ele virou a cabeça e viu que a barbatana estava mais próxima. Ele podia ver agora — um tubarão, seu distorcido corpo sob a água, deslizando facilmente; três ou quatro metros de comprimento.

Balas molhadas falham...

Chris recuou, sabendo que não tinha chances de desviar dele. Mantendo o equilíbrio com os braços, ele ficou de lado e deu mais alguns passos antes do tubarão alcançá-lo...

... e pulou, desviando do animal e batendo na água o mais forte que podia. O tubarão passou por ele, seu pesado e liso corpo esfregando nas pernas de Chris.

Depois que o tubarão passou, Chris correu atrás dele batendo na água enquanto fazia a curva no alagado pátio.

Se ele ficasse perto o bastante, o tubarão não seria capaz de

virar e pegar Chris...

... mas em segundos, o peixe teria a sala para contornar. Ele pôde ver duas portas à frente, à esquerda, mas o tubarão já o estava deixando para trás, indo para a próxima curva, virar e voltar para ele.

Chris respirou fundo e mergulhou na água, ele sabia que era loucura mas teria uma chance melhor. Ele nadou desesperadamente para a primeira porta, chutando o chão para ter mais impulso, dando saltos.

Chris chegou na porta enquanto o tubarão virava mais à frente, agarrando a maçaneta, girando...

... mas estava trancada.

Merda merda merda...

Chris tirou o chaveiro de Alias do bolso, mexendo nas chaves enquanto a barbatana se aproximava.

Ele pegou a única chave que ainda não tinha usado — e a inseriu na fechadura, ao mesmo tempo jogando seu ombro na porta — o tubarão a alguns passos de distância.

A porta abriu e Chris correu para dentro, caindo e chutando freneticamente. Ele chutou o focinho do tubarão, desviando-o da porta. Num piscar de olhos, Chris estava de pé, jogando seu peso contra a porta — e ela fechou.

Chris se apoiou na porta, secando os olhos com as costas da mão. A agitada água foi se acalmando enquanto ele recuperava sua respiração e sua visão. Por enquanto, ele estava a salvo.

Chris pegou sua Beretta e ejetou o clip molhado, imaginando como voltaria para Rebecca. Olhando em volta, ele não viu nada

que pudesse usar como arma. Uma das paredes estava cheia de botões e interruptores, e Chris andou para eles, atraído por uma luz vermelha piscando.

Parece que achei a sala de controle... talvez eu possa apagar as luzes e pôr o tubarão para dormir.

Tinha uma alavanca perto da luz e Chris olhou para a desbotada fita adesiva abaixo dela, sentindo uma descrença enquanto lia as letras.

Sistema de Drenagem de Emergência

Não acredito! Por que ninguém apertou isso quando o tanque quebrou?

Chris achou a resposta na hora. As pessoas que trabalhavam lá eram cientistas; eles não perderiam a oportunidade de estudar sua preciosa Planta 42 drenando a lagoa.

Ele tocou a alavanca e a abaixou. Houve um deslizante som metálico lá fora — e imediatamente o nível da água começou a diminuir. Nem um minuto e toda a água se foi.

Ele voltou para a porta, abrindo-a cuidadosamente — e ouviu a desesperada série de *thumps* de um grande peixe tentando nadar no ar.

Chris sorriu, pensando em sentir pena da pobre criatura — mas não foi o que fez.

— Me morda. — Ele disse.

***

Wesker atirou em quatro trabalhadores da Umbrella a caminho da sala do nível três. Ele não reconheceu nenhum deles, apesar de achar que o segundo era Steve Keller, um dos membros da Pesquisa Especial.

Parece que a epidemia do vírus tinha sido severa no laboratório... menos desordenada, mas não menos preocupante. As criaturas que vagavam nos corredores estavam totalmente desidratadas, seus membros atrofiados e secos, seus olhos como uvas passas. Wesker driblou vários deles, mas alguns tiveram que ser mortos.

Ele sentou ao computador na fria e esterilizada sala, e esperou o sistema ligar, sentindo-se no controle da situação. Ele teve momentos recentes, claro; o jeito como manipulara Barry, como achara a medalha do lobo nos túneis. Mas tantas coisas havia saído do controle que ele não teve tempo de aproveitar seus sucessos.

Mas agora eu estou aqui. Se os S.T.A.R.S. ainda não estiverem mortos, estarão logo — e caso eu não sofra algum lapso de habilidade, eu sairei daqui em meia hora, missão completa...

Ainda haviam perigos, mas Wesker podia evitá-los. Os macacos — os Ma2 — estavam sem dúvida soltos na sala de força, mas eles eram fáceis de evitar, desde que você não parasse de correr; ele sabia disso, foi ele que tinha ajudado a criá-los. E tinha o grande homem, o Tyrant, esperando no andar abaixo em sua cápsula de vidro, dormindo tranquilamente...

... e certamente não acordará. Que desperdício. Tanto poder, considerado um fracasso pelo pessoal da White...

Um gentil tom musical o informou que o sistema estava pronto. Do colete, Wesker tirou uma agenda que continha uma lista de senhas, apesar de já conhecê-las; John Howe tinha reprogramado o sistema meses atrás, usando seu nome e o da namorada, Ada, como senhas de acesso.

Wesker digitou as primeiras senhas que destrancariam a porta dos laboratórios. Tudo acabaria em breve e ninguém testemunharia seus feitos.

Agora que ele pensara nisso, era uma pena não ter nenhum S.T.A.R.S. ao lado dele; melhor que um *grand finale* era um *grand finale* com audiência...

Capítulo 16

Jill tinha pego o elevador e saído no que parecia ser outra parte do jardim, isolada e cercada por árvores. Não tinha nada além de uma enferrujada e trancada porta dupla numa parede de cimento à esquerda — e uma grande e aberta fonte de pedra. Dentro estava uma curta escada em espiral que levava a outro elevador que descia.

Que eu peguei, mas onde estou agora?

A sala que o elevador a levou não se parecia com qualquer outra parte da propriedade. Não tinha o estranho charme da mansão, nem a obscuridade dos túneis. Parece que ela tinha saído de uma gótica história de terror para dentro de um complexo militar.

Ela estava numa grande sala de concreto reforçado com aço. Dutos de metal e elevados canos perto do teto. No largo meio-cilindro laranja encostado na parede estava escrito "XD-R B1".

Ao lado, havia uma grande porta dupla trancada. A placa fixada ao lado dizia que a porta só se abriria em caso de emergências de primeira classe. Jill acreditava que o "B1" significava "Basement level one" (Nível subterrâneo um), sua teoria confirmada pela escada de mão embutida no chão ao lado do meio-cilindro; B2 e assim por adiante.

Ela olhou o buraco da escada, só vendo um pedaço do chão abaixo. Suspirando, ela guardou a espingarda e começou a descer.

Assim que pisou no último degrau, ela virou ansiosamente — e viu uma sala muito menor, tão amigável e industrial quanto a

anterior. Chão e piso de concreto, luzes fluorescentes embutidas na parede perto do teto e uma porta cinza de metal. Ela correu rapidamente, começando a ficar esperançosa sobre não haver mais criaturas e armadilhas. Até agora, os níveis subterrâneos não tinham nada de perigoso exceto a falta de decoração...

Ela abriu a porta e sua esperança desapareceu assim que o cheiro de carne morta a acertou. Ela pisou no chão de cimento que levava a uma larga escada que descia, um parapeito de metal cercando a escada. No topo da escada estava um zumbi morto. Tão magro e enrugado que mais parecia uma múmia.

Ela pegou a espingarda e andou vagarosamente na direção da escada, percebendo que havia uma curva para a esquerda perto de onde o parapeito terminava. Ela deu uma rápida olhada no canto e viu que estava deserto.

Ainda olhando o dissecado corpo, ela foi para a continuação do corredor e parou na porta à sua esquerda. A placa ao lado da porta dizia “Visual Data Room” (Sala de Dados Visuais), e estava destrancada.

Jill entrou. A calma e cinza sala tinha uma longa mesa de reuniões no centro, com um projetor de slides na porta, de frente para uma tela portátil no fundo da sala. Tinha um telefone numa mesinha encostada na parede da direita, e Jill correu para ele, sabendo que era querer demais.

Não era um telefone, mas sim um sistema de interfone que não parecia estar funcionando. Suspirando, ela passou por um pilar na parede e andou em volta da mesa, olhando para o projetor de slides. Ela deixou seu olhar procurar algo interessante — e achou um plano quadrado de metal na parede da esquerda, do tamanho de uma folha de papel. Jill se aproximou.

Ela tocou uma barra em cima do quadrado, e ele deslizou para baixo e dentro da parede, revelando um grande botão vermelho. Ela olhou um volta, tentando imaginar que armadilha seria — e percebeu que não havia nenhuma.

A mansão, os túneis — tudo aquilo foi feito para evitar que alguém chegasse aqui, os níveis subterrâneos. Não haveria armadilhas onde o verdadeiro trabalho era feito.

Ela sabia que sua lógica estava correta. Aquela era uma sala de reuniões, um lugar para beber café ruim e se reunir com os colegas; nada pularia nela se apertasse um botão.

Jill o apertou. E atrás dela, o estreito pilar se moveu para um lado com um suave som mecânico. Atrás do pilar haviam várias prateleiras, cheias de papéis — e algo que brilhou na branca luz da sala.

Ela correu e pegou uma chave, sua ponta tinha o desenho de um raio de energia. Pondo-a no bolso, ela deu uma olhada nos arquivos. Todos estavam estampados com o símbolo da Umbrella, e eram muito grandes e pesados para serem lidos. O título de um deles confirmou o que ela já suspeitava.

Umbrella / Relatório de Armas Biológicas / Pesquisa e Desenvolvimento

Acenando devagar, Jill pôs o arquivo de volta. Ela finalmente achara o verdadeiro lugar das pesquisas, e sabia que o traidor do S.T.A.R.S. estaria lá em algum lugar. Ela teria que ser cuidadosa.

Dando uma última olhada em volta, Jill decidiu procurar a porta a qual a chave pertencia. Era hora de encaixar as últimas

peças do quebra-cabeça que a Umbrella tinha criado, e que o S.T.A.R.S. se sacrificou para resolvê-lo.

***

A retorcida raiz da Planta 42 estava numa terceira porta do subsolo, pendurada, com suas ramificações quase tocando o chão; algumas delas se mexendo, tentando achar a água que Chris drenou.

— Deus, isso é nojento. — Rebecca disse.

Chris concordou, além da sala de controle, só haviam outras duas portas no subsolo. Uma delas tinha várias caixas de cartuchos para todos os tipos de armas. Apesar de quase todas estarem molhadas, ele achou munição de 9mm numa prateleira mais alta, salvando os dois de ficar sem munição.

A outra sala era simples, tinha só uma mesa de madeira, um banco — e a grande raiz da planta carnívora que vivia lá em cima.

— Certo. — Chris disse. — Como faremos isso?

Rebecca ergueu um recipiente com um líquido roxo e o balançou devagar, ainda olhando para os galhos se movendo.

— Bom, você se afasta, e não respire muito fundo. Essa coisa tem algumas toxinas que nenhum de nós está interessado em respirar, e vai liberar um gás assim que acertar as células infectadas.

Chris acenou.

— Como saberemos se está funcionando?

Rebecca sorriu.

— Se o relatório do V-Jolt estiver certo, nós saberemos. Veja.

Ela destampou o vidro e se aproximou da raiz — e despejou o líquido sobre os galhos. Imediatamente, um gás avermelhado saiu da raiz enquanto Rebecca esvaziava o pote, e se afastava rapidamente.

Houve um barulho como madeira queimando — e em segundos, as fracas fibras começaram a quebrar e cair no chão. A confusa grossura no centro começou a apertar e encolher.

Chris olhou impressionado enquanto a grande raiz murchava até ficar do tamanho de uma bola de criança, pendurada, morta.

Tudo demorou cerca de quinze segundos.

Rebecca acenou para a porta e eles saíram, Chris balançando a cabeça.

— Deus, o que você colocou lá?

— Confie em mim, você não vai querer saber. Está pronto para sair daqui?

Chris sorriu.

— Vamos lá.

Eles foram para a porta dupla do subsolo, correndo pelo frio corredor até voltar para a escada. Chris já estava pensando no plano de fuga para depois que sair da hospedaria. Só dependia de onde a saída dava. Se eles saíssem na floresta, ele estava pensando em correr para a estrada mais próxima, acender uma fogueira, esperar a ajuda chegar...

... nós podemos pegar um carro e fugir... e mandar Irons fazer algo de útil como chamar reforços...

Eles chegaram no corredor de madeira que dava na sala da planta, ambos dando longos passos para evitar as paredes verdes, e finalmente parando na sala que continha a Planta 42.

Respirando fundo, Chris acenou para Rebecca. Ambos empunharam suas armas e Chris abriu a porta, ansioso para ver o que tinha atrás da planta experimental.

Eles entraram numa grande e aberta sala, o cheiro de vegetação podre forte no ar. Seja lá como fosse antes, a Planta 42 agora era uma grande e fumegante poça de meleca roxa-escura no centro da sala. Galhos mortos do tamanho de mangueiras de incêndio estavam estendidos no chão.

Chris procurou a próxima porta e viu uma simples lareira na parede da esquerda, e uma cadeira quebrada num canto — e uma única porta que aparentemente voltava para o quarto a qual vasculharam antes. Uma passagem escondida que ele não viu — e que dava na mesma sala que agora estavam.

Devia estar escondida atrás de uma estante...

Não tinha como sair. Matar a planta tinha sido uma perda de tempo. Ela não bloqueava nada.

Rebecca pareceu tão desapontada quanto ele, seus ombros caídos enquanto olhava as paredes.

Eu sinto muito, Rebecca.

Eles andaram vagarosamente pela sala, Chris olhando para a planta morta e decidindo o que fazer. Rebecca foi até a lareira e se agachou perto dela, tocando um catálogo manchado.

Ele não a levaria de volta para a mansão. Mesmo com muita munição, haviam muitas cobras. Eles poderiam ficar no pátio e esperar Brad passar voando, esperar que ele usasse o rádio...

— Chris, achei algo.

Ele virou e a viu tirando alguns papéis do catálogo, as pontas queimadas mas o conteúdo intacto. Ele foi até lá e se inclinou sobre o ombro dela — e sentiu seu coração acelerar quando leu as primeiras palavras.

PROTOCOLOS DE SEGURANÇA

NÍVEL SUBTERRÂNEO UM:

Heliporto/Só para uso executivo. Esta restrição pode não ser aplicada em caso de emergência. Pessoas não autorizadas entrando no heliporto serão baleadas.

Elevador/O elevador para emergências.

NÍVEL SUBTERRÂNEO DOIS:

Visual Data Room/Somente para uso da Divisão de Pesquisa Especial (Special Research Division). Qualquer outro acesso à Sala de Dados Visuais deve ser justificada para Keith Arving, Gerente da Sala (Room Manager).

NÍVEL SUBTERRÂNEO TRÊS:

Prisão/A Divisão de Saneamento (Sanitation Division) controla o uso da prisão. Pelo menos um Consultor de Pesquisa (E. Smith, S. Ross, A. Wesker) deve estar presente se uso viral for autorizado.

Power Room/A Sala de Força possui acesso limitado a Supervisores

do Quartel General. Esta restrição pode não ser aplicada para Consultores de Pesquisa com autorização especial.

NÍVEL SUBTERRÂNEO QUATRO:

Com relação ao progresso do "Tyrant" depois do uso do T-virus...

O resto do papel estava queimado.

— A. Wesker. — Chris disse suavemente. — Capitão Albert Wesker...

Barry disse que Wesker havia desaparecido logo depois que entraram na casa.

E foi Wesker que nos trouxe para esse lugar quando os cães nos atacaram.

O frio, competente e ilegível Wesker, trabalhando para a Umbrella.

Rebecca virou a página e Chris se curvou de novo, lendo as legendas debaixo dos quadrados e linhas.

MANSÃO. JARDIM. HOSPEDARIA. SUBSOLO. LABORATÓRIOS

Tinha até um círculo perto do mapa da mansão, para mostrar o que eles perderam — uma entrada secreta para o subsolo escondida atrás da cascata. Rebecca se levantou, olhos arregalados e incertos.

— O Capitão Wesker está envolvido nisso tudo?

Chris acenou levemente.

— E se ele ainda estiver aqui, deve estar nesses laboratórios, talvez com o resto do time. Se a Umbrella o mandou aqui, só Deus sabe o que ele deve fazer.

Eles tinham que achá-lo, alertar o resto do time sobre a traição de Wesker.

Capítulo 17

Tudo estava feito. Wesker entrou no elevador de volta ao nível três, conferindo sua lista de tarefas... amostras coletadas, discos apagados, energia reconectada, suporte do Tyrant desligado...

Era uma pena sobre Tyrant. Aquela coisa era um maravilha da engenharia genética, cirúrgica e química. Wesker tinha ficado na frente do cilindro dele por um longo tempo, antes de desligar seu suporte de vida. Enquanto os fluídos eram cortados, Wesker ficou imaginando como seria vê-lo em ação, uma vez que fosse terminado. Ele teria sido o melhor soldado, uma beleza no campo de batalha... e agora teve que ser destruído, tudo por que um idiota apertou o botão errado. Um erro que custou milhões de dólares para a Umbrella, e que matou os cientistas que o criaram.

Ele apertou o botão e o elevador o levou para sua última tarefa — ativar o sistema de destruição no fundo da sala de força. Ele ia dar quinze minutos para fugir da explosão, descer a escada de mão do heliporto, pegar a estrada de volta para a cidade — e bum, chega de laboratório escondido da Umbrella. Pelo menos em Raccoon Forest.

Uma vez na cidade, ele telefonaria para o White Office e dizer o que aconteceu. Eles deviam ter um time para varrer a floresta em busca dos espécimes restantes — e estavam muito ansiosos para por as mãos nas amostras de tecido que havia recolhido, duas de cada exceto do Tyrant. Com os cientistas do Tyrant mortos, a Umbrella decidiu cancelar o projeto por enquanto. Wesker achou isso um erro, mas aí, lembrou que não estava sendo pago para pensar.

O elevador parou. Wesker abriu as grades e saiu, colocando a

caixa de amostras no chão. Ele empunhou sua Beretta pensando no caminho da sala de força. Ele tinha que correr pelos Ma2 de novo para ativar o sistema. Ele já tinha os encarado para ativar o circuito do elevador. As criaturas estavam mais agitadas do que esperava; ao invés de enfraquecê-los, a fome deu a eles novos níveis de maldade. Wesker teve sorte em sair inteiro...

Um som hidráulico veio do corredor, Wesker congelou. Passos contra o cimento, e pararam — depois continuaram na direção da sala de força, na outra ponta do corredor.

Wesker se encostou na curva a tempo de ver Jill Valentine desaparecer atrás da porta dupla, o barulho de energia elétrica ecoando, depois sumindo com o fechar das portas.

Como ela passou pelos Hunters? Jesus!

Ele a havia subestimado... se ela era tão boa, os Ma2 podiam não matá-la. Ela estava no meio do caminho para o sistema de destruição. Ele não conseguiria lidar com as criaturas naquele labirinto e tirá-la do caminho...

Frustrado, Wesker pegou as amostras e desceu o corredor, de volta para a porta hidráulica que dava no corredor principal do nível três. Se ela conseguisse sair de lá, ele teria que matá-la; isso só atrasaria sua fuga em alguns minutos. Era muito tarde para acontecer surpresas como esta. Surpresas o deixavam louco, o faziam se sentir fora do controle...

EU ESTOU no controle, nada que eu não possa consertar está acontecendo! Esse é o MEU jogo, minhas regras, e eu vou completar a minha missão sem a interferência daquela ladra...

Wesker andou no corredor principal, viu que Jill havia matado mais alguns cientistas e técnicos que vagavam por lá.

Dois deles estavam bem do lado de fora da porta, suas cabeças explodidas pelo que parecia ser uma espingarda.

Ele chutou um deles furiosamente, sua bota quebrando as fracas costelas do corpo, o barulho alto no silêncio — e de repente, ele ouviu botas descendo a escada de metal do nível dois. Os passos ecoando pelo corredor antes da hesitante voz.

— Jill?

Barry Burton...

Wesker ergueu sua arma friamente, preparado para atirar quando Barry aparecesse — mas a abaixou pensativamente. Depois de um momento, um lento sorriso se espalhou pelo seu rosto.

Capítulo 18

Jill entrou na vaporizada e barulhenta sala, o forte cheiro de graxa no aquecido ar. Era algum tipo de sala da caldeira, e das grandes; um grande maquinário preenchia a ampla câmara, cercado por passadiços de metal avermelhados. Turbinas giravam e batiam, geradores de energia zumbindo enquanto dutos escondidos soltavam vapor em curtos intervalos.

Ela se moveu devagar pelo mau iluminado lugar. De onde estava, ela podia ver que o lugar era um labirinto de caminhos, contornando os grandes blocos de maquinários barulhentos.

A fonte de energia do lugar inteiro. Isso explica como eles mantiveram o lugar em segredo por tanto tempo. Eles tinham sua pequena cidade aqui, totalmente autônoma... deviam ter envio de comida, também...

Ela virou na estreita passagem à sua direita, procurando alguns dos estranhos zumbis que tinha encontrado lá fora, nos corredores do nível três. A passagem parecia deserta, mas com o movimento e barulho das turbinas...

Algo rasgou seu ombro esquerdo, um repentino e violento golpe que abriu seu colete e arranhou a pele abaixo.

Rapidamente, Jill virou e atirou, a espingarda mais alta que as máquinas. O tiro acertou metal, ricocheteando. Não tinha nada atrás dela.

Onde...

De repente, uma garra como lâmina cortou o ar na frente dela,

vindo de cima para baixo.

Ela recuou, olhando para a grade do teto — e viu uma escura forma descer do teto, se pendurando pela grade incrivelmente rápido, garras curvas em suas mãos e pés. Ela reparou nos grossos espinhos em sua achatada e mutante face, depois virou e correu pelas sombras da sala de força.

Tinha uma porta no fim da passagem e Jill correu para ela, coração acelerado, os geradores pulsando em suas orelhas.

Ela estava a um metro e meio da porta quando viu uma sombra se posicionar bem à sua frente. Ela ergueu a espingarda e recuou...

... *mais deles!?*

Haviam duas criaturas acima, agachadas e terríveis, com foices no lugar de mãos. Um deles desceu subitamente, pendurado pelas garras dos pés para golpeá-la com seu braço cortante.

Jill atirou e a criatura gritou, o tiro acertando seu peito. A coisa caiu do teto com sangue escapando do ferimento.

Ela virou na direção da entrada e correu, ouvindo o bater de garras nas grades acima. Outro dos macacos mutantes se pendurou na frente dela, e Jill se abaixou, com medo de parar de correr. O estranho braço da criatura passou a menos de três centímetros de sua orelha.

As portas de metal estavam bem à frente. Jill se jogou nelas, virando a maçaneta e voltando para o frio e calmo corredor. O fechar da porta cortou o agudo grito de um dos monstros que se sobressaía entre os maquinários.

Ela se encostou na porta, suspirando...

... e viu Barry no meio do corredor. Ele correu até ela, uma

expressão de profunda preocupação no rosto dele.

— Jill! Você está bem?

Ela se desencostou da porta, surpresa.

— Deus, Barry, aonde você esteve? Eu pensei que você tivesse se perdido nos túneis.

Barry acenou amargamente.

— Eu me perdi. E eu tive problemas tentando sair.

Ela viu os respingos de sangue na roupa dele, os rasgos em sua camiseta, e percebeu que ele devia ter dado de cara com um daqueles pesadelos verdes. Ele parecia ter estado numa guerra.

Falando nisso...

Ela tocou o ombro, seus dedos voltando com sangue. Era doloroso mas raso; ela iria sobreviver.

— Barry, nós temos que sair daqui. Eu achei alguns papéis lá em cima, provas do que tem acontecido. Enrico estava certo, a Umbrella está por trás de tudo, e um dos S.T.A.R.S. sabia sobre isso. É muito perigoso andar por aí, nós devemos pegar aqueles arquivos e voltar para a mansão, esperar o R.P.D....

— Mas eu acho que achei o laboratório principal. — Barry disse. — Tem um elevador no fim desse corredor. Tem computadores e essas coisas. Nós podemos entrar no sistema deles e ver os arquivos.

Ele não parecia empolgado com o achado, mas Jill pouco percebeu. Com a informação da base de dados da Umbrella: nomes, datas, materiais de pesquisa...

Nós podemos descobrir tudo, presentear os investigadores com um

pacote inteiro...

Jill acenou, sorrindo.

— Mostre o caminho.

***

Os túneis eram frios e confusos, mas o mapa os guiou rapidamente. Rebecca e Chris chegaram no primeiro nível subterrâneo, ambos, molhados e tremendo — e nem um pouco assustados pelas criaturas que enfrentaram pelo caminho. Os cientistas da Umbrella tinham sido nojentamente criativos em sua tentativa de criar monstros.

Chris tentou abrir a porta que supostamente os levaria para o heliporto, mas estava trancada, uma placa de emergência ao lado dizendo que só seria aberta em caso de emergência.

Ele olhou para a estreita passagem da escada e suspirou, virando para ela.

— Eu quero que você fique aqui. Ficando perto do elevador, você pode receber o sinal de Brad lá em cima. Diga a ele onde estamos e o que aconteceu — e se eu não voltar em vinte minutos, volte para o jardim e espere até a ajuda chegar.

Confusa, Rebecca balançou a cabeça.

— Mas eu quero ir com você. Eu posso cuidar de mim mesma, e se você achar algum laboratório, você precisará de mim para dizer o que está vendo...

— Não. Pelo que sabemos, Wesker já matou outros S.T.A.R.S. e

quer terminar o serviço. Se nós somos os últimos, não podemos nos deixar arriscar em alguma emboscada. Alguém tem que sobreviver e contar sobre a Umbrella. Desculpe, mas é o único jeito.

Ele colocou a mão no ombro dela, sorrindo.

— E eu sei que você consegue se cuidar sozinha. Vinte minutos. Eu só quero saber se mais alguém está vivo.

Rebecca abriu a boca como se fosse protestar, mas a fechou, acenando devagar.

— Tá bom, eu fico. Vinte minutos.

Chris virou e começou a descer a escada, esperando poder cumprir a promessa e voltar. O capitão tinha enganado todos eles por semanas, fingindo ser um líder preocupado enquanto as pessoas em Raccoon City estavam morrendo — e ciente de tudo.

Parece que a Umbrella criou mais de um tipo de monstro. E é hora de descobrir quanto estrago eles já fizeram.

***

Barry não conseguia olhar para Jill enquanto pegavam o elevador para o nível quatro. Wesker estaria lá esperando eles, e Jill descobriria sobre a ajuda que Barry havia dado ao capitão.

Ele tinha matado mais três daquelas criaturas nos túneis antes de ir para os laboratórios — só para dar de cara com Wesker, que insistiu para que ele levasse Jill para o nível quatro e o ajudasse a trancá-la. O maldito sorridente o fez lembrar da situação de sua família, e prometeu de novo que aquele seria o último favor, que depois de prender Jill, ele ligaria para o pessoal...

... exceto por ele dizer isso toda hora. Ache as peças e está livre. Me ajude nos túneis e está livre. Engane sua amiga...

— Barry, você está bem?

Ele virou para ela assim que o elevador parou, olhando miseravelmente para seus preocupados olhos.

— Eu tenho estado muito preocupada com você desde que entramos na mansão. — Ela disse, pondo a mão no braço dele. — Eu até pensei... bom, não importa o que eu pensei. Tem algo de errado?

Ele abriu a grade e ergueu a porta externa, uma desculpa para desviar o olhar.

— Eu... é, tem algo errado. — Ele disse quietamente. — Mas agora não é hora. Vamos só terminar com isso.

Jill franziu mas concordou, ainda parecendo preocupada.

— Tá bom. Quando tudo acabar, nós conversamos.

Você não vai querer falar comigo quando isso acabar...

Barry saiu no curto corredor e Jill o seguiu, sua botas contra uma grade de metal. O corredor virava a esquerda bem à frente. Barry diminuiu o passo na pretensão de checar o revólver, deixando Jill passar a sua frente.

Eles fizeram a curva e Jill gelou, olhando para a ponta da arma de Wesker. Ele sorriu para eles, os óculos escuros escondendo seus olhos, seu sorriso convencido.

— Olá, Jill. Que bom te ver por aqui. — Wesker disse. — Bom trabalho Barry. Tire as armas dela.

Ela virou seu assustado olhar para ele enquanto Barry tirava a

espingarda das mãos dela, o rosto dele queimando.

— Agora volte para o nível um e me espere na saída. Eu estarei lá em alguns minutos.

Barry olhou para ele.

— Mas você disse que só queria prendê-la...

Wesker balançou a cabeça.

— Oh, não se preocupe. Eu não vou machucá-la, eu prometo. Agora vá.

Jill o olhou com medo, confusão e raiva.

— Barry?

— Eu sinto muito, Jill.

Ele virou e voltou para o elevador, sentindo-se derrotado e envergonhado — sem falar no medo por Jill. Wesker prometeu, mas sua palavra não significava nada. Ele provavelmente a mataria quando ouvisse o elevador se movendo — *e se eu não estiver no elevador? Talvez eu ainda possa fazer algo para mantê-la viva...*

Barry correu para o elevador e abriu as grades — depois apertou um botão, mandando o elevador para o nível três — sem passageiro. Bem devagar, ele voltou para a curva, ouvindo.

— ... não digo que estou surpresa, mas como você conseguiu a ajuda de Barry? Jill disse.

Wesker riu.

— O velho Barry teve alguns problemas em casa. Eu disse que a Umbrella tinha uma equipe vigiando a casa dele, querendo matar sua preciosa família. Ele ficou tão feliz em ajudar.

Barry apertou seu punho.

— Seu desgraçado, você sabia? — Jill disse.

— Talvez. Mas eu serei um desgraçado rico quando tudo terminar. A Umbrella está me pagando muito dinheiro para arrumar um pequeno problema, e se livrar de alguns S.T.A.R.S. intrometidos durante o processo.

— Por que a Umbrella quer destruir o S.T.A.R.S.? — Jill perguntou.

— Oh, não todos eles. Eles tem grandes planos para nós, ao menos aqueles que querem ser beneficiados. E é você, chorona e bondosa que eles não querem — os vermelho, branco e azul, os torta de maçã e assim por diante. Do jeito que Redfield tem andado, falando sobre conspirações — você acha que a Umbrella não percebeu? Isso tem que acabar aqui. Todo esse lugar foi projetado para explodir em caso de acidente... e a fuga do vírus Tyrant é um motivo. Quando vocês estiverem mortos e esse lugar destruído, ninguém saberá da verdade.

O filho da mãe ia matar todos nós...

— Já é o suficiente sobre a Umbrella. Eu trouxe você aqui para uma pequena experiência da minha parte. Eu quero ver como o nosso membro mais ágil se vira com o milagre da ciência moderna. Se você passar por aquela porta...

Barry se encostou na parede assim que Wesker andou e parte de seu ombro ficou aparecendo. Barry colocou a mão na Colt e a tirou do coldre vagarosamente.

— Eu não acredito que você está fazendo isso. — Jill disse. — Traindo para proteger um bando de chantagistas imorais...

— Chantagistas? Oh, você quer dizer Barry. A Umbrella não se

incomodaria com chantagistas. Eles podem comprar pessoas do mesmo jeito. Eu fiz tudo aquilo para ele me ajudar...

Barry desceu a coronha de sua Colt na cabeça de Wesker o mais forte que podia, derrubando o capitão igual a uma tonelada de tijolos.

Capítulo 19

Jill olhou surpresa quando de repente Wesker parou de falar e caiu no chão — e Barry apareceu, olhando para o corpo dele com ódio, de Colt na mão.

Ela se agachou próximo a Wesker e tirou a Beretta da mão dele, pondo-a em seu cinto.

Barry olhou para ela, seus olhos boiando em apologias.

— Jill, eu sinto muito. Eu não devia ter acreditado nele.

Jill o olhou por um momento, pensando nas filhas dele. Moira tinha a idade de Becky McGee...

— Tudo bem. — Ela disse, finalmente. — Você voltou, isso é o que importa.

Barry devolveu as armas para ela, e ambos olharam para o capitão esparramado no chão, ainda respirando mas inconsciente.

— Você não tem algemas aí, né? — Barry perguntou.

Ela balançou a cabeça.

— Nós podemos ver o laboratório, pode haver algum cabo ou corda que possamos usar. Além disso, eu estou um pouco curiosa para ver esse tal "milagre da ciência moderna"...

Ela virou e apertou o botão que operava a porta hidráulica, percebendo o símbolo de risco biológico no chão. A porta deslizou para dentro da parede e os dois entraram.

Uau...

Era uma imensa sala de teto alto com painéis de monitoramento nas paredes e cabos correndo pelo chão, conectados a uma série de tubos de vidro enfileirados. Haviam oito tubos vazios no centro da sala, grandes o bastante para caber um homem adulto.

Barry se abaixou e pegou um cabo, procurando uma faca no bolso enquanto Jill andava para o fundo da sala. Ela olhava os equipamentos médicos e técnicos — e parou, olhando, sentindo seu queixo cair.

Na parede do fundo, estava um tubo muito maior, três ou quatro metros de altura, equipado com seu próprio computador — e a coisa lá dentro o preenchia de cima a baixo, boiando em um líquido esverdeado. Era monstruoso.

— Jill, eu peguei o cabo. Eu...

Barry parou ao lado dela, suas palavras sumindo assim que viu a abominação.

Silenciosamente, eles andaram até ele, incapazes de resistir uma olhada de perto.

Ele era alto, mas proporcionalmente correto, pelo menos o corpo muscular e as pernas longas; essas partes pareciam humanas. Um de seus braços foi alterado para um grupo de fortes e grandes garras que chegavam até o joelho, embora o outro parecesse normal. Tinha um grande e vermelho tumor perto de seu ombro direito, e Jill percebeu, olhando para sua bulbosa massa, que aquilo era o coração da criatura; e estava pulsando devagar, inchando e contraindo em vagarosas e ritmadas batidas.

Ela parou na frente do tubo, impressionada com a abominação. Ela podia ver linhas de cicatrizes em seus membros, cicatrizes cirúrgicas. A coisa não tinha órgãos genitais. Ela olhou para seu rosto e viu que partes de carne foram removidas; o lábios se foram e

ele parecia sorrir largamente para ela.

— Tyrant. — Barry disse cochichando.

Jill olhou para Barry e o viu franzindo para o computador conectado ao tubo por vários cabos.

Ela voltou a olhar para Tyrant. Seja lá o que fosse agora, ele já tinha sido humano. A Umbrella o havia transformado em uma abominação.

— Nós não podemos deixá-lo assim. — Ela disse suavemente, e Barry acenou.

Ela foi até Barry no computador, olhando para os botões. Tinha que haver um botão que acabasse com a vida dele; ele merecia.

Tinha um grupo de seis botões vermelhos na parte de baixo e Barry apertou um deles. Nada pareceu ter acontecido. Ele olhou para ela, que acenou para continuar. Ele usou o lado da mão para apertar todos eles.

E então houve um súbito *thump*...

Ambos olharam em volta. O tubo, antes cheio do líquido esverdeado, agora estava vazio — e Tyrant estava levando seu braço para trás para golpear o vidro novamente. O vidro começou a rachar, apesar de ter vários centímetros de espessura.

— Ah... MERDA!

Barry agarrou o braço dela enquanto a criatura dobrava suas articulações para outro golpe.

— Corra!

Eles correram. Barry jogou sua mão no controle da porta dupla e ela abriu. Atrás deles, o vidro se estilhaçou. Eles cruzaram a porta,

aterrorizados, Barry apertando o botão — e viu que Wesker não estava lá.

***

Wesker correu para a sala de força, sua cabeça pulsando, seus membros parecendo distantes e cansados. Ele se sentia como se fosse vomitar.

Maldito Barry...

Eles tinham pego sua arma. Wesker tinha voltado a si quando eles entraram no laboratório, e foi para o elevador, amaldiçoando os dois, amaldiçoando a si mesmo por não ter matado os S.T.A.R.S. quando teve a chance.

Mas ainda não acabou. Eu ainda estou no controle. Esse é o meu jogo...

As amostras ficaram lá no laboratório, provavelmente sendo destruídas por aqueles idiotas. Tyrant também.

Wesker alcançou a porta da sala e se encostou nela, fazendo força para respirar.

Sangue escorria de suas orelhas e ele balançou a cabeça, tentando limpar a estranha neblina em sua visão.

Ele não tinha as amostras de tecido, mas ainda podia completar a missão. Era muito importante que ele a completasse. Isso envolvia controle, e controle era o seu jogo.

... o sistema de destruição, cuidado com os macacos.

Os Ma2, ele tinha que ser cuidadoso. Wesker abriu a porta e

começou a correr, o chão parecendo muito distante depois muito perto. As máquinas estavam fazendo barulho. Sua mão encontrou a grade da parede e ele foi na direção do fundo da sala, tentando correr mas descobrindo que suas pernas não estavam interessadas.

Uma garra veio de cima e cortou seu couro cabeludo, arrancando uma mecha de cabelo. Ele sentiu um quente líquido descer nas costas do se pescoço e começou a correr, a dor em sua cabeça ainda mais forte.

Pegaram a minha arma, idiotas, pegaram a minha arma...

Ele alcançou a porta, e assim que a abriu, algo pesado pulou em suas costas, o levando para a próxima sala. Ele sentiu a fria grade do chão e o terrível grito em seu ouvido. Grossas garras perfuraram a pele de suas costas, e Wesker esbofeteou a coisa que estava tentando matá-lo.

Ele acertou a criatura o mais forte que pôde, empurrando sua garganta. A coisa pulou, aterrissando na grade da parede e voltando para o teto.

Wesker se levantou e correu, ondas de dor e náuseas passando por ele. O ar estava quente, as turbinas altas e cruéis — mas ele pôde ver a porta, a porta que dava no fim de sua missão.

Todos os S.T.A.R.S. mortos, jogados em órbita enquanto eu fujo, um homem rico...

Ele abriu a porta e correu para o monitor no outro canto. Estava mais calmo lá, mais frio. As grandes máquinas sussurravam suavemente para ele, bem diferente da sala anterior. Eram as máquinas que queriam recuperar o controle dele.

O barulho da porta aberta atrás dele parecia distante assim que ele alcançou o brilhante monitor, seus dedos dormentes tocando o

teclado abaixo.

Ele achou a senha que queria, o código sendo digitado e aparecendo no monitor num suave tom verde, depois de alguns erros. Uma sensual e calma voz o informou que a contagem começaria em trinta segundos. Tonto, ele tentou lembrar onde podia ajustar o cronômetro. O sistema dispararia automaticamente em cinco minutos, mas ele tinha que dar mais tempo para se reorientar e fugir de lá...

Atrás dele, algo gritou...

Wesker olhou em volta, confuso — e viu quatro dos macacos correndo para ele, balançando os longos e curvos braços assim que o alcançaram. Uma terrível dor atingiu suas pernas e ele caiu no chão.

Isso não pode acontecer.

Uma das criaturas saltou em seu ombro e de repente, Wesker não podia respirar, nem mexer seus braços para afastá-lo. Outro perfurou sua perna esquerda, arrancando um grande pedaço de carne com as garras em forma de foice. A terceira e quarta criaturas gritavam em um selvagem coro, dançando em volta dele como crianças.

De algum modo teve sangue em seus olhos, e o mundo estava girando, gritos e um incrível calor embaçando sua visão, sua mente.

Tyrant veio. Wesker podia senti-lo, sentir a presença de algo vasto e poderoso o tocando. Sorrindo através da dor, o capitão o procurou pelo nevoeiro vermelho em sua falha visão, querendo mais do que qualquer coisa vê-lo massacrar seus agressores — mas Wesker só podia ver a imensa sombra que parecia flutuar sobre ele, através dele, só podia imaginar o poderoso guerreiro vindo tirá-lo de seu tormento...

Eu controlo, me deixe ver...

A escuridão roubou suas esperanças, e Wesker não pensou mais.

***

... S.T.A.R.S. Alpha Team, Bravo, qualquer um — se você não puder responder, tente sinalizar! Eu estou ficando sem combustível, entendido? Aqui é Brad! Repito - S.T.A.R.S. Alpha Team...

Rebecca apertou o botão, falando rápido.

— Brad! Há um heliporto na mansão de Spencer, você tem que ir para lá! Brad, venha!

Houve um alto grito e Rebecca ouviu o que deveria ter sido a palavra “entendido” — mas o resto estava perdido.

Entendido no sentido de que ele entendeu o que eu disse? Ou se eu entendi a mensagem que ele repetiu?

Não tinha como saber. Brava e preocupada, Rebecca segurou o rádio firmemente, esperando que ele a tenha ouvido.

De repente, um alarme tocou na quieta sala através de algum alto-falante escondido no teto. Rebecca pulou, olhando em volta. Houve um *click* na porta que levava ao heliporto, e Rebecca foi até ela, agarrando a maçaneta.

A porta tinha se destrancado.

Uma fria e feminina voz começou a falar, devagar e claramente sob o pulsante alarme.

O sistema de disparo foi ativado. Todos devem evacuar imediatamente ou interromper o processo de ativação. Vocês tem cinco minutos. O sistema...

Assim que a mensagem gravada foi repetida, Rebecca ficou parada na porta e olhou o poço da escada, seu sangue correndo, esperando ver Chris emergir do nível inferior.

Fazia alguns minutos desde sua saída, e o tempo já estava se esgotando.

Capítulo 20

Jill e Barry saíram do elevador e voltaram para o corredor principal do nível três, a fria voz dizendo que eles só tinham quatro minutos e meio.

Eles passaram pela porta e correram, fazendo a curva — e vendo Chris Redfield subindo a escadaria de metal.

— Chris! — Jill gritou.

Ele virou, seu rosto se iluminando ao vê-los correndo em sua direção.

— Vamos! — Ele gritou. — Tem um heliporto no nível um!

Graças a Deus!

Chris esperou eles alcançarem a base da escada e depois seguiu em frente, contornando a escada e segurando a porta aberta.

Jill e Barry subiram e correram, a voz anunciando quatro minutos e quinze segundos para fugir.

Barry subiu a escada de mão primeiro, depois Jill, e Chris logo atrás. Eles chegaram no nível um. Jill viu Rebecca na saída de emergência, a jovem face dela cheia de ansiedade.

Os quatro correram pelo corredor cheio de curvas, Jill rezando para que tivessem tempo para saírem de lá.

Espero que você queime aqui, Wesker.

Havia um grande elevador no final do corredor e Barry abriu as grades, segurando-as até todos entrarem. Ele entrou por último. Eles tinham quatro minutos.

O elevador começou a subir e Jill olhou seu relógio, seu coração pulando enquanto os segundos passavam.

Não vai dar, nunca conseguiremos...

O elevador parou e Chris abriu as grades, o morno ar da madrugada passando por eles. Não havia alarmes nem a voz no heliporto — mas havia o doce e maravilhoso som do helicóptero acima, circulando.

— Ele me ouviu! — Rebecca gritou, e Jill sorriu, sentindo uma súbita onda de afeição pela jovem.

O heliporto era imenso, a grande área cercada por altas paredes de concreto, um círculo pintado de amarelo no cimento do chão, mostrando a Brad onde devia pousar. Barry e Chris balançaram os braços desesperadamente, sinalizando para o piloto se apressar. Jill olhou o relógio de novo, um pouco mais de três minutos e meio restando.

Mais de que suficiente...

CRASH!

Jill virou e viu pedras de concreto voando pelo ar, vindos do canto nordeste do heliporto. Uma garra gigante se ergueu do buraco, se apoiando no dentado buraco...

... e Tyrant se ergueu no heliporto, se levantou... e partiu para eles.

Mas que diabos é aquilo?

Devia ter uns três metros, partes de seu corpo gigante eram mutiladas e deformadas, seu sorridente rosto focalizando eles enquanto se levantava. Ele se moveu para eles numa vagarosa caminhada, a grande garra do seu braço esquerdo se mexendo.

Não dá tempo, Brad não pode pousar...

Chris mirou no escuro tumor no peito da criatura e atirou, apertando o gatilho cinco vezes, três balas acertando o alvo. Os outros dois erraram o alvo por centímetros...

... e a criatura nem diminuiu o passo.

— Se espalhem! — Barry gritou.

Os S.T.A.R.S. se separaram, Jill empurrando Rebecca para o canto mais distante, longe do monstro. Chris foi para a parede mais ao sul. Barry apontou sua Colt para a besta que se aproximava.

Três balas .357 acertaram sua barriga, os tiros ecoando pelas altas paredes de concreto. De repente, a criatura aumentou a velocidade, correndo na direção de Barry, jogando suas garras para trás...

... e assim que Barry saiu do caminho, a coisa passou por ele se encurvando, levando as garras para cima como se fosse arremessar uma bola. As garras rasparam no chão de cimento, arranhando-o como se fosse manteiga.

Assim que o monstro passou, parou de correr, virando casualmente para ver Barry à sua frente e atirando.

A bala arrancou um pedaço de carne do ombro direito da coisa. Sangue escorrendo pelo seu peito e se juntando ao ferimento na barriga.

Acima, o helicóptero ainda circulava, incapaz de pousar — e ainda não havia sinais de danos na criatura. Ela começou a correr de novo, soltando sua desumana mão enquanto ia para Barry — bem na hora em que seu revólver ficou vazio.

Barry correu, mas o monstro o acompanhou...

... e sua garra levou o Alpha para o chão.

Barry!

Chris correu, atirando nas costas da criatura que se inclinava sobre Barry. Ele estava de costas para cima, seu colete rasgado, seus olhos aterrorizados...

... e o monstro sentiu as balas, por que se virou, fixando seu terrível olhar em Chris. Barry se levantou e correu.

Nós não temos tempo!

Chris esvaziou o clip, os últimos tiros acertando seu rosto. Pedaços de dente voaram da boca sem lábios da criatura, caindo no concreto em uma chuva de branco e vermelho.

O monstro não pareceu abalado e correu para Chris numa incrível velocidade.

Jill e Rebecca estavam atirando, gritando, tentando desviar a atenção da criatura, mas ela já estava fixada, levando sua garra para trás...

... vá esperando...

Chris mergulhou para o lado no último segundo e o monstro passou voando, arranhando o cimento onde o Alpha esteve.

Chris correu, sentindo não ter mais tempo.

Barry sentiu sangue correr pela sua coxa, sua pele cortada pela brutal lâmina do Tyrant. A dor era suportável; mas o conhecimento de que iriam morrer não era.

Nós explodiremos se não formos cortados em pedaços...

Tyrant virou sua atenção para Jill e Rebecca, ambas atirando nele. Ele começou sua lenta caminhada para elas, ainda indiferente

com os buracos ensanguentados em seu corpo. Tiros de 9 mm mancharam sua pele de sangue, mas ainda continuou andando.

O vento passou por Barry assim que o barulho das pás do helicóptero ficou mais alto. Ele ouviu um grito vindo de cima.

— Descendo!

Barry olhou para o helicóptero, flutuando a seis metros do chão — e viu um escuro objeto cair da porta lateral aberta, caindo no chão.

Chris estava mais perto e correu para o objeto.

Tyrant quase alcançou as duas quando elas se separaram, indo para diferentes direções. A criatura virou para Jill sem hesitar, jogando seu fixo olhar nela.

— Jill, por aqui! — Chris gritou.

Barry virou — e viu que Chris tinha um grande lança-mísseis apoiado em seu ombro.

Jill foi até Chris, o "Tirano" mais perto.

— Saia!

Ela foi para o lado e rolou no chão enquanto Chris atirava, o *whoosh* do projétil quase perdido sob os barulhentos rotores do helicóptero...

... mas a explosão não. A bala acertou Tyrant no peito — e num estouro de luz incendiária e um ensurdecedor som, a bala explodiu o monstro em milhões de pedaços.

Mesmo com os pedaços de carne caindo, Brad desceu a aeronave e o quatro S.T.A.R.S. correram. Os apoios nem tocaram o chão e Jill já tinha mergulhado na cabine, Chris, Rebecca e Barry

atrás.

— Vá, Brad, agora! — Jill gritou.

O pássaro levantou vôo e acelerou.

Capítulo 21

A calma voz feminina só foi ouvida por ouvidos inumanos.

Vocês tem cinco segundos, três, dois, um. Ativação do sistema agora.

O circuito que cercava o complexo inteiro foi conectado.

Com um terremoto de barulho e movimento, o bem de Spencer explodiu. Dispositivos se ativaram simultaneamente no perímetro das construções. Paredes de mármore caíram sobre o desintegrante chão da velha e bela mansão. Rochas quebraram e concreto explodiu em uma magnífica poeira escura. Enormes bolas de fogo se ergueram no céu da madrugada, e puderam ser vistas a quilômetros de distância em seu breve momento de brilho.

Assim que o último estrondo ecoou pela floresta, o destroços começaram a queimar.

EPÍLOGO

Os quatro estavam quietos enquanto Brad os levava para a cidade. E pensar que tinha milhões de perguntas a fazer, mas algo no silêncio não chamava conversa. Chris e Jill estavam olhando pela janela, o fogo que estava consumindo a mansão, suas expressões amargas. Barry se encostou na parede da cabine, olhando para suas mãos como se nunca as tivesse visto antes. Rebecca estava andando entre eles, cuidando dos ferimentos deles sem dizer uma palavra.

Brad ficou calado, ainda se sentindo sortudo por ter decolado mais cedo. Ele esteve no inferno desde então, voando em círculos enquanto o combustível se esgotava. Foi um pesadelo, e ele queria mijar como ninguém.

E aquele monstro...

Ele tremeu. Seja lá o que fosse, Brad estava feliz por não ter morrido. Ele usou toda sua coragem para não fugir quando viu a criatura. Por ter se preocupado, o piloto merecia um pouco de consideração por ter chutado o lança-mísseis pela porta.

Ele olhou para os quatro, imaginando se poderia contar sobre a estranha chamada que recebeu pelo rádio. Logo depois que Rebecca disse algo sobre um heliporto pela estática, um limpo e sólido sinal apareceu, uma voz masculina calmamente dizendo as coordenadas exatas. O cara estava escutando, o que é estranho — mas o fato dele saber o local bem o bastante para dar as direções a Brad, era mais assombroso.

Ele franziu, tentando lembrar o nome do homem misterioso.

Thad? Terrence?

Trent. Isso mesmo, ele disse que se chamava Trent.

Brad decidiu contar isso outra hora. Por enquanto ele só quer ir para casa.

RESIDENT EVIL
VOLUME I
THE UMBRELLA CONSPIRACY
S.D.PERRY
BASED ON THE BESTSELLING VIDEOGAME FROM CAPCOM

(Nota 1) D.C. - District of Columbia (Distrito de Columbia). Onde fica a capital dos Estados Unidos, Washington.

(Nota 2) Hacker - Pessoa que desenvolve programas para interceptar mensagens eletrônicas, decodificar segredos ou invadir sistemas protegidos.

(Nota 3) Arklay Mountains - Nome da cadeia montanhosa situada nos limites de Raccoon City.

(Nota 4) Raccoon Forest - Floresta localizada nos limites de Raccoon City.

(Nota 5) NRA - National Recovery Administration. (Administração de Recuperação ou Resgate Nacional). No governo dos Estados Unidos.

(Nota 6) Lockpicks - (palavra em inglês) Objetos usados para a abertura de fechaduras.

(Nota 7) Serotonina, Norepinefrina e Dopamina - São neurotransmissores, moléculas que levam impulsos nervosos entre um neurônio e outro.

(Nota 8) Massachusetts - Estado dos E.U.A.

(Nota 9) Citosina - Constituinte essencial dos ácidos nucléicos. Adenina - Base purínica constitutiva dos ácidos nucléicos.

(Nota 10) Beethoven, Ludwig Van Beethoven (1770 - 1827). Compositor Alemão.

(Nota 11) Herbicida - Substância que destrói ervas danosas, que causam danos.

(Nota 12) Fitobiologia - Biologia botânica.

(Nota 13) Hiosciamina - Tipo de alcaloide (substância nitrogenada

cuja molécula abriga pelo menos um átomo de nitrogênio salificável. Anidrido - Substância química derivada de um ácido pela eliminação de uma ou mais moléculas de água. Dieldrin - Tipo de inseticida (composto químico).